

**AS MÍDIA JORNALÍSTICAS BRASILEIRAS  
E A VIOLÊNCIA NA COMUNICAÇÃO  
SOCIAL: O CASO DOS ENREDOS DE  
PROTESTO DO CARNAVAL DE 2020.**

**Dissertação de Mestrado**

**RODRIGO LAUREANO DA SILVA**

Trabalho realizado sob orientação  
e da Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto  
e da Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

LEIRIA, DEZEMBRO DE 2020

**AS MÍDIA JORNALÍSTICAS BRASILEIRAS  
E A VIOLÊNCIA NA COMUNICAÇÃO  
SOCIAL: O CASO DOS ENREDOS DE  
PROTESTO DO CARNAVAL DE 2020.**

**Dissertação de Mestrado**

**RODRIGO LAUREANO DA SILVA**

Trabalho realizado sob orientação  
da Professora Doutora Maria Antónia Belchior Ferreira Barreto  
e da Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

LEIRIA, DEZEMBRO DE 2020

# DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, à minha esposa, Mônica Souza, que sempre esteve ao meu lado, grande colaboradora e incentivadora e ao meu querido filho, João Pedro Laureano, que ansiou muito a conclusão para estar mais tempo juntos.

# AGRADECIMENTOS

Este é o resultado de dois anos de curso, no qual tive a oportunidade de crescer não só intelectualmente, mas também como pessoas. As dificuldades encontradas durante o percurso me fizeram ver a vida de forma diferente, principalmente a pandemia ocorrida no ano de 2020 a qual me impossibilitou estar presencialmente com os envolvidos no estudo e ter acesso à recursos físicos de pesquisa. Por isso, chegou o momento de agradecer aos que me ajudaram a superar as dificuldades.

A Deus que sempre coloca no meu caminho pessoas especiais. Aquele que me concede forças para vencer os obstáculos.

À Professora Doutora Antónia Belchior Ferreira Barreto e a Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes por me orientarem neste trabalho com dedicação, motivação.

A todos os meus professores do Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Comunitário - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

A todos os professores que passaram por minha trajetória académica, contribuindo para minha formação.

Ao Politécnico de Leiria pela oportunidade de acesso e pela estrutura eficaz.

Ao Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Comunitário - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais pelo curso ministrado.

A todos os voluntários que participaram da entrevista para este trabalho.

## **RESUMO**

O presente estudo tem como principal foco abordar se as mídias contribuem para a violência no cotidiano brasileiro por meio da comunicação, nomeadamente as mídias jornalísticas. Para tanto refletimos sobre a manifestação da violência na sociedade e a importância da mídia na comunicação, apresentamos o método de comunicação não violenta e fazemos uma análise da influência das mídias jornalísticas sobre a violência na comunicação. A presente pesquisa torna-se pertinente no sentido de analisar atitudes, que não desenvolvem uma comunicação saudável e conseqüentemente estimulam a violência social.

O estudo consiste numa pesquisa aplicada de caráter exploratório e descritivo, com resultados tratados de maneira qualitativa, a partir da recolha de informações, utilizando como técnica de recolha de dados entrevistas semiestruturadas, feitas a sete participantes moradores no Rio de Janeiro.

Foi possível concluir que os entrevistados consideram que as mídias jornalísticas contribuíram para a violência desenvolvida no carnaval 2020 e que sendo um setor da sociedade que tem a função de propagar a informação, o faz de maneira a satisfazer outros interesses, sem se preocupar com a violência gerada numa sociedade que tem dificuldade em aceitar as diferenças sociais, culturais, econômicas.

Palavras chave: Violência nas mídias, comunicação, carnaval brasileiro.

## **ABSTRACT**

This study has as its main focus to address whether the media contribute to violence in Brazilian daily life through communication, namely the news media. Therefore, we reflect on the manifestation of violence in society and the importance of the media in communication, we present the method of non-violent communication and we analyze the influence of the journalistic media on violence in communication. This research is relevant in the sense of analyzing attitudes, which do not develop healthy communication and consequently stimulate social violence.

The study consists of an exploratory and descriptive applied research, with results treated in a qualitative way, from the collection of information, using semi-structured interviews as a data collection technique, made to seven participants living in Rio de Janeiro.

It was possible to conclude that the interviewees consider that the journalistic media contributed to the violence developed during Carnival 2020 and that being a sector of society that has the function of spreading information, it does so in a way that satisfies other interests, without worrying about the violence generated in a society that has difficulty accepting social, cultural and economic differences.

Keywords: media violence, communication, brazilian carnival.

# ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT .....	vi
ÍNDICE GERAL .....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	X
INTRODUÇÃO.....	1
1 – VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO.....	3
1.1 – GÊNESE DA VIOLÊNCIA NO SER HUMANO.....	3
1.2 – A COMUNICAÇÃO E A MODERNIZAÇÃO DA DISSEMINAÇÃO DE VIOLÊNCIA.....	13
1.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
2 – A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA.....	28
2.1 – UMA NOVA FORMA DE SE COMUNICAR.....	28
2.2 – MODOS DE OBSERVAR.....	33
2.2.1 – JULGAMENTOS MORALIZANTES(JUÍZOS, RÓTULOS E CATEGORIAS).....	35

2.2.2 – PRECONCEITOS, CRENÇAS ESTABELECIDAS E AUTOMATISMOS.....	36
2.2.3 –FAZER COMPARAÇÕES.....	37
2.2.4 – A VIDA BASEADA NO CERTO E NO ERRADO.....	37
2.2.5 – PÔR A CULPA NOS OUTROS.....	38
2.2.6 – RELACIONAMENTOS BASEADOS EM MERECEMENTO.....	39
2.3 – A IMPORTÂNCIA DE EXPRESSAR SENTIMENTOS.....	40
2.4 – PERCEBER AS NECESSIDADES DO OUTRO.....	42
2.5 – FAZER PEDIDOS.....	43
2.6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
3 - METODOLOGIA .....	46
3.1-PROBLEMÁTICA, PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO.....	46
3.2- DESENHO DA INVESTIGAÇÃO.....	48
3.3 – TÉCNICA DE RECOLHA DE DADOS.....	48
3.4-POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	49

3.5 – TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS.....	51
4 – CONTEXTO DE VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	52
4.1 – O CARNAVAL E A VIOLÊNCIA.....	52
4.2 – O ANTAGONISMO ENTRE O JORNALISMO E A POLITICA.....	56
5 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E COMENTÁRIO DE DADOS.....	58
O JORNALISMO E A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO.....	58
RESPONSABILIDADE SOCIAL DO JORNALISMO.....	60
JORNALISMO LIVRE.....	61
O JORNALISMO E O CUIDADO COM OS SENTIMENTOS E NECESSIDADES.....	62
JORNALISMO E VIOLÊNCIA.....	65
INTERESSES QUE CONDUZEM À VIOLÊNCIA .....	66
A RESPONSABILIDADE DO RECETOR.....	67
A NATUREZA DO CIDADÃO.....	69
EMPATIA E VIOLÊNCIA.....	71

CONCLUSÃO.....	74
BIBLIOGRAFIA.....	79
ANEXOS.....	82
ANEXO I – GUIÃO DA ENTREVISTA.....	82
ANEXO II – ENTREVISTAS.....	83
ENTREVISTA 1.....	83
ENTREVISTA 2.....	87
ENTREVISTA 3.....	91
ENTREVISTA 4.....	94
ENTREVISTA 5.....	97
ENTREVISTA 6.....	100
ENTREVISTA 7.....	103

# ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1.....	55
FIGURA 2.....	56

# INTRODUÇÃO

Não é difícil perceber como o Brasil, um país visto mundialmente como uma nação de povo alegre e hospitaleiro, é permeado quotidianamente por eventos de natureza violenta, o que pode ser observado ao assistirmos a qualquer jornal de notícias difundido pelas emissoras de televisão do país. Essa violência tem a sua gênese manifesta a partir de processos de comunicação mal estabelecidos, que precisam de ser avaliados de forma mais criteriosa, de modo a serem entendidos. Para entender melhor como se dá a manifestação dessa violência na comunicação, iremos observar o carnaval carioca de 2020, um evento divulgado pela mídia jornalística, que ganhou especial atenção por deflagrar focos de violência, principalmente nas redes sociais, o que levou parte da opinião pública a eleger a mídia jornalística, juntamente com as escolas de samba, como responsáveis por esses atritos porque levaram a público manifestações polêmicas de protesto que tocam a religiosidade cristã, à qual pertence a maior parte do povo brasileiro, e outros aspectos políticos sensíveis à população.

A violência gerada à volta do carnaval e de outros eventos em menor intensidade, leva-nos a questionar o modo como a comunicação no Brasil está sendo implementada, tanto no que diz respeito às informações da mídia à população como à comunicação entre os cidadãos.

O fato de utilizar o carnaval carioca de 2020 como estudo de caso para avaliar a influência da mídia jornalística deve-se à importância que o brasileiro dá a essa manifestação cultural.

A dissertação tem como principal importância analisar a violência social no referido contexto à luz do método de comunicação não violento (CNV), criado pelo psicólogo americano Marshall Rosenberg, de modo a entender quais os pilares descritos pelo método (Observação, sentimentos, necessidades e pedidos) que não estão sendo observados na comunicação sobre o evento. “A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas.” (Rosenberg, 2015, p.21). A pesquisa procura ainda entender alguns aspectos relacionais que acontecem neste momento de conflito, como por exemplo verificar se existe algum agente fomentando disputas ou interesses que levam a esse tipo de comportamento, se este agente, ao transmitir as suas informações, o faz de maneira imparcial e igualitária, ainda que na sua perspectiva pois devemos lembrar que, muitas vezes, o principal não está no que falamos, mas no que os outros ouvem.

Entendendo o desencadeamento destes atritos sociais, é possível organizarmo-nos de forma a buscar um processo de comunicação saudável, onde o método de comunicação não violenta, aqui apresentado, possa ter impacto para unir o tecido social, e principalmente, dando a importância

devida ao processo de observação dos comportamentos gerados, por determinadas informações, redobrando o cuidado e a habilidade em transmiti-las. Melhorar a comunicação de uma sociedade traz consigo a oportunidade de facilitar a aceitação das reivindicações de determinada categoria, já que os atritos levam à impossibilidade em observar e ouvir visões distintas.

“Todos sabem que para curar uma ferida é preciso limpá-la, ou seja, examinar detidamente a origem do mal, ir a fundo, exterminá-la e só então deixar que ela respire, repouse, cicatrize. Sem dúvida dói, mas não faz mal.” (D’ansebourg,2018 s.p)<sup>1</sup>

Sendo assim, a presente dissertação estabeleceu como pergunta de partida: Qual a percepção dos brasileiros sobre o papel da mídia jornalística na violência desenvolvida no carnaval de 2020?

Em conformidade com a pergunta de partida estabelece-se o seguinte objetivo geral: Identificar a influência das mídias jornalísticas brasileiras na violência da comunicação social, sobre os enredos de protesto do carnaval de 2020.

Os objetivos específicos do presente trabalho são: Conhecer a opinião dos cariocas sobre os enredos do carnaval 2020, relacionar as opiniões dos cariocas com suas percepções sobre a forma como a mídia divulga as informações e analisar onde e porquê ocorrem atritos na comunicação.

Para atingir os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas que constituem o suporte teórico, foram analisadas jornais de grande circulação, e esse material serviu de base para a pesquisa de campo.

Esta dissertação será dividida em duas partes, parte teórica e parte empírica. A parte teórica esta dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo será analisada a evolução da violência no desenvolvimento humano e no contexto social e as suas manifestações nos espaços de poder. Será analisada ainda a comunicação e a disseminação da violência pelas mídias na propagação da informação.

No segundo capítulo será visto como se estabelece o método de comunicação não violenta (CNV) proposto pelo psicólogo americano Marshall Rosenberg, o qual tem como pilares fundamentais a observação, os sentimentos, as necessidades e os pedidos.

Na segunda parte da dissertação- parte empírica- apresentamos no capítulo três a metodologia do trabalho de campo e no capítulo quatro a apresentação, análise e comentário dos dados recolhidos. A conclusão contém um breve resumo da parte teórica, da parte empírica, a resposta à pergunta de partida e as dificuldades na elaboração do relatório.

---

<sup>1</sup> Livro Kindle da Amazon não tem marcação por página, seus progressos são marcados por posição e porcentagem.

Posição:1700 de 3523 – 49%

## PARTE TEORICA

# Capítulo1 – VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO

### 1.1 - GÊNESE DA VIOLÊNCIA NO SER HUMANO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS,2002), define-se violência como: *O uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação", embora o grupo reconheça que a inclusão de "uso do poder" em sua definição expande a compreensão convencional da palavra."*

*Segundo Paviani (2003) "a origem do termo violência, do latim violentia, expressa o ato de violar alguém ou se violar. Além disso o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tal como: ferimentos, tortura, morte ou dano psíquicos que produzem humilhação, ameaças e ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso a sua dimensão moral e ética. (como citado em Moderna, 2016, p.08).*

A violência pode ser observada escondida, velada ou explicitada por todo o tecido social, independente da época e da localização geográfica em que examinamos os eventos sociais. É um traço das relações humanas que se manifesta de várias formas, sejam elas: físicas, verbais, psicológicas, sexuais, patrimoniais e morais. Enraíza-se em todas as sociedades independente de raça, credo, etnia e condição social, em maior ou menor grau.

Ao se manifestar de forma tão complexa e plural na sociedade, pode- se perceber uma acomodação a determinadas formas de violência em algumas comunidades, às quais damos o nome de violência institucionalizada, causada por órgãos do estado que deveriam promover o bem estar de seus cidadãos ou a violência velada, as quais se manifestam das formas mais sutis, como palavras depreciativas em contexto familiar.

Existe um vetor comum entre os vários tipos de violência e único causador de sua proliferação é o Homem. Logo, fica claro que toda violência manifesta no meio na sociedade, nasce na realidade no interior do indivíduo e ramifica-se em efeito cascata.

Devido à sua complexidade, torna-se difícil saber como se manifesta no indivíduo,

se é inata ou decorre de aspetos psicossociais, mas podemos analisar algumas fontes para termos um direcionamento.

Numa primeira análise podemos verificar se geneticamente o homem poderia nascer pré-disposto a ter inclinações para cometer atos violentos, ou seja, se a natureza se encarregou de alguma forma para introduzir no ser humano uma tendência inata para cometer atos violentos.

No livro Anatomia da Violência o pesquisador Adrian Raine(2015) demonstra que o homem pode ser influenciado pela sua carga genética a demonstrar comportamentos violentos.

“Os genes moldam o funcionamento fisiológico que por sua vez afeta o pensamento e a personalidade e o comportamento incluindo a propensão a quebrar as leis locais quaisquer que sejam” (Raine, 2016, p.25).

As suas pesquisas baseiam-se em Richard Downkis(1976) que apresenta “O gene egoísta”, o qual se manifestaria em toda espécie humana, evoluindo. Raine argumenta que os indivíduos da espécie humana, principalmente os homens, que são mais propensos a comportamentos violentos, muitas vezes se utilizam desta tendência para perpetuar a sua carga genética. Então a violência será condicionada por uma artimanha evolutiva da espécie para perpetuar os códigos individuais:

*Em termos evolutivos, a capacidade humana para o comportamento antissocial e violento não era uma ocorrência aleatória. Mesmo que os primeiros hominídeos tenham desenvolvido as capacidades de raciocinar, comunicar-se e cooperar, a violência bruta manteve-se como uma estratégia “fraudulenta” bem sucedida. A maior parte dos atos criminosos pode ser vista, direta ou indiretamente como um modo de desviar recurso dos outros, quanto mais recursos ou status um homem tem maior é a sua capacidade de atrair fêmeas jovens e férteis, estas, por sua vez, estão à procura de homens que possam lhes dar a proteção e os recursos que necessitam para criar seus filhos no futuro. (Rainer,2015, p.31)*

Rainer argumenta ainda que atos de violências banais na sociedade, cometidos por jovens, são estimulados por estas cargas genéticas no intuito de serem líderes de um determinado grupo e com isso chamar atenção de fêmeas com alta capacidade reprodutiva, ou seja, a violência teria início numa luta biológica para perpetuação de cargas genéticas. Para ele os métodos biológicos utilizados pelo organismo humano para que os indivíduos se reproduzam deixou em nós uma marca obscura e muitas vezes difícil de ser contida:

*É claro que a cultura, seus pais, e talvez seus irmãos mais velhos, ensinaram a você as regras de comportamento social – “Não bata em sua irmã.”, “Não pegue os brinquedos de sua irmã.” – e seu cérebro em desenvolvimento lentamente começou a aprender não apenas que há outras pessoas no mundo, mas que o egoísmo nem sempre é o principal orientador sábio na longa e árdua jornada da vida. Você nunca chegou a desistir de cuidar de si mesmo e do que é bom para você, mas, pelo menos começou a levar em conta, os sentimentos alheios e a expressar uma preocupação apropriada com os outros em momentos adequados. – De modo as vezes genuínos, e as vezes, talvez dissimulados. (Rainer, 2015, p.33).*

Numa pesquisa feita com 1210 gêmeos Rainer concluiu que a herdabilidade do comportamento antissocial se estabelece entre 40% a 50%, ou seja, basicamente, os comportamentos violentos resultam metade da influência do meio genético e metade de influencia sociocultural.:

*A herdabilidade variou entre 0,4 e 0,5. Isso significa que 40 a 50% da variabilidade do comportamento antissocial entre nós são explicados pela genética. Não importa quem avaliasse o comportamento da criança: se fosse o professor, a herdabilidade era de 40%; se fosse o pai, era de 47%; se as crianças avaliassem a si mesmas, era de 50%. Portanto, não importa quem fez a avaliação, cerca de metade da variação no comportamento antissocial entre crianças está sob controle genético. Metade das respostas de por que alguns de nós são antissociais, enquanto outros não, é proveniente da genética. (Raine, 2015, p.87)*

Se cerca de 50% do comportamento violento vem de fatores genéticos, não podemos deixar de questionar a influencia dos fatores sociais. Temos os seguintes questionamentos:

Como é que a violência se manifesta no ser humano?

O ser humano nasce violento?

Se não, o que o torna violento?

Para estas questões temos três opiniões distintas:

A primeira, defendida por religiosos e pelo filósofo Thomas Hobbes, é de que o ser humano nasce violento e a sociedade busca métodos de reprimir este comportamento dentro do convívio em comunidade, com a instituição de leis e normas éticas que tornam o sujeito um ser domesticado, reduzindo a sua tendência para a violencia na medida do possível. Este argumento é defendido principalmente por estudiosos ligados à religião, pois muitas religiões deixam crer que o homem já nasce mau, contaminado pelo pecado original. Aliás esta é uma perspectiva bastante difundida no ocidente devido às religiões judaico-cristãs:

“Então disse o Senhor Deus: "Agora o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Não se deve, pois, permitir que ele também tome do fruto da árvore da vida e o coma, e viva para sempre”. (Gênesis, 3:22)

Tomas Hobbes no século XVI no seu livro *Leviatã*, defende que além de todos os homens serem iguais, são também naturalmente perversos, por isso, a partir de um contrato social, transferem o seu poder e a sua liberdade para um soberano, pois essa sera a única forma de convivência humana:

*Tal como entre homens sem senhor, tem uma guerra perpetua de cada homem contra seu vizinho, sem que haja herança para transmitir ao filho nem a espera do pai, nem prosperidade de bens e de terra, nem segurança, mas uma plena e absoluta liberdade de cada individuo.” (Hobbes t.,2006, p.161) e “Tendo em vista conseguir a paz, e através disso sua própria conservação, os homens criaram um homem artificial, ao qual chamamos estado, assim também criaram cadeias artificiais chamadas leis civis... (Hobbes t.,2006, p.159)*

Existe também a ideia de que o ser humano se desenvolve de forma a não gerar atritos, ou seja, inclinado a se relacionar compassivamente e com o tempo vai-se deformando a partir de relações sociais onde as comunicações são mal estruturadas e geradoras de ruídos e que desta forma causam um princípio violento. Este ponto de vista é defendido pelo psicólogo Marshall Rosenberg, criador do método conhecido como comunicação não violenta. Ele diz:

*Acredito que é de nossa natureza gostar de dar e receber de forma compassiva. Assim durante a maior parte da vida, tenho me preocupado com duas questões: o que acontece que nos desliga de nossa natureza compassiva, levando-nos a nos comportarmos de maneira violenta e baseada na exploração das outras pessoas? E, inversamente, o que permite que algumas pessoas permaneçam ligadas à sua natureza compassiva mesmo nas circunstancias mais penosas? (Rosenberg, 2006, p.19)*

Pensamento semelhante também é defendido por Jean-Jacques Rousseau que tinha como ideia o fato do homem ser naturalmente bom e sua corrupção dá-se a partir do conceito de propriedade privada:

*Não é por que o homem, perdendo com a velhice ou outros acidentes tudo o que sua perfectibilidade lhe fizera adquirir, torna assim a cair mais baixo que o animal? Seria triste, para nós, sermos forçados a admitir que essa faculdade distintiva, e quase ilimitada, é a fonte de todas as infelicidades do homem; que é ela que o tira, com o tempo, dessa condição originária na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que é ela que, fazendo brotar com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes, o transforma com o tempo no tirano de si mesmo e da natureza (Rousseau, 2001, p. 56)*

*O primeiro que, ao cercar um terreno, teve a audácia de dizer, isto é, meu e encontrou gente bastante simples para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras e assassinatos, quantas misérias e horrores teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas e cobrindo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Não escutem a esse impostor! Estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra é de ninguém (Rousseau, 2001, p. 91)*

Uma terceira hipótese seria a de um indivíduo que nasce neutro, ou seja, indiferente às relações interpessoais e as suas percepções vão sendo preenchidas à medida que se desenvolve, então o indivíduo é completamente dependente do meio envolvente. Esta hipótese é defendida por John Locke, que define o homem como uma “tabula rasa”, ou seja ele vai aprendendo tudo culturalmente:

*As ideias, especialmente as pertencentes aos princípios, não nascem com as crianças. Se consideramos cuidadosamente as crianças recém nascidas, teremos bem poucos motivos para crer que elas trazem consigo a este mundo muitas ideias. Excetuando, talvez, algumas pálidas ideias de fome, sede e calor, e certas dores, que sentiram talvez no ventre, não há a menor manifestação de ideias estabelecidas nelas, especialmente das ideias que respondem aos termos que formam proposições universais que são consideradas princípios inatos. Pode-se perceber como, por graus, posteriormente, as ideias chegam às suas mentes, e não adquirem mais, nem outras, do que as fornecidas pela experiência e a observação das coisas que aparecem em seu caminho, o que deve ser suficiente para convencer-nos de que não há caracteres originais impressos na mente. (Locke, 1999, p.52)*

O Escritor e Psicólogo brasileiro Augusto Cury, compartilha ideias semelhantes às

de Locke e afirma:

*Rousseau disse que o homem nasce bom, e a sociedade o corrompe. Mas essa ideia precisa de reparos: para mim, o homem nasce neutro e o sistema social educa ou realça seus instintos, liberta seus psiquismos ou o aprisiona. E normalmente o aprisiona. (Cury, 2009, p.70)*

Para determinar qual a resposta mais correta devemos verificar primeiro que o ser humano é o animal com maior adaptabilidade que existe. Por exemplo os cães são criados com humanos, mas prevalece neles o instinto biológico da sua espécie; já seres humanos criados exclusivamente com animais deformam-se de tal modo que não se reconhecerem mais como humanos e se adaptam às características da espécie com a qual se relacionam.

Se o homem se adapta aos indivíduos com quem ele tem contato durante o seu desenvolvimento, parece-me plausível definir que ele nasce compassivo pois o relacionamento é de vital importância para seu desenvolvimento e não poderia ser neutro pelo mesmo motivo.

Assim, para Durkheim (2007, p. 04):

*Sendo hoje incontestável, porém, que a maior parte de nossas ideias e de nossas tendências não é elaborada por nós, mas nos vem de fora, elas só podem penetrar em nós impondo-se.*

Mas fica o questionamento sobre se comportamentos egoístas na fase infantil, não serão sintomas de um comportamento inadequado? Não podemos enxergar este comportamento como sendo um indicio de má índole humana e sim como um instinto de sobrevivência do indivíduo, ou seja, a criança é tão vulnerável que ela sempre quer para si aquilo que lhe garante a vida, como alimentos e brinquedos (não podemos esquecer que os brinquedos lhe garantem o desenvolvimento intelectual adequado), pois não vemos crianças terem esse comportamento com coisas que para elas não são essenciais, como carros e joias por exemplo. Mas com o tempo e a convivência das relações sociais saudáveis esse egoísmo infantil deveria ir-se desfazendo.

Percebendo então que a criança nasce compassiva, voltada para os relacionamentos e para a comunicação e o seu traço egoísta é apenas reflexo de um extinto de sobrevivência, teoricamente passageiro, porque é que os seres humanos se tornam violentos?

Jesus de Nazaré, grande pacificador, no evangelho segundo Mateus, capítulo 18 versículo 3, faz menção ao fato das crianças serem naturalmente compassivas. Diz:

“Eu lhe asseguro que a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças,

jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no reino dos céus”...lembrando que o evangelho tem como chave a união entre as pessoas, o que Cristo está dizendo é que crianças têm maior capacidade de conviver de forma harmônica e vão-se deformando com o passar do tempo.

Não podemos esquecer que a violência é um acontecimento complexo e com múltiplas causas: genéticas, biológicas, sociais e psicológicas. Por esse motivo devemos analisar, também, a questão da agressividade que está intimamente relacionada com as questões fisiológicas, pois em situação de *stress* o nosso corpo libera hormônios que podem nos tornar mais agressivos e a quantidade desses hormônios estão relacionados com fatores genéticos:

*O psiquiatra estadunidense Friedrich Hacker (1914-1989) coloca que a agressividade é algo próprio da natureza animal (inclui-se aí a espécie humana) e conclui que, a seu modo, cada ser é agressivo dadas algumas circunstâncias: pode-se expressar agressividade sendo irônico, apresentando humor, desprezo, dentre outros. Já a violência, para o autor, dá-se no exato momento em que se rompe o limiar da alteridade, fazendo uso da força física, impondo-se sobre o mais frágil. O autor coloca que toda a estrutura social é constituída e permeada por agressividade, com suas leis e instituições, o que favorece o convívio social e reprime o que ele chama de tendências autodestrutivas, colocando o esporte como o melhor exemplo de agressividade sem violência. A agressividade seria a mola propulsora que leva a humanidade a evoluir e desta forma difere categoricamente de violência, que tem em Arendt (2002), possivelmente, sua melhor definição. Ao fazer a análise e crítica de determinados pontos da filosofia platônica, Arendt coloca que a violência está diretamente vinculada ao ato de fazer, fabricar e produzir e, logo, identifica a violência com o ato de matar e violar. (ARENDR, 2002). Portanto, violência não identificaria qualquer ato coativo, mas apenas aquele que opera ou age, no caso das relações sociais, sobre o corpo físico de outrem, matando-o, violando-o, enfim, parece descrever apenas o uso efetivo dos implementos denunciando assim, o caráter instrumental da violência. (ARENDR, 2001). Por exemplo, em esportes de contato, o jogador muitas vezes pode ser agressivo, mas não necessariamente violento. A violência estaria presente no ato deliberado de prejudicar o outro física ou psicologicamente.” ( Moderna,2016, p.136)*

A agressividade nas relações sociais pode ser vista como um meio de promoção dos

indivíduos de uma sociedade, e os relacionamentos se bem administrados com relação às suas tensões serviriam para uma auto análise dos indivíduos envolvidos e logo haveria uma melhoria nos comportamentos. Mas o que acontece na maioria das vezes é a incapacidade de lidar com os sentimentos internos que manifestam a agressividade e este processo irá gerar violência.

Então o que fica evidente é que o ser humano surge com uma agressividade inata que o faz desenvolver-se e desenvolver o meio em que vive, lembrando que esta agressividade está muito mais relacionada com a sua potência de agir, dentro do processo das relações sociais e de contato entre os entes da comunidade e tem certa dificuldade em estabelecer comunicação adequada. Esta agressividade vai se transformando em violência, e quanto mais os processos culturais se vão tornando complexos vemos as formas de violência também se tornarem cada vez mais complexas. Tão complexas que podem ser evidenciadas no conceito de violência necessária, quando esta precisa de ser utilizada para conter focos de violência maiores e pode acabar gerando mais violência.

Moderna (2016 p.17) verificando o desenrolar filosófico da violência na sociedade refere Weil (1990), que diz que a sociedade se organiza em vista da luta progressiva com a natureza exterior e os primeiros grupos humanos mostraram-se organizados para a luta com a natureza ambiente. A violência primeira não é a luta do indivíduo. Ele não pode resistir à natureza. A luta contra o mundo exterior é o da sociedade. Sendo assim o homem naturalmente seria conduzido a um estado de violência, conforme mostra a história da sociedade. Para Weil o homem é o único animal que tem a capacidade de perceber o que ele é, e o que ele não é, ou o que quer e o que não quer, por isso é o único capaz de impulsionar a sua agressividade em direção ao seu descontentamento.

Podemos perceber nesse raciocínio que o homem é um ser socialmente violento e capaz de se ver descontente dentro da conjuntura social, gerando novos conflitos, o que levaria a sucessivos modelos de violência (Moderna, 2016 p.14). Segundo Arandt como o homem é um ser político, vão se constituindo estruturas de poder no meio social, governamentais ou não, as quais têm como base o vigor de vários indivíduos que têm condições de instituir seu poder: “O poder pertence ao grupo e só existe na medida em que o grupo está unido. O vigor é individual é propriedade de um objeto ou pessoa, pertence ao seu caráter, pode provar-se a si mesmo na relação com o outros.” (Moderna, 2016 p.12)

Moderna( 2016, p.13) diz o seguinte: “Para Arandt não existe um governo

exclusivamente baseado nos instrumentos de violência. Mesmo os governos totalitários que usam a tortura precisam de uma base de poder, de polícia secreta e de informantes. Nesse sentido, os violentos precisam de colaboração de outros para alcançar os seus objetivos.”

A nossa percepção em relação à violência baseia-se exatamente neste ponto, pois estas estruturas de poder criadas pela sociedade moderna, quando encontram sociedades como a brasileira, que está permeada de ruturas ideológicas e sociais, acaba criando uma espécie de encapsulamento daqueles que deveriam ser os seus apoiantes e assistidos, de modo que quando esses começam a se mover para fora dos limites de sua conveniência, ou seja, se manifestam, são reprimidos violentamente, mesmo que as suas reivindicações sejam validas.

A partir deste atrito são criados sub poderes para confrontar o poder instituído, , dentro de uma comunidade tão heterogénea, funcionam da mesma forma que outros poderes, o que faz com que a violência se ramifique dentro do sistema. O menor destes núcleos é a família que numa sociedade tão complexa e plural como a brasileira passa a ter dificuldade de comunicação, pois, na maioria das vezes os jovens com a quantidade de informações passam a ser mais críticos, acabam entrando em conflitos com os seus familiares, dando início à violência familiar e ao afastamento dos valores de grupo:

*O equilíbrio entre permanência e transformação nas estruturas sociais está ligado às relações transgeracionais, na produção e transmissão de valores. A geração adulta transmite aos jovens seus princípios norteadores, os jovens os contentam, buscam novas possibilidades, experimentam alternativas e a revisão daí decorrente promove o avanço social.*

*Quando esta revisão precisa ser acelerada e os adultos não têm respostas suficientes para as questões levantadas pelo momento histórico e mostram incompetência em criar condições satisfatórias de existência, não são reconhecidos como modelos e os jovens não só questionam, como recusam a influência familiar e a autoridade parental, buscando alternativas que possam proporcionar melhor qualidade de vida. Esta recusa se estende à transmissão de valores e às normas de convivência tradicionais, mesmo aquelas que podem e devem continuar valendo para as novas circunstâncias. Num movimento de auto afirmação individualista, substituem vínculos familiares por grupos de apoio mutuo, com estruturas menos consistentes do que os laços originais, onde buscam novos códigos e rituais que reforçarão a sua identidade e lhes fornecerão nova conduta. Como forma de*

*inserção, pertencimento, respeito e confirmação, assumem comportamentos desafiadores valorizados pelo grupo - sexo precoce, a promiscuidade, as drogas, a velocidade, as transgressões, quando não a agressão, a violência e o crime. (Echenique, s.d. p 04)*

O processo dá-se prioritariamente por uma falta de comunicação eficiente entre os pares:

*Uma situação que reforça este fato, faz parte da reportagem da revista brasileira Veja, de 15 de outubro de 1997, sob o título “Pais ausentes”.*

*A jornalista Flávia Varella relata que elefantes jovens que cresceram longe da família começaram a matar rinocerontes em parques-reservas da África do Sul. Para evitar a super população, cerca de 1500 filhotes foram retirados do Parque Kruger e mandados para outras reservas onde não havia elefantes. Não foram removidas famílias inteiras porque na época não havia equipamentos capazes de transportar adultos.*

*Os elefantes costumam viver em bandos muito unidos, nos quais os mais velhos ocupam o papel de educadores, num sistema de hierarquia muito bem definido que coordena e determina constantes interações. Segundo o artigo, sem a orientação e o controle de adultos experientes, os jovens elefantes tornaram-se extremamente agressivos e desenvolveram comportamentos antissociais totalmente diferentes das condutas habituais da espécie. Atacavam e matavam, em grupo, seguindo um padrão: derrubavam os rinocerontes, ajoelhando-se sobre seu corpo e nele cravavam as presas, num verdadeiro banho de sangue.*

*A falta de orientação de elefantes mais velhos provocou danos muito severos no desenvolvimento dos jovens criando “delinquentes juvenis “, como constatou David Barrit, do Fundo Internacional para o bem estar dos animais (Echenique, s.d, p.2 ).*

Este processo de cisão geracional vai permear todo o processo de deformação do tecido social, levando em consideração o que diz Arandt(2002) a respeito de que os poderes constituídos utilizam a violência para manter o seu poder quando não tem mais o apoio da população. Esta por sua vez, sem bases sólidas de princípios, projeta uma atitude violenta na direção contrária, em todas as esferas de poder da sociedade, espalhando atos violentos por toda a sociedade.

Como a violência em larga escala passa a ser vista como algo comum e a nossa agressividade como natural, a sociedade “dita” civilizada precisa ser de alguma forma

aplacada e os nossos meios de comunicação passam a ser um veículo próspero em disseminação de conteúdos violentos, com a adesão total da população. E desta forma os meios de comunicação passam a exercer poder e influência sobre a sociedade civil:

*O fotografo exerce poder sobre quem vê suas fotografias, programando os seus receptores. O aparelho fotográfico exerce poder sobre o fotógrafo. A indústria fotográfica exerce poder sobre o aparelho. E assim Ad infinitum. No jogo simbólico de poder, este se dilui e desumaniza. Eis o que sejam “sociedade informática” e “imperialismo pós industrial. (Moderna, 2016, p. 158)*

Este processo leva a uma cadeia de projeção de ideias e jogos de poder que passam a figurar no meio social sem muitas vezes serem percebidos pelos cidadãos. Um processo que se estabeleceu com muita força nos últimos anos com o advento mediático e que justifica uma análise mais detalhada sobre o processo de disseminação de linguagens e conteúdos violentos exibidos por esses veículos.

## **1.2 - A COMUNICAÇÃO E A MODERNIZAÇÃO DA DISSEMINAÇÃO DE VIOLÊNCIA.**

Todos os processos violentos que se estabelecem no meio social estão relacionados com uma esfera de poder, ou seja, os conflitos são gerados a partir do momento em que há uma instabilidade nas relações de poder existente num ambiente, sejam eles macro ou micro. Então para que possamos discutir como os processos conflituosos se vão perpetuando dentro da sociedade, precisamos de ter uma ideia de como se estabelecem as relações de poder e como elas são veiculadas socialmente em relação à história.

Vamos analisar as esferas de poder que se desenvolvem no contexto social, lembrando que segundo Hanna Arandt quando o poder começa a perder força brotam os contextos de violência, na tentativa de retomada do mesmo, seja pelo mesmo poder já estabelecido ou por um outro que deseja suplantá-lo:

*O poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos. Onde quer que se combinem, o poder é, conforme verificamos, o fator fundamental e predominante. A situação, entretanto, mostra-se totalmente diferente se os encararmos em seu estado puro – como, por exemplo, na invasão estrangeira e na ocupação. Vimos que a atual equação da violência com o poder baseia-se no*

*fato de o governo ser ou não percebido como domínio do homem sobre o homem através da violência. Se um conquistador estrangeiro for enfrentado por um governo impotente e por uma nação desacostumada ao exercício do poder político, torna-se fácil a realização de uma tal conquista e dominação. Em todos os demais casos as dificuldades são deveras grandes, e o invasor deverá tentar estabelecer governos Quisling, ou seja, encontrar uma base de poder nativa para dar apoio ao seu domínio: O confronto entre os tanques russos e a resistência inteiramente não-violenta do povo da Tchecoslováquia é um caso típico de uma confrontação entre a violência e o poder em seu estado puro. Porém, enquanto é a dominação nessa circunstância difícil de ser realizada, não é de todo impossível. A violência, é necessário lembrar, não depende de números ou opiniões, mas sim de formas de implementação, e as formas de implementação da violência, conforme mencionei acima, como todos os demais instrumentos, aumentam e multiplicam a força humana. Aqueles que se opõe à violência com o mero poder, cedo descobrirão que se confrontam, não com homens, mas sim com artefatos fabricados pelo homem, cuja desumanidade e força de destruição aumentam em proporção à distância a separar os inimigos. A violência sempre é dada destruir o poder; do cano de uma arma desponha o domínio mais eficaz, que resulta na perfeita e imediata obediência. O que jamais poderá florescer da violência é o poder.” (Arandt ,2004, p.33).*

A partir daí, percebendo a relação entre poder e violência, precisamos analisar as esferas de poder existentes na sociedade. Para Thompson(1995, p. 38):

*Devemos ter em mente que toda esta estrutura de poder descrita acima se inicia de forma individual, pois a vida social é feita por indivíduos que perseguem fins e objetivos os mais variados. Assim fazendo, eles sempre caem dentro de um conjunto de circunstâncias previamente dadas que proporcionam a diferentes indivíduos, diferentes inclinações e oportunidades. Este conjunto de circunstâncias podem ser conceituados como “campo de interação, para usar um termo fertilmente desenvolvido por Pierre Bourdier. Os indivíduos se situam em diferentes posições dentro destes campos, dependendo do tipo e da quantidade de recursos disponíveis para eles. Em alguns casos estas posições, quando institucionalizadas, adquirem certa estabilidade - isto é, tornam-se parte de um conjunto relativamente estável de regras, recursos e relações sociais. As instituições podem ser vistas como determinados conjuntos de regras, recursos e relações com certo grau de durabilidade no tempo e algumas extensões no espaço, e que se mantem unidas com*

*o propósito de alcançar alguns objetivos globais. As instituições definem a configuração dos campos de interação preexistentes, ao mesmo tempo, criam novas trajetórias de vida para os indivíduos que as ocupam.*

Existe uma relação individual com a coletividade, sendo essa expressa pelas instituições, ou seja, os indivíduos estão sempre com as suas atenções voltadas para as instituições, as quais são concentradoras de poder, pois a sua vinculação lhes trará oportunidade de adquirir um recurso que produz ganho de poder:

*A posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo ou instituição é muito estreitamente ligado ao poder que ele possui. No sentido mais geral, poder é a capacidade de agir para alcançar seus próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências. No exercício do poder os indivíduos empregam os recursos que lhe estão disponíveis; recursos são os meios que lhes possibilitam alcançar efetivamente seus objetivos e interesses. Ao acumular recursos dos mais diversos tipos, os indivíduos podem aumentar seu poder – do mesmo modo que, por exemplo, um indivíduo pode controlar economias pessoais com a finalidade de comprar uma propriedade. Há recursos controlados pessoalmente, e há recursos acumulados dentro de organizações institucionais, que são bases importantes para o exercício do poder. Indivíduos que ocupam posições dominantes dentro de grandes instituições podem dispor de vastos recursos que os tornam capazes de tomar decisões e perseguir objetivos que tem consequência em longo alcance.*

*Entendido assim de modo genérico, o poder é um fenômeno social penetrante, característico de diferentes tipos de ação e de encontro, desde as ações reconhecidamente políticas dos funcionários públicos até os encontros mais prosaicos entre indivíduos nas ruas. (Thompson,1995, p 38)*

Quase sempre estamos à procura de estruturas de poder, e muitas vezes, quando nos distanciamos delas ou estamos disputando espaços, as tensões geradas por esse processo incitam a atitudes violentas. Estas estruturas de poder estão relacionadas com o que podemos chamar de conjuntos de poder, que são esferas, nas quais estas instituições ou indivíduos podem ser catalogados .Thompson (1995, p. 38) apoiou-se em Michael Mann e outros, e considera que podemos distinguir quatro tipos de poder. São eles: econômico, político, coercitivo e simbólico. Essa forma de visualizar o tipo de poder empregado ajuda-nos a analisá-los. Eles estão baseados nos diferentes tipos de atividade humana e nos diferentes tipos de recursos de que se servem no exercício do poder. Devemos estar também

atentos às relações e sobreposições das mesmas. As empresas que estão associadas e são base de determinado tipo de poder são chamadas por John B. Thompson de instituições paradigmáticas.

Para termos uma noção de como esses poderes estão distribuídos na nossa sociedade, utilizamos a definição de Thompson(1995 p. 40 – 42):

*O poder econômico provém da atividade humana produtiva, isto é, atividade relacionada com a provisão dos meios de subsistência através da extração da matéria-prima e de sua transformação em bens que podem ser consumidos ou trocados no mercado. A atividade produtiva implica o uso e a criação de vários tipos de recursos materiais e financeiros, que incluem matéria-prima, meios de produção (instrumentos, máquinas, terra, construções, etc.), produtos de consumo e capital financeiro (dinheiros, valores de bolsa, formas de crédito. Etc.). Estes recursos podem ser acumulados por indivíduos e organizações com o objetivo de expandir sua atividade produtiva; e, ao fazê-lo, aumenta o seu poder econômico. Em épocas remotas, a atividade produtiva era predominantemente agrária, e as instituições paradigmáticas de poder econômico eram tipicamente organizações de pequeno porte, orientadas para a subsistência da exploração agrícola ou para a produção de pequenos excedentes destinados ao comércio. Com o desenvolvimento das sociedades modernas, as instituições paradigmáticas de poder econômico se tornaram maiores em porte e finalidade, de tipo mais variado, com processo de fabricação manufaturada e, subsequente, industrializada que assumiram importância fundamental.*

*O poder político deriva da atividade de coordenação dos indivíduos e da regulação dos padrões da sua interação. Como todas as organizações implicam algum grau de coordenação e de regulamentação, todas também estão relacionadas com este poder. Mas podemos identificar uma gama de instituições que se dedicam essencialmente à coordenação e à regulamentação e que desempenham estas atividades de uma maneira relativamente centralizada, dentro de um território mais ou menos circunscrito. Estas instituições abrangem o que geralmente é conhecido como estado – a instituição paradigmática do poder político. Historicamente houve muitas formas de Estado, desde os tradicionais estados imperiais, passando pelas cidades-estados da Idade Clássica, até as modernas formas de estado-nação. Todos os estados ou instituições paraestatais, são essencialmente sistemas de autoridade. Implicam um complexo sistema de regras e procedimentos que autorizam certos*

*indivíduos a agirem de umas determinadas maneiras. Em alguns casos estas regras e procedimentos são explicitamente codificados em forma de leis promulgadas por corporações soberanas e administradas por um sistema judicial.*

*Devemos lembrar ainda que a capacidade do estado de exercer autoridade geralmente depende da sua capacidade de exercer de forma coordenada as duas esferas de poder que iremos detalhar agora.*

*O poder coercitivo implica o uso, ou a ameaça, da força física para subjugar ou conquistar um oponente. A força física aplica-se de muitas maneiras, com diferentes graus de intensidade e diferentes resultados. Mas há uma fundamental ligação ente a coerção e a lesão física ou morte: o uso da força física comporta o perigo de mutilar ou destruir o oponente. A força física não consiste em simplesmente na força bruta humana. Ela pode ser aumentada pelo uso de armas e equipamentos, pelo treinamento e pelas táticas, pela inteligência e pelo planeamento, etc. Historicamente as instituições mais importantes acumuladoras de recursos deste tipo são as instituições militares, e a forma mais importante de poder coercitivo é o poder militar. É claro que o poder militar desempenhou um papel importante na formação dos processos sociais e históricos, tanto no passado quanto no presente. Ao longo da história os estados têm reservado uma parte significativa de suas atividades para o fortalecimento do poder militar, e para a obtenção – através das conquistas e dos saques, ou dos vários tipos de tributação - dos recursos materiais para sustentar as instituições da força armada. Tradicionalmente o poder militar tem sido usado tanto para a defesa e a conquista externa, quanto para a pacificação e o controle interno. Nas sociedades modernas, entretanto, faz-se uma distinção mais precisa entre as instituições militares envolvidas essencialmente com a manutenção (ou expansão) dos limites territoriais do estado nação, e as várias organizações para militares (como a polícia) e instituições relacionadas (como as instituições carcerárias) que cuidam fundamentalmente da pacificação e do controle interno. Mas esta definição institucional não é absolutamente definitiva, e há muitos exemplos na história recente do uso do poder militar para reprimir agitações internas.*

*O último poder a ser exposto é o poder simbólico que também pode ser chamado de poder cultural e que nasce na atividade de produção, transmissão e receção das formas simbólicas. A atividade simbólica é característica fundamental da vida social, em igualdade de condições com a atividade produtiva, a*

*coordenação dos indivíduos e a atividade coerciva. Os indivíduos ocupam-se constantemente com as atividades de expressão de si mesmos em formas simbólicas ou interpretação das expressões usadas pelos outros; são continuamente envolvidos na comunicação uns com os outros e na troca de informações de conteúdo simbólico. Assim fazendo, servem-se de toda a variedade de recursos que podem ser descritos como “meios de informação e comunicação”. Estes recursos incluem meios técnicos de fixação e transmissão; as habilidades, competências e formas de conhecimento empregadas na produção, transmissão e recepção da informação e conteúdo simbólico (que Bourdieu chama de “capital cultural”); e o prestígio acumulado, o reconhecimento e o respeito tributados a alguns produtores ou instituições (“capital simbólico”). Na produção de formas simbólicas, os indivíduos servem-se destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revoltas coletivas.*

Tabela nº. 1 - Formas de poder

Formas de poder	Recursos	Instituições paradigmáticas
Poder econômico	Materiais e financeiros	Instituições econômicas (p. ex. empresas comerciais)
Poder político	Autoridade	Instituições políticas (p. ex. estados)
Poder coercitivo (especialmente poder militar)	Força física e armada	Instituições coercitivas (especialmente militar, mas também a polícia, instituições carcerárias, etc.)
Poder simbólico	Meios de informação e comunicação.	Instituições culturais (p. ex. a igreja, escolas e universidade, as indústrias da mídia, etc.)

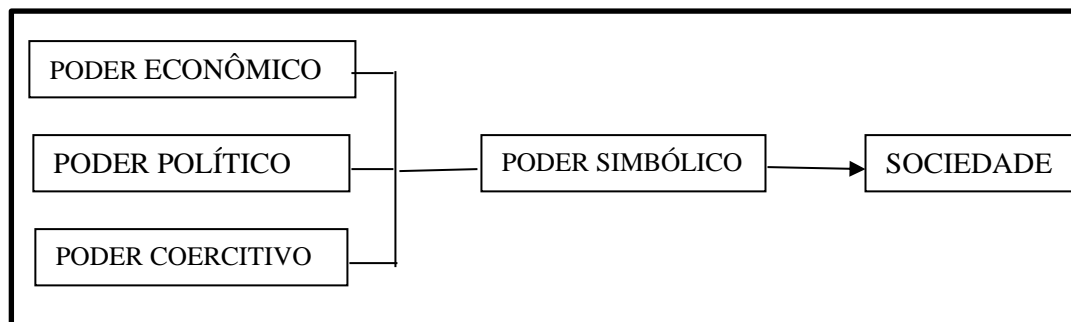
(Thompson, 1995, p.43)

Esses quatro tipos de poder inter-relacionam-se na sociedade, estabelecendo os padrões de autoridade entre aqueles que a constituem, tanto individual quanto coletivamente, nas mais altas ou mais baixas escalas hierárquicas. O último poder (simbólico) está diretamente ligado ao dia-a-dia da sociedade, tendo a capacidade de difundir no meio destas informações e opiniões sobre os outros poderes através, maioritariamente, das suas instituições paradigmáticas, pois estas têm a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e transmissão de formas simbólicas.

Podemos citar como exemplo as instituições religiosas, que se dedicam essencialmente à produção e difusão de formas simbólicas associadas à salvação, aos valores espirituais e às crenças transcendentais; instituições educacionais, que se ocupam com a transmissão de conteúdos simbólicos adquiridos (o conhecimento) e com o treinamento de habilidades e competências; e instituições da mídia, que se orientam para a produção em larga escala e a difusão generalizada de formas simbólicas no espaço e no tempo.

Voltando à questão introdutória, temos as estruturas de poder, as quais têm a sua base de informação mediada ao tecido social através das instituições do poder simbólico, principalmente a mídia, a não ser que sejam relações de poder dialógicas. Como já dito anteriormente, quando existe algum abalo no poder, os reflexos na sociedade podem gerar tensões, conflitos e violência.

Esquema do fluxo de informações sobre os poderes numa escala macro:



Fluxograma 1 – poder simbólico como elo entre os outros poderes e a sociedade.

O poder simbólico pode funcionar como um filtro de tensões sociais, tratando as informações de forma adequada para não criar as tensões, mas este tratamento da informação pode acabar gerando narrativas, ou seja, histórias baseadas em determinado ponto de vista e nos últimos anos temos uma grande quantidade de veículos de comunicação, o que no passado não ocorria.

Para percebermos como esta questão se modificou com o passar do tempo será necessário uma breve explanação sobre o desenvolvimento das formas de comunicação. Começaremos falando sobre a ideia de espaço e de tempo na difusão das informações.

Hoje sabemos instantaneamente uma notícia ocorrida do outro lado do mundo. Em 1986, um cidadão aqui no Brasil soube da explosão na central nuclear de Chernobyl, praticamente ao mesmo tempo que um morador de Kiev na Ucrânia, local vizinho ao local do incidente. Em 11 de setembro de 2001, cidadãos do continente europeu, a um oceano de distância, souberam do atentado às torres gêmeas em Nova Iorque, poucos minutos depois dos moradores vizinhos do ocorrido. Em 2011, moradores do lado oposto do globo terrestre em relação à província japonesa de Fukushima, ficaram rapidamente sabendo do ocorrido na central nuclear que explodiu. Estes são alguns exemplos de como com o decorrer da história a relação espaço e tempo na disseminação de informações foi drasticamente modificada, lembrando que, por exemplo, em 1808, Dom João VI príncipe regente de Portugal enviou uma carta para Napoleão Bonaparte, imperador francês, e essa demorou

cerca de duas semanas para percorrer uma distância de cerca de 2000 quilômetros, de Lisboa à Paris.

Quando falamos de espaço e tempo de transmissão de informações estamos nos referindo a espaço enquanto distância que uma informação percorre para chegar ao seu destino e tempo o período entre a divulgação até a recepção feita pelo destinatário:

*Todos os meios técnicos têm uma relação com o aspecto de espaço e de tempo da vida social, mas o desenvolvimento da tecnologia da telecomunicação na segunda metade do século XIX foi particularmente significativo a este respeito. Antes do advento da telecomunicação, a extensão da disponibilidade das formas simbólicas no espaço geralmente dependia do seu transporte físico; com pouquíssimas exceções (por exemplo, o semáforo) o distanciamento espacial só era possível com o deslocamento das formas simbólicas de um lugar para um outro. Mas com o desenvolvimento das primeiras formas de telecomunicação, o distanciamento espacial não mais exigia fisicamente o transporte das formas simbólicas e, portanto, evitava o atraso no tempo devido a tais deslocamentos. O advento da telecomunicação trouxe uma disjunção entre o espaço e o tempo, no sentido de que o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal. Informação e conteúdo simbólico podiam ser transmitidos para distâncias cada vez maiores num tempo cada vez menor; quando a transmissão telegráfica foi instalada, as mensagens eram recebidas em menos tempo do que era necessário para codificar e decodificar a informação. O distanciamento espacial foi aumentado, enquanto a demora temporal foi sendo virtualmente eliminada. (Thompson, 1995, p. 58)*

Podemos analisar a variação do espaço e do tempo no decorrer da história, verificando as formas de comunicação que foram sendo desenvolvidas com o passar do tempo. Para analisar os tipos de interação existentes na sociedade vamos utilizar as formas utilizadas por Thompson que são: “interação face a face”, “interação mediada” e “quase-interação mediada”:

*Interação face a face é aquela que acontece em um contexto de Co presença; os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e tempo. Por isso eles podem usar expressões denotativas (“aqui”, “agora”, “este”, “aquele”, etc) e presumir que são entendidos. As interações face a face têm também um caráter dialógico, no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação; os receptores podem responder (pelo menos em princípio) aos produtores, e estes*

*também receptores de mensagens que lhe são endereçadas pelos receptores de seus comentários. Uma outra característica da interação face a face é que os participantes normalmente empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas para transmitir mensagens e interpretar as que cada um recebe do outro. As palavras podem vir acompanhadas de piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas e sorrisos, mudança de entonação e assim por diante. Os participantes de uma interação face a face são constantemente e rotineiramente instados a comparar as várias deixas simbólicas e a usá-las para reduzir a ambiguidade e clarificar a compreensão da mensagem. Se os participantes detectam inconsistências, ou deixas que não se encaixam umas com as outras, isto pode tornar-se uma fonte de confusão, ameaçar a continuidade da interação ou lançar dúvidas sobre a sinceridade do locutor. (Thompson, 1995, p.120)*

O tipo de interação face a face era praticamente o único antes do século XV e também em comunidades que hoje vivem isoladas. Na nossa sociedade é a forma utilizada nos contatos do dia a dia, como acontece na convivência familiar. Quando se estabelece uma comunicação face a face (exclusivamente) o espaço e o tempo são restritos, pois os sujeitos precisam estar próximos e o conteúdo da informação está restrita àquele momento:

*A segunda forma de interação chama-se “interação mediada” na qual temos como exemplos as cartas, conversas telefônicas e etc. As interações mediadas implicam o uso de um meio técnico. (papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas, etc) que possibilitam a transmissão de informações e conteúdos simbólicos para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo ou em ambos. A interação mediada estende-se no espaço e no tempo, adquirindo assim um número de características que a diferenciam da comunicação face a face. Como os participantes de uma interação mediada podem estar em contextos espaciais e temporais distintos eles não compartilham do mesmo referencial de espaço e de tempo e não podem presumir que os outros entenderão expressões denotativas. Eles devem sempre atentar para o montante de informações contextuais que devem ser incluídas no intercâmbio – por exemplo, a localização e a data no cabeçalho de uma carta, a identificação inicial de uma conversa telefônica. (Thompson, 1995, p.121)*

*A terceira forma de comunicação seria a quase-interação mediada, que temos como exemplo os livros, os jornais, rádio, televisão e etc. esta forma implica a disponibilidade de informação e conteúdo simbólico no espaço e no tempo – ou, em outras palavras, a interação quase mediada se dissemina através do espaço tempo.*

*Em muitos casos ela também envolve um certo estreitamento do leque de deixas simbólicas, se comparada à interação face a face. Contudo, há dois aspectos chaves em que a interação quase mediada se diferencia dos outros dois tipos. Em primeiro lugar, na quase interação mediada, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores (comunicação de massa). Em segundo lugar esta interação é monológica, isto é o fluxo da comunicação é predominantemente em sentido único. (Thompson,1995, p.121)*

Claro que esses três tipos de interação podem relacionar-se. Por exemplo, num programa de televisão onde existe um debate filmado, temos uma interação face a face e uma interação mediada.

Ao longo do tempo estes três tipos de interação vêm modificando a forma como a sociedade se desenvolve, pois inicialmente, nos primórdios da civilização, as comunidades se comunicavam quase que exclusivamente face a face, excluindo-se apenas as pinturas feitas em paredes de cavernas. Isso aconteceu até a invenção da escrita pelos egípcios(ano 3000 ac.) que tornou a comunicação a longas distâncias mais fácil de ser estabelecida, por meio de cartas que eram utilizadas apenas por uma parte restrita da sociedade. Estas duas formas de comunicação, são os métodos mediado e quase-mediado de interação da época. Foi apenas no século XV com a invenção da imprensa por Gutemberg, que a informação passa a circular de maneira muito mais efetiva por toda a estrutura social e acontecimentos que antes eram restritos a um pequeno espaço geográfico, pois eram comunicados “boca a boca” por membros da própria comunidade, passam a transpor fronteiras e a serem conhecidos em terras cada vez mais distantes.

Os livros passam a ganhar popularidade, entre aqueles que dispunham da capacidade de leitura, num sistema social profundamente marcado pelo analfabetismo. As classes intelectualizadas ganhavam o monopólio do conhecimento, exceto quando, alguns que tinham acesso a estes conteúdos tinham uma visão democrática do saber, do conhecimento e da informação e liam em praça publica para os não letrados e para os que não tivessem condições de adquirir livros.

Outro salto na comunicação mundial dá-se em 1916, quando se estabelece a primeira comunicação via rádio em massa. Segundo Ferreira (2008 p.3) “Em seus primórdios, no início do século XX, as primeiras estações radiofônicas eram vistas somente como meio de comunicação aprimorado para uso militar, sobretudo da Marinha, ou então como uma evolução do telégrafo. Poucos vislumbravam sua capacidade de veículo de comunicação de massa, idealizada somente em 1916 pelo russo David Sarnoff, radicado nos Estados

Unidos.”

O rádio passa a ser um canal de comunicação altamente democrático, pois a limitação da iliteracia não é mais empecilho para se obter informação, agora a quase-interação mediada passa a ser a forma mais poderosa de disseminação de acontecimentos, rompendo com as barreiras espaço- temporais. O mundo começava a tornar-se lugar comum na imaginação dos ouvintes, a ausência de imagens que revelassem com exatidão o que ocorria por detrás das caixas de som, era apenas um detalhe, quando se avaliava a façanha de transmitir sons por longas distâncias quase que instantaneamente.

Mas a imagem chega para ser a “cereja no bolo” das tecnologias de informação quando em 1936 a emissora de notícias BBC faz a primeira transmissão via televisão, o que tornou a transmissão de notícias recheada de aspetos simbólicos, ou seja, detalhes visuais que antes não eram percebidos, mas importantes para a interpretação das mensagens recebidas. Estávamos, agora, na era da quase-interação mediada. Daquele momento em diante, cada vez mais as casas teriam uma companhia inseparável, despejando para os seus ouvintes informações diversas de várias partes do mundo. Uma indústria que cresceria exponencialmente e que se tornaria responsável por formar opiniões em praticamente todas as partes do globo.

A partir do século XX as tecnologias de informação crescem de modo vertiginoso e não só a interação quase-mediada monopolizada, muitas vezes, pela grande mídia passa a ter papel fundamental na opinião pública, mas também a interação mediada ganha força a partir dos anos 90, com o surgimento de diversas plataformas digitais, onde usuários de internet passam a buscar informações e interagirem entre si, formando núcleos de opinião.

Toda essa estrutura tecnológica, misturada com o surgimento de diversas ideologias, estruturas de poder e jogos de interesse, acabaram tornando a mídia disseminadora de conteúdos que podem levar a contextos de violência. Pois as narrativas destes meios de comunicação, muitas vezes, constroem bases simbólicas bastante fortes, levando ao atrito entre os indivíduos de bases diferentes. “A capacidade simbólica dos seres humanos se desdobra na linguagem, na capacidade de se comunicar por meio de sons e signos ‘significantes’ ‘providos de significado. O homem, como animal simbólico é construído através da linguagem” .... “A linguagem, o mito, a religião, a arte tecem esse tecido simbólico abrangendo todas as formas de vida cultural do homem efetivando-o no espaço social e na história.” (De Moderna, 2016, p.164 citado por Marta, L.). E é a partir desta ideia que podemos perceber a importância dos novos meios de “comunicação em massa” na construção de cenários que propagam narrativas de ódio e violência.

Com o advento das transmissões televisivas, houve um sensível desequilíbrio na relação entre discurso e diálogo, os quais são as únicas formas como o homem produz, armazena e transmite informações. Para que haja uma construção saudável das informações é necessário que diálogos a respeito de discursos anteriores ocorram, gerando informações para outros discursos. A grande dificuldade nos dias atuais está na pouca produção de diálogos num ambiente impregnado de discursos e a grande preocupação é como esta forma de interação está gerando incompreensão e ódio. Vivemos num mundo inundado de plataformas de comunicação, mas raramente o recetor está em sintonia com o emissor e vice-versa.

“Podemos estar vivendo uma fase comunicacional boa, visto que, com as conexões, a comunicação está ao alcance de todos, porém existem ruídos na comunicação. O mundo está cada vez menor e os homens parecem mais próximos, mas o desafio é aprender a administrar as diferenças que os separam.” (Moderna, 2016, p.168).

Na era da informação, estamos tendo muita dificuldade em estabelecer laços comunicacionais que deem equilíbrio à convivência humana saudável. A transmissão de conceitos simbólicos está sendo feita e processada de forma a proporcionar dificuldade de interpretação da realidade, o que gera uma grande chance de estabelecimento de conflitos.

*Vê-se aqui a necessidade da distinção entre o conceito de informação e comunicação, uma vez que é possível notar uma imposição da informação, oriunda de todos os lados, perante a comunicação. Como coloca Wolton, informar não é comunicar. Informação, na tradição política e intelectual, remete à ideia de algo que aparece e produz uma ruptura. “A informação tem a ver com o acontecimento ou com o dado novo que perdura numa ordem vigente. Essa é a sua força.” Já a comunicação está associada à ideia de compartilhamento, vínculo e comunhão, o que a torna mais complexa que a informação, pois impõe a questão do outro, da relação e da troca mútua. Porém, o que se vê com o advento da internet é que houve uma inversão de valores. “A informação passou a ser o que estabelece vínculo, tendo a sociedade da informação como horizonte. Ou seja, sentido oposto da informação como ruptura. Quando tudo é signo e interação, a informação é vínculo”. Isso é possível notar na nova geração que faz uso da internet como única fonte de legítima de informação e comunicação. E o mesmo acontece com a comunicação que deixou, em parte, seu sentido clássico de compartilhamento de valores. “ontem, comunicar era compartilhar e reunir, ou unir. Hoje, é mais conviver e administrar continuidades. (Moderna, 2016, p.168 citado em Marta L.)*

Quando a informação passa a estabelecer os vínculos sociais, os grandes veículos de informação começam a comandar uma força gigantesca no contexto do poder simbólico da sociedade. Como este tipo de poder é de extrema importância para os demais, principalmente o político e o econômico, estes veículos de comunicação passam a sofrer influência e pressão de vários setores sociais.

*A proposta clássica da objetividade pensada como relato “neutro e imparcial dos fatos”, colocava-se como detentora de uma superioridade moral no exercício da profissão por lidar com “fatos” que, por si só, seriam a realidade. Assim o dever da objetividade conferia ao jornalista a superioridade de um olhar de lugar nenhum, em contraste com o olhar “comprometido” de outras instâncias sociais. (Martino & Marques, 2018, p.164)*

Em muitos casos a objetividade das matérias jornalísticas, que deveriam ser imparciais e isentas de outros interesses, fica comprometida por interesses particulares e quando esta prática é evidente, o veículo acaba por perder credibilidade.

*Isso também não significa deixar de lado os interesses do jornalista nem da empresa de comunicação. Wilson Gomes, em Jornalismo, fatos e interesses (2009) contrabalança o interesse comercial e o interesse público na constituição da prática jornalística. Mesmo pensando em termos estritamente comerciais sem a discussão sobre compromissos públicos do jornalismo, a busca da objetividade nessa nova concepção não se dilui. Há um público consumidor de notícias que espera por informações, seja sobre os atos do Congresso, seja sobre o último lance num reality show. Nos dois casos, os públicos esperam informações corretas e acreditam no profissional responsável por elas.*

*Romper este pacto custa muito caro para a empresa de comunicação: perder credibilidade significa que o público vai embora – e, com ele, os anunciantes. (Martino & Marques, 2018, p.196)*

Sendo assim, existe um imenso perigo em manipular dados e informações, mas muitas vezes a narrativa é elaborada de modo a propagar o ponto de vista do veículo de comunicação, os seus preceitos ideológicos e interesses:

*Em mudança estrutural na esfera pública, Habermas mostra como a partir do século XVIII, esse espaço de discussão foi progressivamente “colonizado” pelos interesses de mercado. Assim, a “transformação” da esfera pública burguesa, refere-se, em boa medida, à perda de autonomia do cidadão diante das exigências de um mercado cada vez mais poderoso. Segundo Habermas, a comunicação formada por um*

*público composto de cidadãos privados que debatem racionalmente e publicamente um problema comum entrou em colapso quando os interesses de mercado ganharam proeminência. A esfera pública política, acrescenta, converteu-se em veículo de propaganda e de aclamação de opiniões previamente fabricadas. (Martino & Marques, 2018, p.108)*

### **1.3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje com a democratização da informação e o grande número de veículos de comunicação, uma grande quantidade de narrativas ideológicas transforma o cenário do debate público, numa arena de conflitos de opinião, geradora de violência, segregação e preconceitos. Pode ser observada em todas as áreas a disseminação de conteúdos que fomentam a discordância, e conseqüentemente atritos étnicos, políticos, religiosos e sociais. Como foi observado no início do capítulo sobre a possível disposição humana para se envolver em atos que suscitem a violência, a mídia pode ser um catalizador da distribuição de linguagens, opiniões e modos de tratamento que suscitam pouco cuidado com as observações, as emoções e as necessidades daqueles que as acompanham e que são as bases para uma comunicação não violenta. A violência está no modo de se comunicar e como hoje a grande mídia é responsável pela transmissão e disseminação do discurso social em massa e é construtora do mesmo, também é responsável, muitas vezes, por fomentar ou não a violência social.

Cabe neste contexto avaliar como os veículos das grandes corporações brasileiras de telecomunicações estão a trabalhar esta responsabilidade num período marcado por violência em todos os setores sociais. Essas cooperações estimulam a violência ou a não violência?

## Capítulo 2 - A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

### 2.1- UMA NOVA FORMA DE SE COMUNICAR

No final do século XX e início do XXI o mundo foi inundado por tecnologia e informação, e com isso houve uma expansão como nunca antes vista de meios de comunicação. Hoje o mundo está nas nossas mãos a distância de um celular, é possível comunicarmos com qualquer pessoa em tempo real e em qualquer momento sabemos tudo o que está acontecendo, com uma velocidade inimaginável há cem anos atrás. Apesar dos benefícios que todo este aparato tecnológico trouxe, também nos expôs um mundo extremamente violento em todas as áreas de discussão e as agressões juntamente com a comunicação transpuseram fronteiras. Todas essas plataformas de comunicação mostraram-nos o que pode ser parafraseado por um trecho da música *Índios* do cantor e compositor Renato Russo (1986), que diz: “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”

Mas uma indagação torna-se pertinente neste momento, afinal, doentes de quê? O que nos faz agressivos ao ponto de impor as nossas verdades às pessoas que muitas vezes nem conhecemos? Ou porque é que os nossos relacionamentos mais próximos, por várias vezes, se veem envolvidos em conflitos com os quais não sabemos lidar?.

Estes questionamentos são complexos, mas para Marshall Rosenberg (2006) criador do método de comunicação não violenta, estes processos traduzem oito mil anos de evolução de uma comunicação mal formulada, com raízes em tiranias e jogos de poder que acabaram tornando-nos mestres numa forma de comunicação a que ele chama de comunicação do chacal, a qual desequilibra a nossa percepção sobre o outro e nos leva a atos de violência, muitas vezes desproporcionais ao que está realmente sendo discutido.

*Para o autor, o homem nasce naturalmente compassivo e a sociedade vai transformando o seu modo de se comunicar. E esta mesma sociedade, em princípio era assim, até que se criaram grupos de poder, que para manterem seu grau de hierarquia se utilizam de formas de relacionamento que estimularam o tipo de linguagem que utilizamos hoje. Disputas territoriais, massacres de comunidades tradicionais, inquisições, escravidões, colonialismos e imperialismos, guerras civis, guerras regionais, guerras mundiais, torturas, perseguições, genocídios e inúmeros fenômenos sociais que, respaldados na subjugação de uns sobre os outros, disparam medo, culpa, vergonha, dores, punições, desigualdades, sobreposição de poder,*

*privilégio e reforçam lugares subalternos, silenciamento e invisibilidade.*  
(Carvalho,2020,p.7)

Marshal Rosenberg (2006, p.19) diz: “Acredito que é de nossa natureza gostar de dar e receber de forma compassiva”. O seu propósito inicial estava em definir por que algumas pessoas se tornavam violentas e outras se mantinham compassivas ao longo da vida.

E ainda o autor Thomas D’ansembourg (2018 s.p)<sup>2</sup>, diz:

*Acredito cada vez mais que a violência não é a expressão de nossa natureza, e sim da frustração dela. A violência serve para exprimir nossas necessidades que não são reconhecidas nem satisfeitas. Se nossas necessidades são reconhecidas, qual é a utilidade da violência? Acredito cada vez menos na maldade das pessoas e cada vez mais no poder da amargura e do medo, assim como na força que se alimenta da frustração. No fundo, a maldade é a expressão da amargura das pessoas que não cuidaram – ou não tiveram a oportunidade de cuidar – do próprio sofrimento. Se pudermos falar de nossos temores e de nossas aflições, mesmo os mais secretos, compartilhar ou trabalhar nossas frustrações, mesmo as mais inconfessáveis, não é verdade que poderíamos coexistir sem nos agredir?*

Chegamos a um fato extremamente interessante que nos leva a um paradoxo, se o homem é naturalmente compassivo e a sociedade o torna violento, quem tornou a sociedade violenta senão o próprio homem? É importante notar que esse raciocínio leva em conta apenas os atores, mas não o instrumento de comunicação. O que torna o homem e a sociedade violenta é o mau uso das suas formas de linguagem. Falar ou comunicar, seja por qual meio for, é um processo que exige muito mais a habilidade de ouvir do que propriamente de falar. Precisamos nos conectar ao outro e perceber as suas necessidades e emoções para que ao invés de termos dois monólogos tenhamos um diálogo.

Não podemos confundir diálogo e escuta compassiva com inexistência de conflitos, pois estes são elementos das relações sociais e apresentam-se como resultados naturais e esperados do contato entre seres diversos. São expressões de pluralidade e reforçam a mensagem de que não há um modo único de estar vivo na terra. Todavia, ainda que nós humanos experimentemos conflitos desde os nossos primeiros contatos com outra pessoa,

---

<sup>2</sup> Posição: 2971 de 3523 – 85%

por vezes parece que ainda não percebemos o seu lugar intrínseco e essencial nas relações interdependentes entre os seres.

Os conflitos reafirmam a importância da nossa existência em coletividade. Fomentam um ciclo vital que nos convoca a olhar para nós a cada encontro que se tem com o outro. Faz girar a vida num convite constante à criatividade. Isso se concretiza ao se reconhecer que apenas podemos estar em conflito porque existimos no mundo e, ao existir, temos necessidades que nos conectam à manutenção da vida. Viver permite-nos sentir emoções, e todos os sentimentos nos impulsionam a tomar decisões e a cada decisão novos conflitos:

*A existência do outro, nesse cenário, nos impõe limites e descortina conflitos inesperados, ancorados em necessidades que, quando frustradas, fazem nascer sentimentos contrastantes, movimentando uma engrenagem interna bastante dinâmica e complexa, fluida e inconstante, em favor da mudança e da transformação pessoal. O conflito é, assim, manifesto, vivo revelador desse poder do encontro que tanto me revela e que me abençoa a não mais seguir como eu era antes. (Carvalho, 2020 p.10)*

Como podemos perceber o conflito é a grande escola da vida que nos impulsiona a crescer e a tornarmo-nos pessoas cada vez melhores em relação a nós mesmos e ao relacionamento com o outro, ainda que, muitas vezes, nos cause desconforto e nos leve a fuga desse processo porque vai gerar processos de violência.

A questão das tentativas de fuga e a necessidade de superação dos conflitos diários pode ser muito bem resumida num poema de Paulo Leminsk (2013) que diz: (Machado,2020 p.9)

*No fundo, no fundo,  
Bem lá no fundo,  
A gente gostaria  
De ver nossos problemas  
Resolvidos por decreto  
A partir desta data,  
Aquele mágoa sem remédio  
É considerada nula  
E sobre ela – silêncio perpétuo  
Extinto por lei todo remorso,  
Maldito seja quem olhar para trás,  
Lá para trás não há nada,  
E nada mais  
Mas problemas não se resolvem,  
problemas tem família grande,  
e aos domingos saem todos para passear*

*o problema e sua senhora  
e outros pequenos probleminhas.*

Tanto os processos de violência quanto os conflitos da vida cotidiana podem ser mediados por uma nova forma de se comunicar, uma forma já esquecida por muitos há muito tempo, que nos leva ao rompimento com um processo de comunicação pautado pela culpa, pelos preconceitos e pela violência.

*O psicólogo americano Marshall Rosenberg desenvolveu um processo capaz de nos ajudar a melhorar nossos processos de comunicação, este processo é denominado comunicação não violenta ou como alguns também chamam comunicação consciente. Este método é fundamentado na constatação de que nos sentimos melhor quando identificamos o que desperta nossa reação, quando compreendemos tanto nossos sentimentos quanto nossas necessidades e quando conseguimos formular pedidos negociáveis, seguros de poder aceitar a reação do outro, não importa qual seja ela. Também nos sentimos melhor quando identificamos claramente aquilo a que o outro se refere ou reage, quando compreendemos bem seus sentimentos e suas necessidades e entendemos que um pedido negociável nos permite discordar e buscar, em conjunto, uma solução que atenda às necessidades de ambos, e não as de um em detrimento do outro. Por essa razão, a comunicação não violenta possibilita que você aprofunde os relacionamentos conservando o respeito a si próprio, pelo outro e pelo mundo ao redor. (D'ansembourg, 2018 s.p)<sup>3</sup>.*

O nome comunicação não violenta é mais utilizado pois precisamos de “considerar que a “não violência” é precursora nesse processo, é preciso considerar que a utilização da palavra “não” antes de “violência”, refere-se a uma sabedoria ancestral que reconheceria o desafio e o descuido em se nomear aquilo que seria o contrário de violência, sem restringir ou banalizar um sentido mais profundo. Em algumas vertentes do judaísmo, por exemplo, ao invés de se usar uma palavra para designar Deus, define-se o divino pelo “não-mal”. O pensamento basilar para isso é que Deus, é onipresente, é mais fácil estabelecer aquilo que ele não é do que limitar o que ele é com um termo específico. Definir seria restringir. Então, Deus é tudo, exceto aquilo que ele não é, isto é, o mal.

---

<sup>3</sup> Posição: 143 de 3523 – 5%

*Nesse sentido, “não-violência” é mais do que “pacificadora”. O “não” designa a infinitude de possibilidades de se chegar ao caminho do bem. Tudo aquilo que viola é o não-caminho, toda violência nos ensina o que não fazer, para onde não seguir, o percurso inverso de se alcançar o bem em si mesmo. De tal forma que, compreendendo-se dessa maneira, a violência seria um anti-mestre, um conhecimento que nos mostraria o abismo, possibilitando ao ser humano tomar novas decisões ao se deparar com a dor experienciada pela violência. E é por essa ótica, então, que se relaciona a não-violência às estruturas comunicacionais.* (Carvalho,2020, p.6)

Marshall Rosenberg (2006) assenta o seu processo em quatro pilares básicos que permitem identificar o que está errado na nossa comunicação, e estes pilares podem ser observados em relação ao outro, de modo a perceber o que é preciso ouvir para que consigamos nos conectar com o nosso interlocutor, ou com nós mesmos, para percebermos o que devemos falar para que o outro tenha condições de nos conhecer melhor.

Estes pilares são:

Observação – aonde aprendemos a olhar os fatos sem pré julgamentos de forma que venhamos a ter uma visão mais objetiva a respeito do outro.

*observamos o que está de fato acontecendo numa situação: o que estamos vendo os outros dizer ou fazer que é enriquecedor ou não para nossa vida?*

*O truque é ser capaz de articular essa observação sem fazer nenhum julgamento ou avaliação – mas simplesmente dizer o que nos agrada ou não naquilo que as pessoas estão fazendo.* (Rosemberg, 2006 p. 25)

Sentimentos - Aprender a perceber quais os sentimentos que estão sendo manifestos no outro e em nós mesmos para definirmos as necessidades escondidas. Identificarmos como nos sentimos ou ajudarmos o outro a identificar e demonstrar suas emoções quando expostos a determinada situação, se estão magoados, assustados, alegres, divertidos, irritados, etc.

Necessidades: Os sentimentos são uma ótima ponte para percebermos quais as reais necessidades nossas e dos outros, pois todos os indivíduos têm necessidades que precisam ser satisfeitas, lembrando que necessidades não são desejos.

Pedido: a partir das três informações anteriores, as quais a CNV (Comunicação não violenta) auxilia de forma muito efetiva a distingui-las, podemos formular um pedido justo e adequado.

*Pode parecer que a CNV contraria alguns princípios estabelecidos, mas, de fato, procuramos apenas observar com mais objetividade para os fatos, sem julgá-los, entendendo como nos sentimos, quais são as nossas necessidades (e não os desejos) para fazer uma elaboração mais equilibrada e ter pedidos justos para cada situação. (Fais & Assunção,2020 s.p)<sup>4</sup>*

O autor do processo de comunicação não violenta baseou a sua metodologia nestes quatro pilares devido à sua experiência na resolução de conflitos em vários países, no ocidente e no oriente, onde teve que lidar com experiências de conflitos religiosos, de guerra e familiares, e então percebeu que o ser humano, psicologicamente, num conflito ou disputa resume-se basicamente a emoções e necessidades. Logo percebendo estes dois itens, a partir de uma observação objetiva, fica mais fácil formular um pedido justo e aprazível para os dois lados.

A ideia não é decifrar aquilo que o outro está sentindo, pois, cada indivíduo é na realidade um mundo inacessível em si mesmo, e o único capaz de perceber é o próprio indivíduo, por isso o que precisamos fazer é ajudar o outro a descobrir e a expor as suas emoções e necessidades. É como se, por exemplo, cada pessoa tivesse o seu próprio cofre de emoções e necessidades e quem está de fora pudesse apenas ajudá-lo a descobrir a senha ou apenas ela descobrir-se em autoanálise.

Para termos uma ideia de como o processo funciona precisamos analisar cada etapa, e descobrir como elas se completam e como interagem.

## **2.2 MODOS DE OBSERVAR**

Para começar a falar sobre observação vou contar uma história antiga que diz assim: (D'Ansembourg,2018 s.p)<sup>5</sup>

*Um pobre camponês despertava inveja das pessoas mais ricas da região por possuir um extraordinário cavalo branco. Sempre que lhe ofereciam uma fortuna pelo*

---

<sup>4</sup> Posição: 67 de 284 – 25%

<sup>5</sup> Posição: 862 de 3523 – 25%

*animal, o ancião respondia “este cavalo é muito mais do que um animal para mim, é um amigo. Não posso vendê-lo.”*

*Certo dia o cavalo desapareceu. Os vizinhos, reunidos diante do estábulo vazio, logo começaram a dar palpites: “Pobre idiota, era previsível que o roubassem. Por que não vendeu?” O camponês se mostrou mais circunspecto: “Não exageremos” comentou. “Digamos que o cavalo não se encontra mais no estábulo. É um fato. Tudo o mais não passa de mera especulação. Como saber se é uma felicidade ou uma desgraça? Conhecemos apenas um fragmento da história. Quem pode dizer o que acontecerá?”*

*Os aldeões zombaram do velho. Quinze dias depois, o cavalo branco voltou. Não havia sido roubado; apenas escapara e retornara acompanhado de uma dúzia de cavalos selvagens. Os aldeões tornaram a se reunir:*

*“Você tinha razão quando disse que não era uma desgraça, mas uma benção.”*

*“Digamos somente que o cavalo branco voltou. Como saber se é uma sorte ou uma maldição? Isso não passa de um episódio. Podemos conhecer o conteúdo de um livro lendo apenas uma frase? Comentou o camponês.*

*Os aldeões se dispersaram, convencidos de que o velho tinha perdido o juízo. Ganhar 12 lindos cavalos sem dúvida era um presente dos céus. Quem poderia negar isso?*

*O filho do camponês encarregou-se de domar os animais. No entanto, um deles o derrubou no chão e o pisoteou. Os aldeões mais uma vez foram opinar:*

*“Pobre amigo! Você tinha razão, esses cavalos selvagens não trouxeram sorte. Seu único filho ficou aleijado. Quem irá ajudá-lo na velhice? Coitado, temos pena de você.”*

*“Não tirem conclusões precipitadas”, retrucou o camponês. “Meu filho não pode mais usar as pernas, só isso. Quem sabe o que esse fato representa? A vida se revela pouco a pouco, ninguém pode prever o futuro.”*

*Algum tempo depois, a guerra eclodiu e todos os jovens da aldeia foram obrigados a se alistar, exceto o filho do camponês, que ficara inválido.*

*“Velho”, queixaram-se os aldeões, “você tinha razão, seu filho não pode mais andar, mas ele vai permanecer ao seu lado enquanto os nossos vão acabar mortos na guerra.”*

*“Não julguem assim tão rápido” respondeu. “Seus filhos foram convocados, o meu permanece em casa, é tudo o que podemos dizer. Só Deus sabe se isso é bom ou ruim.*

Neste breve conto podemos ver como as nossas observações e julgamentos nos levam a perspectivas errôneas a respeito de situações ou pessoas. Temos a tendência de olhar para o futuro ou para quem não conhecemos e fazer idealizações que não condizem com a realidade.

As nossas percepções são oriundas dos nossos processos evolutivos, pois fazer julgamentos tornou-se uma ferramenta importante num mundo onde os perigos são iminentes. Por exemplo quando um homem do período paleolítico comunicava com indivíduos de uma outra tribo, automaticamente ponderava os riscos de forma a preservar a sua sobrevivência, ou até mesmo ao se deparar com situações relativas à natureza, tentava prever o impacto do acontecimento de modo a projetar estratégias adequadas. Hoje numa condição de vida completamente diferente e muito mais confortável do que antes, os nossos instintos continuam fazendo-nos julgar o que nos cerca, até mesmo quando isso não é necessário, e aí se concentram grande parte dos nossos erros comunicacionais.

Este atributo natural que nos permite prever os perigos futuros, acabou por se tornar responsável pelo que o psicólogo Marshall Rosenberg chama de comunicação alienante da vida, que em grande parte das vezes está relacionada com a nossa forma de observar o mundo. Veremos algumas destas comunicações:

### ***2.2.1 - JULGAMENTO MORALIZANTES (JUÍZOS, RÓTULOS E CATEGORIAS)***

Os julgamentos são uma constante nas nossas vidas. Quando observamos um indivíduo utilizamos características visuais de forma a descrever um estereótipo que nos auxilie em categorizar ou rotular pessoas. Por exemplo, ao vermos uma pessoa bem vestida e com um linguajar rebuscado, automaticamente a colocamos num determinado nível social e atribuímos-lhe valores que a sociedade atribui a este nível. Mas se vemos uma pessoa mal vestida e com um linguajar coloquial, também lhe atribuímos uma categorização, sendo que inferior à da primeira. Isso em certa medida nos auxilia no sentido de nos incluir culturalmente num determinado grupo, mas na maioria das vezes leva-nos a diagnósticos

equivocados e preconceituosos, pois uma análise visual deixa de fora as características internas do ser humano.

*“Não se vê direito senão com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” (Saint-Exupéry, 2013 p.60)*

Esse tipo de julgamento também ocorre com pessoas que pertencem ao nosso círculo familiar ou de amigos, pois é comum ouvirmos as frases: “Ela é preguiçosa”, “O teu problema é ser egoísta demais.”, “Eles são preconceituosos”, “Isso é Improprio” estes rótulos tornam a nossa comunicação deficiente pois dizer o que uma pessoa é não condiz com a verdade, haja visto que na maioria das vezes, não somos sabedores do cotidiano do outro principalmente do que está no seu interior.

### **2.2.2 PRECONCEITOS, CRENÇAS ESTABELECIDAS E AUTOMATISMOS**

As nossas ações são tomadas a partir de conceitos éticos e morais. Os conceitos éticos estão relacionados com o que discernimos no momento em que o fato ocorre.

Para Martino (2018 p.26) *“A ética é o estudo das maneiras como relacionamos nossa responsabilidade moral – ou seja, a responsabilidade que assumimos por nossos atos ou inações diante dos outros – com nossa liberdade, no contexto onde estamos inseridos. Em certo sentido, ética se refere a um caráter que se liga a atos e julgamentos considerados moralmente corretos”, ou seja, “De forma específica, o conceito de ética se refere à reflexão sobre as práticas morais”.*

Quando os padrões morais são extremamente fixos, ou seja, não existe flexibilidade em relação às circunstâncias e ocasiões em que ocorrem, corre-se o risco de estabelecermos julgamentos preconceituosos e automáticos a respeito de alguém.

*Ao longo da vida, aprendemos a agir com base em hábitos arraigados, ações irrefletidas, crenças e preconceitos não comprovados. Não faltam exemplos: “Homem não presta. Mulher dirige mal. Funcionário público não faz nada. Todo político é corrupto. As coisas sempre foram desse jeito. Uma boa mãe deve parar de trabalhar para criar os filhos. Nesta família não se pode tocar nesse assunto.” Essas expressões são essencialmente reflexas dos nossos medos. Agindo assim, aceitamos crença, costumes e conceitos sem sequer questioná-lo, nos fechando em nossas interpretações.” (D’asembourg, 2018 s.p)<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Posição 214 de 3523 – 7%

Esse tipo de julgamento é injusto e agride aqueles que são íntegros e fazem o bem.

### **2.2.3 - FAZER COMPARAÇÕES**

Um tipo de julgamento que prejudica a nossa comunicação são as comparações, pois, muitas vezes, utilizamos esse procedimento em relação a nós mesmos ou aos outros. Quando nos comparamos com outra pessoa, simplesmente, colocamos um limite nas nossas ações e realizações, e na maioria das vezes ficamos frustrados por não conseguirmos satisfazer os nossos desejos ou nos desviamos para o oposto e nos ensoberbecemos, quando ultrapassamos os nossos parâmetros. Quando comparamos pessoas, tornamo-nos geradores de frustração.

Segundo De Rosemberg (2006 p.41) “O escritor Dan Greenberg sugere que se tiver um desejo sincero de tornar suas vidas infelizes, devem aprender a se comparar com outras pessoas. Podemos dizer também que se quisermos afastar pessoas devemos compará-las com outras.”

### **2.2.4 – A VIDA BASEADA NO CERTO E NO ERRADO**

Hoje o Brasil está submerso em vários seguimentos polarizantes, que fazem com que a sociedade viva em um conflito permanente. Este tipo de antagonismo revela um problema comum nas relações humanas, que é binariedade das discussões públicas.

Entender os processos sociais desta forma, nos faz deixar de lado toda complexidade da vida em comunidade, baseamos nossas relações em “isso ou aquilo”, “certo ou errado” ou “positivo e negativo”, como se a realidade não fosse infinitamente mais rica e diversificada que as pobres e limitadas categorias nas quais tentamos aprisioná-las, por que tamanha inconstância, diversidade e vitalidade nos desconcerta e nos amedronta. Esta forma de pensar, em vez de valorizar tudo o que nos agrega, estigmatiza o que nos separa. (D’ansebourg, 2018 s.p)<sup>7</sup>.

Este tipo de comunicação ocorre com bastante frequência em relação a questões de ordem política, quando não compactuamos com alguma ideia de um determinado partido, somos automaticamente categorizados com um partido de ideias completamente oposta.

---

<sup>7</sup> Posição: 224 de 3523 – 7%

## 2.2.5 – PÔR A CULPA NOS OUTROS.

Este tipo de linguagem faz-nos vítima das consequências dos nossos próprios atos, jogamos para o outro as nossas responsabilidades. É simples detetar este tipo de linguagem a partir das seguintes expressões: “ter de”, “fazer alguém sentir-se culpado”.

*Estas expressões aparecem da seguinte forma: “Estou triste por que você...” ou “São as ordens”. Em Eichmann em Jerusalém, livro que documenta o julgamento do oficial nazista Adolph Eichmann por crimes de guerra, Hana Arandt conta que ele e seus colegas davam um nome à linguagem de negação da responsabilidade usada por eles. Chamavam de Amsprache, que se poderia traduzir por “linguagem de escritório”. Por exemplo, se lhe perguntassem por que ele tomara certa atitude, a resposta poderia ser: “Tive de fazer isto”. Se lhe perguntassem por que “teve de fazer”, a resposta seria: “Ordens superiores”, “A política institucional era essa”, “Era o que mandava a lei. (Rosemberg, 2006 p.43).*

Ou seja, a avaliação ética fica comprometida.

*Podemos ver este mesmo comportamento no filme Experimentos (2015), baseado na experiência do Psicólogo Stanley Milgram em 1961, em que para averiguar a hipótese, Milgram recrutou 40 voluntários homens, entre 20 e 50 anos. Todos eles foram apresentados a dois atores: um que representava um suposto pesquisador e outro que fingia ser um voluntário.*

*Posteriormente, o pesquisador “sorteava” os papéis que cada um dos homens iria exercer – embora sempre fosse combinado que o ator que fingia ser voluntário seria sempre o aluno.*

*O aluno era amarrado a uma cadeira com eletrodos em uma sala do laboratório e ele deveria decorar uma lista de pares de palavras. O professor, em outra sala do laboratório, deveria testar a memória do aluno, pedindo para que ele relembresse as palavras associadas aos termos que pronunciava. Cada vez que o aluno errasse, o professor era instruído pelo pesquisador a administrar um choque elétrico no indivíduo. O nível do choque aumentava gradualmente – ia de 15 até 450 volts.*

*Como fazia parte do estudo, o aluno errava propositalmente grande parte das vezes. Caso o professor se recusasse a acionar o choque elétrico, pesquisador o induzia a realizar o ato. Logo em seguida, era possível ouvir um espasmo de dor do ator –*

*obviamente era um choro fingido, já que os choques não estavam sendo realizados de verdade. (Revista Galileu, 03/04/2018)*

Na experimentação cerca de dois terços dos participantes foram até o fim, mesmo no ponto em que o ator fingia estar inconsciente, demonstrando que nos conformamos com a situação quando recebemos ordens e então não nos vemos como responsáveis pelas nossas ações.

Rosemberg(2006 p.43), *“negamos responsabilidade por nossos atos quando os atribuímos a:*

- *Forças vagas e impessoais (“Limpei meu quarto por que tive de fazê-lo”);*
- *Nossa condição, diagnóstico, histórico pessoal ou psicológico (“Bebo porque sou alcoólatra”);*
- *Ações dos outros (“Bati no meu filho porque ele correu para a rua.”);*
- p- Ordens de autoridades (“Menti para o cliente porque o chefe me mandou fazer isso.”)*
- *Pressão do grupo (“Comecei a fumar porque todos os meus amigos fumavam”);*
- *Políticas regras e regulamentos institucionais (“Tenho de suspender você por conta dessa infração; é a política da escola.”);*
- *Papéis determinados pelo sexo, idade e posição social (“Detesto ir trabalhar, mas vou porque sou pai de família.”);*
- *Impulsos incontroláveis. (“Fui tomado por um desejo de comer aquele doce”).*

Hoje este tipo de linguagem é muito utilizado e a chamamos de “vitimismo”, ou seja, quando o indivíduo ou determinada classe olha para a vida de forma passiva e sempre no papel de vítima do contexto social em que vive. Não queremos dizer com isso que o sistema social não gera vítimas, mas falamos sobre aqueles que buscam este tipo de argumento para beneficiarem de alguma forma.

## **2.2.6 – RELACIONAMENTOS BASEADOS EM MERECE**

Outra ideia que aliena a nossa observação e conseqüentemente abala a nossa comunicação é o pensamento baseado em “quem merece o quê”. Deparamo-nos com este tipo de linguagem em todo o nosso processo de desenvolvimento, sem perceber que o verbo

“merecer” presume algo negativo em relação ao comportamento e conseqüentemente está relacionado com a punição.

Por exemplo “Carlos deve ser punido pelo que fez”.

Marshall Rosenberg (2006 p.47) diz: “Acredito ser do interesse de todos que as pessoas mudem não para evitarem punições, mas por perceberem que a mudança as beneficiará.”

Estes foram alguns tipos de comunicação que distorcem as nossas observações em relação ao outro, mas que muitas vezes estão inseridos nos nossos contextos comunicacionais e nem nos apercebemos disso.

É preciso perceber que observar não pode em hipótese alguma avaliação. A observação deve estar isenta dos nossos julgamentos morais para não incorrerem em processos de injustiça. E como primeiro passo para que nossas avaliações fiquem de fora das nossas observações precisamos de tomar cuidado com a utilização dos adjetivos, pois eles definem o sujeito, que na realidade não conhecemos no seu mais profundo ser.

### **2.3 – A IMPORTÂNCIA DE EXPRESSAR SENTIMENTOS**

O convívio social tem como uma de suas marcas a não manifestação dos nossos sentimentos, o que muitas vezes nos leva a conflitos gigantescos, pois somos construídos por emoções e sentimentos, que quando reprimidos nos levam a deficiências a respeito de nosso auto reconhecimento e do conhecimento do outro. Frases como: “Que coisa feia ficar triste depois de tudo o que fazemos por você! E, além do mais, tem gente muito mais infeliz. Vá já para o seu quarto e só saia de lá depois de ter refletido.” Como as emoções geram sentimentos que geram outras emoções num ciclo, este tipo de repreensão de um sentimento negativo, será, provavelmente, um gatilho para a geração de outra emoção negativa que irá gerar outro sentimento negativo.

Assim a nossa ineficiente forma de comunicação, quando na infância, principalmente, reprime sentimentos e emoções negativas, está, na realidade, fertilizando o solo para semear mais sentimentos negativos.

Para que este ciclo seja interrompido é preciso perceber a importância de expressar e entender os nossos sentimentos e os sentimentos dos outros. O sentimento funciona como um sinal luminoso num painel de controle e informa-nos se o tanque está cheio ou vazio. Vamos imaginar que estou dirigindo um carro numa estrada. Posso encontrar-me numa das três situações a seguir:

1. *Dirijo um carro antigo sem painel de instrumentos, digamos um modelo do início do século XX. Sigo confiante, consumindo toda a reserva, sem tomar conhecimento de que preciso reabastecer o tanque, pois nenhum sinal me faz tomar consciência disso. Cedo ou tarde o combustível vai acabar e eu vou ficar parado no meio da estrada. Sem sinal, não há tomada de consciência da necessidade nem qualquer poder de ação.*

2. *Dirijo um carro moderno que dispõe de um painel completo. Em determinado momento o marcador indica que a gasolina já está entrando na reserva. Então resmungo: “Quem esqueceu de colocar gasolina no carro? É incrível, sempre sobra pra mim! Ninguém nessa família enche o tanque. “Eu reclamo, e de tão concentrado nas queixas nem noto vários postos de gasolina ao longo do caminho, até que o carro acaba parando no meio da estrada. Havia um sinal, eu tive consciência da necessidade, mas não tomei nenhuma atitude para resolver o problema. O que fiz foi apenas canalizar toda a minha energia para as queixas e procurar um culpado ou alguém em quem eu pudesse descarregar minha frustração.*

3. *Dirijo um carro moderno que dispõe de um painel completo. O marcador indica que a gasolina está entrando na reserva. Identifico minha necessidade: “Puxa, vou precisar abastecer, mas não estou vendo nenhum posto por perto. O que posso fazer?”*

*Então empreendo uma ação concreta e positiva: conduzo o carro de modo econômico, fico atento ao próximo posto, paro e resolvo o problema. Eu mesmo me ajudo. (D’asebourg,2018 s.p)<sup>8</sup>*

Lembrando também que expressar os nossos sentimentos e vulnerabilidades podem nos ajudar a resolver conflitos e dá a possibilidade de quem está ao nosso redor nos auxiliar.

Como um bom exemplo de como as nossas emoções são mal avaliadas, temos que a raiva precisa ser reprimida, pois é considerada como um sentimento ruim, quando na Comunicação não violenta percebe-se que a raiva é um sinal de que algo não está indo bem e as necessidades não estão sendo atendidas, ou seja, é um sentimento muito importante que

---

<sup>8</sup> Posição: 307 de 3523 – 9%

não pode ser reprimido e precisa de ser analisado e trabalhado. Saber que não é o fator externo o real causador da raiva é de extrema importância para descobrir quais foram as necessidades internas que nos levaram a este sentimento. Ao reprimir a raiva deixamos de conhecer a sua causa e saná-la.

No processo de percepção dos sentimentos a comunicação e o vocabulário a respeito deles são essenciais, pois podemos confundir sentimentos com pensamentos, o que gerará um conflito na comunicação. É comum usar o verbo sentir num sentido que não expresse realmente um sentimento. Quando o verbo sentir pode ser substituído por acho, penso ou creio, não está a referir a um sentimento. Por exemplo: “Sinto que não consegui um acordo justo.” Ou “Sinto-me como um fracassado.”

Demonstrar os nossos sentimentos é uma tarefa complexa que não é trabalhada durante o nosso processo de desenvolvimento, muito pelo contrário, é reprimida fazendo com que o nosso vocabulário relativo à expressão de nossos sentimentos seja limitado, por isso as palavras acima são importantes, pois quanto mais específica for a comunicação a respeito dos nossos sentimentos mais fácil será a satisfação da necessidade.

## **2.4 – PERCEBER AS NECESSIDADES DO OUTRO.**

Saber expressar e perceber os sentimentos é extremamente importante pois o que está na origem dos sentimentos são as necessidades. O que movimenta o ser humano são as suas necessidades e quando elas não são supridas afloram os sentimentos e emoções e então o que se vê são relações frustradas onde os indivíduos buscam, emocionalmente, de forma ineficaz, se satisfazer noutro com as mesmas dificuldades. Este tipo de atitude gera conflitos, não pela busca em satisfazer as suas necessidades, mas sim pela estratégia empregada para a sua obtenção. Por exemplo, todo mundo entende o que é fome. Mas poucos vão aprovar o roubo de comida.

Deve-se ter em mente que necessidades não podem ser confundidas com desejos. As necessidades são imprescindíveis para que a vida se sustente. Quando nos privamos das nossas necessidades, alguém paga um preço, nós ou os outros. Manter-se alienado em relação às próprias necessidades tem diferentes consequências. As mais frequentes são:

- *Achamos difícil fazer escolhas que nos levem a um comprometimento pessoal. Nos negócios e no trabalho, isso pode até funcionar. Entretanto, em nossa vida afetiva e nas escolhas mais pessoais, temos dificuldade. Hesitamos, sem saber o que escolher, esperando que afinal os acontecimentos ou os outros decidam por nós. Ou então nos impomos uma escolha – “é mais razoável, mais sensato” -, impotentes que somos para escutar e compreender nossos mais profundos impulsos.*

- *Incapazes de identificar nossas verdadeiras necessidades, acabamos nos tornando dependentes da opinião dos outros. “O que você acha? O que faria no meu lugar?” Ou, pior, nos moldamos à expectativa de outro, nos adaptando e nos readaptando a elas, sem analisá-las. “O que vão pensar de mim? Preciso agir assim ou assado. Devo adotar tal comportamento, senão...” Essa dependência da aceitação do outro nos deixa esgotados e, em situações extremas, faz de nós vítimas de um modismo, de uma corrente – se todo mundo faz isso, eu também faço para ser igual a todo mundo. Viramos joguete de dependências diversas – dinheiro, poder, sexo, TV, jogos, bebidas alcoólicas, medicamentos, drogas e internet – ou de instruções formais – nos submetemos à autoridade de uma empresa exigente, de um movimento político intervencionista ou de uma seita. (D’ansebourg, 2018 s.p)<sup>9</sup>.*

No ápice dos conflitos sociais estão as necessidades não satisfeitas, pois como a sociedade não estimula em cada indivíduo descobrir quais são as suas necessidades, temos uma grande quantidade de expressões de violência geradas por necessidades não atendidas que nem sequer são percebidas. Um alcoólatra não gosta de estar bêbado e caído na rua, simplesmente, tem uma necessidade não atendida que na maioria das vezes não consegue identificar. Assim como o agressor familiar que satisfaz a partir da violência a sua frustração por não conseguir satisfazer as necessidades que somente ele pode decifrar a partir de seus sentimentos

## **2.5 – FAZER PEDIDOS**

O pedido é um processo delicado numa relação, pois nele estão condensadas todas as etapas anteriores, que devem ser analisadas de modo a não gerar atritos desnecessários entre quem fala e quem ouve. É aqui que os conflitos acontecem e atitudes violentas podem

---

<sup>9</sup> Posição: 358 de 3523 – 11%

ganhar forma. É preciso tomar cuidado para não transformar o pedido em necessidade, pois deste modo estaria perdendo a flexibilidade, característica importante para que a solução seja de bom grado para todos os envolvidos. Por exemplo, se convido a minha esposa para jantar depois de um dia cansativo de trabalho, tenho que ter plena consciência que o jantar não representa a minha necessidade, mas apenas um pedido. Provavelmente minha necessidade é da sua companhia e para isso existem várias formas de satisfazer a mim e minha esposa.

Outro cuidado a ser tomado quando se formula um pedido é não fazer uma exigência, ou seja, impor o que desejo sem possibilidade do outro se manifestar de forma autônoma, ainda que isso represente um não.

*Observando os fatos sem julgamento, tirando os adjetivos, identificados os sentimentos (como esses fatos me afetam) e as necessidades por trás das estratégias usadas, o pedido pode ser focado e claro.*

*Por exemplo, imagine que você comeu alguma coisa que fez mal. Qual o fato? Seu corpo está intoxicado e você não se sente bem (não adianta ficar adjetivando o cozinheiro, certo?) Qual o sentimento em relação a isso? Um pouco de medo que isso se torne algo mais sério e frustração porque atrapalha os seus planos para o dia. Qual a necessidade? Conseguir uma maneira de aliviar os sintomas e desintoxicar o organismo (certeza da saúde).*

*Vamos dizer que você escolhe a estratégia de ir na farmácia comprar um remédio. Você chega lá e depara-se com um técnico que não parece ter a menor empatia pela sua situação, está ao telefone e sem pressa de sair da ligação que está a fazer aparentemente particular. Você sente aquela pontada na barriga que avisa que você não tem muito tempo. E agora?*

*Se você tem claro na sua mente que está havendo um conflito de estratégias para atender as necessidades de cada um, você pode usar a comunicação não violenta para derrubar a resistência do técnico em priorizar a sua necessidade. Em vez de dizer “Não é possível! Só tem gente preguiçosa nesta farmácia? Oi, você é surdo?”, você pode dizer “Oi, você pode me ajudar? Vejo que está ocupado, mas estou passando mal e preciso tomar algo para aliviar.” Qual pedido você acha que terá melhor resultado?*

*Não é uma técnica fazer perguntas certas. É uma mudança de percepção. É conseguir enxergar a sua necessidade e a necessidade das pessoas à sua volta, sem julgar o fato pelo que você acha que está acontecendo. Os adjetivos que colocamos*

*de forma pré-concebida acabam atrapalhando a comunicação e impedindo entendimentos.*

*O pedido claro gera uma colaboração entre as pessoas para que todos saiam satisfeitos e alegres do encontro. Todos trabalham juntos para que as necessidades de todos sejam atendidas. A dica para fazer um pedido claro é, antes de fazer, respire e pense qual é o fato a ser tratado e o que precisa que aconteça. Tendo isso claro para você, fica mais fácil expressar para a outra pessoa.” (Fias, 2019 s.p)<sup>10</sup>*

## **2.6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pessoas são formadas por necessidades e sentimentos que quando respeitados geram uma comunicação e uma vivência compassiva. Ver a sociedade com tantos focos de violência faz-nos perceber como estamos alheios a este processo.

A comunicação não violenta se torna-se extremamente relevante para que seja possível melhorar os relacionamentos , a partir da forma como observamos os outros indivíduos e tomamos os devidos cuidados com as suas necessidades . Também nos possibilita identificar se a comunicação se faz ineficiente a ponto de gerar atitudes violentas.

---

<sup>10</sup> Posição: 176 de 284 – 64%

## **Capítulo 3. METODOLOGIA**

### **3.1- PROBLEMÁTICA, PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO**

Nos últimos anos pode ser observado um processo de fragmentação social no Brasil o qual teve o seu ápice nas eleições de 2018 e no carnaval de 2020. Nos últimos anos temos visto uma série de conflitos na sociedade brasileira, os quais atingiram seu ápice entre os anos de 2018 e 2020. Como um ponto de maior tensão entre a sociedade podemos destacar o carnaval do Estado do Rio de Janeiro do Grupo especial das escolas de samba, que se utilizou dos espaços midiáticos oferecidos por esse evento, como um meio de expressar as suas críticas sociais que foram direcionadas a setores conservadores da sociedade, principalmente Políticos e Religiosos nomeadamente Católicos e Protestantes.

Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, um país extremamente religioso e tendo o cristianismo como a religião predominante, não demorou para que surgissem discussões acaloradas, principalmente, nas mídias digitais e somando-se a isso temos os atritos ocorridos poucos meses antes com as eleições de 2018 que geraram um racha política na sociedade, mais especificamente entre a direita conservadora, hoje no poder, e a esquerda progressista.

Dentro de todas essas disputas muitos setores da sociedade acabaram encontrando na mídia jornalística um algoz responsável por dividir a população, uma tendência desde 2019.

“Imprensa sofreu 11 mil ataques diários nas redes sociais em 2019, diz associação de rádio e TV.”

(G1, 11/03/2020.)

As relações foram tomadas de um embate de nós contra eles, ou seja, quem não faz parte do grupo é automaticamente considerado adversário. Esse tipo de comportamento é facilmente verificado quando acessamos a grupos de mídias digitais de comunicação pessoal (whatsApp, twitter, instagram e etc.), também canais do youtube e até mesmo pessoalmente, por isso creio ser necessária uma avaliação das mídias jornalísticas que, são detentoras da

informação em primeira mão. Como elas estão veiculando estas notícias? Existe o cuidado com uma forma não violenta de comunicar?

O fato de o brasileiro encontrar no carnaval de 2020 a resposta para uma forma violenta de comunicar e, muitas vezes até mesmo de se comportar, em várias situações do cotidiano, deu-se pelo fato desta agressividade se mostrar mais evidente neste período .

A presente dissertação busca entender alguns aspectos desta forma de convívio social de modo a intervir positivamente nas relações entre os indivíduos do contexto social citado. Quisemos verificar se existe algum agente fomentando disputas ou interesses que levem a este tipo de comportamento, se este agente (no nosso caso as mídias jornalísticas) ao transmitirem as suas informações, o fazem de maneira imparcial e igualitária, ainda que na visão de cada uma das partes, pois devemos lembrar que, muitas vezes, o principal não está no que falamos, mas no que os outros ouvem.

Entendendo o desencadeamento dos atritos sociais é possível desenvolver um processo de comunicação não violenta que possa ter impacto na união do tecido social, gerando consciência a respeito das necessidades, emoções e sentimentos dos indivíduos e da comunidade, e principalmente dando a importância devida ao processo de observação dos comportamentos gerados por determinadas informações, redobrando o cuidado e habilidade em transmiti-las.

Melhorar a comunicação de uma sociedade traz consigo a oportunidade de facilitar a aceitação das reivindicações de determinada categoria, já que os atritos levam à impossibilidade em observar e ouvir visões distintas. O que vemos hoje no Brasil é a incapacidade de diálogo entre as diferentes formas de pensar, o que acaba por gerar uma série de pré conceitos por um grupo ter como foco apenas os seus próprios interesses.

Este estudo visa avaliar a violência na comunicação dentro do contexto do carnaval brasileiro de 2020. É preciso lembrar que este evento é responsável por grande arrecadação, pois é um grande fomentador do turismo no país, principalmente no Rio de Janeiro, Estado que realiza o carnaval mais importante da nação.

Estabeleceu-se a seguinte pergunta de partida: Qual a percepção dos brasileiros sobre o papel da mídia jornalística na violência desenvolvida no carnaval de 2020?

Em conformidade com a pergunta de partida estabelece-se o seguinte objetivo geral: Identificar a influência das mídias jornalísticas brasileiras na violência da comunicação social, sobre os enredos de protesto do carnaval de 2020.

Traçamos os seguintes objetivos específicos:

1. Conhecer a opinião dos cariocas sobre os enredos do carnaval de 2020;
2. relacionar as opiniões dos cariocas com suas percepções sobre a forma como a mídia divulga as informações;
3. Analisar onde e porquê ocorrem atritos na comunicação.

### **3.2-DESENHO DA INVESTIGAÇÃO**

No intuito de identificar a influencia das mídia jornalísticas brasileiras na violência da comunicação social sobre os enredos de protesto do carnaval de 2020, o presente estudo desenvolve-se como pesquisa aplicada, de natureza exploratória, tendo em vista que, segundo Gil(2002, p41) esta:

(...) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explicito. Pode envolver levantamento bibliográfico ou entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso.

Por ser uma pesquisa que trata de aspetos emocionais e percepções que são recolhidos e tratados e interpretados de forma qualitativa , o paradigma de investigação é o qualitativo.

Incluimos como fontes secundárias matérias de jornais e revistas relativas ao carnaval 2020.

### **3.3 -TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS**

Como instrumento de recolha de dados elaboramos entrevistas semi-estruturadas, cujo guião se encontra em anexo, de modo a perceber junto dos participantes como as informações dos midia os afetou emocionalmente, se eles percebem se existe ou não cuidado com as necessidades do publico em relação às notícias veiculadas pelas mídia

jornalísticas e se ao reivindicarem algo sobre os assuntos abordados pela emissora se sentem ou não ouvidos.

Por motivo da Pandemia coronavírus as entrevistas foram feitas por canais digitais em chamada de vídeo, utilizando a ferramenta Zoom pela qual é possível ter detalhes a respeito do entrevistado, semelhantes ao modelo de entrevistas presenciais, sendo solicitado ao mesmo que esteja em ambiente silencioso e bem estruturado de modo a possibilitar a total compreensão das perguntas e concentração em relação às respostas.

As entrevistas tiveram como objetivo conhecer a percepção dos entrevistados em relação à comunicação sobre o carnaval de 2020 veiculadas pelas mídias por isso as perguntas foram formuladas de forma aberta, para que houvesse uma resposta aberta dos indivíduos entrevistados, com exposição das suas ideias, frustrações ou contentamentos em relação ao que foi perguntado.

### **3.4 – POPULAÇÃO DO ESTUDO**

Foram entrevistadas sete pessoas, todas do Rio de Janeiro, com idades compreendidas entre 34 e 65 anos, sendo três deles moradores das comunidades da região da escola de samba da Mangueira, outros dois simpatizantes do evento carnavalesco, sendo um deles participante da bateria de escola de samba e o outro relacionado com a cobertura jornalística do carnaval. Dois dos entrevistados estão ligados à religião (um é pastor evangélico e a outra é teóloga). Seis dos entrevistados têm ensino superior completo, somente um tem apenas ensino médio. Temos portanto uma amostra de conveniência, que resultou do fato de conhecermos estas pessoas e da dificuldade de entrevistarmos outras em plena situação de pandemia que nos obrigou a grande isolamento.

Entrevistado	E1
Sexo	Masculino
Idade	52
Estado civil	Casado
Formação	Ensino Superior
Atuação	Jornalista e professor universitário

Entrevistado	E2
Sexo	Masculino
Idade	65
Estado civil	Casado
Formação	Ensino superior
Atuação	Hoteleiro e Percursionista de bateria

Entrevistado	E3
Sexo	Masculino
Idade	59
Estado civil	Casado
Formação	Ensino superior
Atuação	Pastor evangélico

Entrevistado	E4
Sexo	Masculino
Idade	36
Estado civil	Solteiro
Formação	Superior completo
Atuação	Professor universitário

Entrevistado	E5
Sexo	Masculino
Idade	42
Estado civil	Casado
Formação	Ensino Médio
Atuação	Caminhoneiro

Entrevistado	E6
Sexo	Feminino
Idade	36
Estado civil	Solteiro

Formação	Ensino Superior
Atuação	Teóloga

Entrevistado	E7
Sexo	Feminino
Idade	34
Estado civil	Casada
Formação	Superior completo
Atuação	Do lar

### 3.5-TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise das entrevistas é feita através da técnica da análise de conteúdo, que analisa as comunicações e facilita a interpretação dos conteúdos presentes nas mensagens, e a partir daí permite inferir a interpretação dos materiais recolhidos nas entrevistas.É:

*Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes)extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo das frequencias que fornece dados cifrados até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermeneutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. (Bardin, 1977, p.9)*

Foram criadas para analisar os dados as seguintes categorias de análise:

- O Jornalismo e a promoção da inclusão.
- Responsabilidade social do jornalismo.
- Jornalismo livre.
- Jornalismo e o cuidado com os sentimentos e necessidades.
- Jornalismo e violência.
- Interesses que conduzem à violência.
- Responsabilidade do receptor.
- Natureza do cidadão.
- Empatia e violência.

# Capítulo 4 – CONTEXTO DE VIOLÊNCIA NO BRASIL

## 4.1-O CARNAVAL E A VIOLÊNCIA

O carnaval do Rio de Janeiro é um evento de grande magnitude que tem seu o ápice na avenida Marquês de Sapucaí, região central da cidade. É um evento particular onde a participação é concedida mediante o pagamento de ingresso. As pessoas que não estão presencialmente no evento têm como fonte primária dos acontecimentos ocorridos lá, a grande mídia, pois todo o evento é coberto pela Rede Globo de televisão, principal rede de TV do Brasil.

Toda a estrutura montada para os desfiles é realizada pelas escolas de samba, também conhecidas como agremiações. Estas estão localizadas predominantemente em comunidades carentes, gerando empregos e programas sociais para os moradores destas regiões.

Desde o início do carnaval do Rio de Janeiro, princípio do século XX, as escolas de samba recebem incentivos em dinheiro do governo, o que gera descontentamento entre aqueles que não têm conhecimento que o carnaval é o evento que mais gera recursos para o município, sendo o setor de turismo o mais beneficiado com a realização do festejo.

As escolas de samba arrecadam verbas de diversas formas, por meio da venda de ingressos, venda das fantasias e dos direitos de transmissão das imagens dos desfiles. Mas uma das verbas mais controversas é a atribuição de dinheiro público para o evento, parte concedida pelo governo federal e parte concedida pela prefeitura( cada esfera do governo, nos anos anteriores, concediam cerca de R\$ 12.000.000,00).

Segundo a folha de São Paulo(21/02/2020), as escolas de samba do grupo especial teriam angariado entre todas as escolas apenas R\$536.000,00 em 2020, depois que o prefeito da cidade cortou as verbas destinadas ao evento, que antes do seu mandato chegava a 2 milhões de reais por agremiação. Segundo fontes do jornal Ig notícias(21/02/2020), o carnaval 2020 injetou na economia do Rio de Janeiro cerca de 4 Bilhões de reais por meio de trabalhos formais e informais.

Fora isso, segundo o jornal Folha Dirigida 25,4 mil vagas de emprego temporário foram geradas pelo carnaval. É importante lembrar os empregos e cursos oferecidos diretamente pelas escolas de samba durante o ano nas comunidades em que elas estão localizadas.

Hoje as escolas de samba são responsáveis por manifestar na Avenida os sambas enredos, declarados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Imaterial, destacando a importância cultural deste evento.

“Estão registrados como bens culturais de natureza imaterial, no Estado do Rio de Janeiro, as manifestações culturais Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro e

samba enredo, o Jongo do Sudeste, a Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira.” (IPHAN, 2014).

Esta grande festa que projeta o país para o mundo não agrada a todos os brasileiros, pois com uma população majoritariamente cristã, o carnaval é visto como um momento do ano onde as pessoas têm liberdade para se manifestar da forma que desejam, o que para os religiosos faz do carnaval um momento onde o “pecado” se manifesta abertamente. Para grande parte desse grupo o carnaval é uma festa pagã que deve ser evitada. Levando em consideração o sincretismo religioso, quase todas as religiões do Brasil utilizam simbologias cristãs o que faz com que elementos do cristianismo sejam agregados pelas escolas de samba, o que não é aceito pelos cristãos.

Em 1980, a escola de samba beija-flor tentou trazer para o desfile, uma imagem do Cristo Redentor e foi obrigada por decisão judicial a cobrir a alegoria, pois os movimentos cristãos se sentiram agredidos com a situação.

“Uma alegoria representaria o Cristo Redentor cercado de mendigos. Mas a Arquidiocese do Rio de Janeiro vetou o Cristo. Estava criada a polêmica, bem ao gosto de Joãozinho. “Não se preocupe, que eu tenho a solução! Nós vamos cobrir o Cristo e eu tenho a frase. A frase ficou famosa: “Mesmo proibido, olhai por nós.” E o Cristo entrou para a história do carnaval.”(G1,04/12/ 2014)

Hoje, com a internet e a informação circulando de forma mais democrática, este tipo de manifestação acaba tornando-se a base para um embate de grandes proporções, capaz de espalhar violência em toda a comunidade. Esse foi um dos fatores que desencadeou um comportamento agressivo entre os cidadãos brasileiros durante o carnaval 2020.

Grupos religiosos conservadores, como os do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, falam em blasfêmia e ameaçam acionar a Justiça contra a escola de samba Mangueira. Para o professor Francisco Borba Ribeiro Neto, coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, devido ao aspecto permissivo da festa, as comunidades religiosas frequentemente buscam afastar-se do Carnaval: "Assim, a inclusão de motivos religiosos parece uma blasfêmia que ofende a comunidade religiosa. Contudo, a população cristã brasileira é muito grande e heterogênea. Há os que se ofendem com o Carnaval, há os que querem até 'cristianizar' a festa, daí as polêmicas." (Uol,19/02/2020) A gota d'água para o atrito foi o carnaval das escolas de samba do Grupo especial do Rio de Janeiro que levaram até à avenida Marquês de Sapucaí sambas com enredos polêmicos que desferiram críticas aos setores políticos e religiosos (Conforme figura 1).

Dentre elas merece destaque a escola Estação Primeira de Mangueira com o enredo “A verdade vos fará livre”.

Eu sou da estação primeira de Nazaré  
Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher

Moleque pelintra no buraco quente  
Meu nome é Jesus da gente

Nasci de peito aberto, de punho cerrado  
Meu pai carpinteiro desempregado  
Minha mãe é Maria das dores Brasil  
Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira  
Me encontro no amor que não encontra fronteira  
Procura por mim nas fileiras contra a opressão

E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão

Eu tô que tô dependurado  
Em cordéis e corcovados  
Mas será que todo povo entendeu o meu recado?  
Porque de novo cravejaram o meu corpo  
Os profetas da intolerância  
Sem saber que a esperança  
Brilha mais na escuridão

Favela, pega a visão  
Não tem futuro sem partilha  
Nem messias de arma na mão

Favela, pega a visão  
Eu faço fé na minha gente  
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir  
O desabafo sincopado da cidade  
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor  
E ressurgi no cordão da liberdade

Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também



Figura 1 - Imagem do jesus mulher no desfile da escola de Samba Mangueira.

[https://gazetaweb.globo.com/porta/ noticia/2020/02/\\_98231.php](https://gazetaweb.globo.com/porta/ noticia/2020/02/_98231.php)

E a escola de samba São Clemente com o seu enredo “O conto do vigário”, satirizando o atual governo (Conforme figura 2).

Meu povo chegou, ô, ô  
A maré vai virar, laiá  
Na ginga, pra frente  
Lá vem São Clemente  
Sem medo de acreditar  
O sino toca na capela e anuncia  
Nossa Senhora, começou a confusão  
Quem vai ficar com a imagem de Maria?  
O burro vai tomar a decisão  
Mas o jogo estava armado  
Era o conto do vigário  
Nessa terra fértil de enredo  
Se aprende desde cedo  
Todo papo que se planta, dá  
Dom João deu uma volta em Napoleão  
Fez da colônia dos malandros, capital  
Trambique, patrimônio nacional  
Tem laranja  
Na minha mão, uma é três e três é dez  
É o bilhete premiado, vendido na rua  
Malandro passando terreno na Lua

Hoje, o vigário de gravata  
Abençoa a mamata  
Lobo em pele de cordeiro  
Trago em três dias seu amor  
La garantia soy yo  
Só trabalho com dinheiro  
Chamou o VAR, tá grampeado  
Vazou, deu sururu  
Tem marajá puxando férias em Bangu  
Balança na rede  
Abre a janela, aperta o coração  
O filtro é fantasia da beleza  
Na virtual roleta da desilusão  
Brasil, compartilhou, viralizou, nem viu  
E o país inteiro assim sambou  
Caiu na fake News.



Figura 2 - Humorista Marcelo Adnet no desfile da Escola São Clemente.

<https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2020>

## **4.2 - O ANTAGONISMO ENTRE O JORNALISMO E A POLÍTICA.**

O Rio de Janeiro é conhecido pelas suas belas praias, pelo seu carnaval e pela violência que há décadas se manifesta, principalmente, pela “guerra interminável” entre a polícia e as facções criminosas que detêm o poder das comunidades (favelas) tão presentes nas paisagens cariocas. Os

conflitos entre os poderes que controlam as periferias da cidade, geram o medo , o que é comum nos atos de violência.

Além disso, outras formas de violência física tornaram-se constantes, não só no Rio de Janeiro, mas no Brasil de um modo geral, dentre elas temos:

-Violência no trânsito, que segundo o portal do transito em 2019 tirou a vida de 30.371 pessoas, sendo uma das principais causas de morte no Brasil;

- Violência contra a mulher - segundo a revista Veja em 2019 houve 3624 notificações de violencia contra a mulher e durante a pandemia, segundo o jornal Brasil de fato uma mulher morre a cada 9 horas;

- Violência com arma de fogo e arma branca – segundo o jornal O Globo em 2019 foram registadas 41.635 mortes violentas no Brasil.

A tecnologia trouxe consigo um tipo de violência mais subtil, que entra de forma quase imperceptível nas residências e pode encontrar espaço em cada smartphone conectado à internet. A guerra de opiniões promovida nos espaços virtuais tem criado um contexto favorável para a propagação de atitudes violentas.

Agrava este quadro “a queda de braços” entre o atual Presidente da República e os seus seguidores e o principal grupo de televisão do Brasil, o grupo Globo. Pelo fato de o Presidente Jair Messias Bolsonaro ter como apoiantes a maioria dos setores conservadores e cristãos da sociedade civil, os reflexos podem ser observados em todas as regiões e classes sociais.Vejamos as seguintes noticias:“Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre” (Fenaj, 02/07/2020); “Bolsonaro diz para a reporter: ‘Minha vontade é encher tua boca de porrada” (Uol noticias, 23/08/2020)

## Capítulo 5 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E COMENTÁRIO DE DADOS

### O JORNALISMO E A PROMOÇÃO DA INCLUSÃO

Os entrevistados E1, E2 e E3 participam ou participaram diretamente no carnaval e demonstram conhecer os benefícios do carnaval:

*“Aí é que está a magia do carnaval, está todo mundo ali se divertindo;”*E1

*“Se você deseja o fortalecimento cultural e comunitário é necessário investir no carnaval porque ele gera emprego e renda para o ano todo. Não são só os quatro dias, é como se fosse um grande negócio, você está agindo na cidade então quando investe o dinheiro no carnaval vai ver lá na frente um retorno muito maior. É um negócio que se bem administrado dá certo;”* E1

*“O carnaval é uma grande fonte de renda para as classes menos favorecidas porque a gente só ouve falar do glamour do carnaval, nós não ouvimos falar do carnaval 12 meses por ano, para a maioria é o que acontece naqueles dois dias (...) A imprensa precisa mostrar por dentro, todo o profissionalismo e onde o dinheiro público está sendo empregado;”* E1

*As escolas de samba geram um trabalho social muito forte, os barracões geram empregos o ano todo e as quadras, cursos de costura, fotografia, dança e etc;”* E1

*“Trabalhei no ramo de hotelaria e os hotéis ficam completamente lotados. A quantidade de empregos e arrecadação são enormes, é um ganho para o Rio de Janeiro pela grandeza do carnaval;”* E3

*“Economicamente o ganho no carnaval do Rio de Janeiro é extraordinário e eu que sou do ramo de hotelaria vi isso de perto, ele gera ganhos formais e informais várias vezes maior do que o que foi investido;”* E2

Os entrevistados que não tiveram contato direto com a festa de carnaval, demonstram desconhecer os seus benefícios:

*“Para mim o carnaval não agrega em nada. Acho que a escola vencedora deveria levar incentivos para a melhoria da comunidade;”* E7

*“Eu acho que economicamente para montar toda essa estrutura, não fica bem nivelado e existem dados que podem ser até omitidos para não demonstrar o prejuízo e quanto o engajamento atinge, apenas, uma parcela muito pequena da sociedade;” E5*

*“Do mesmo jeito que você tem uma grande arrecadação, por outro lado você tem uma agressão cultural ao brasileiro e vejo que isso não compensa;” E6*

*“Eu vejo o engajamento, mas não é algo que faça diferença positiva;” E6*

Sendo o Rio de Janeiro uma cidade marcada pelas desigualdades sociais, na qual os bairros de luxo fazem fronteira com favelas onde a pobreza extrema é alimentada e cresce a cada dia, o que esses dois ambientes têm em comum é a informação das grandes emissoras de rádio e televisão, e essa é também a única voz comum nesses dois ambientes. A mídia jornalística tem nas suas mãos, se bem utilizada, uma excelente ferramenta de inclusão social, pois é por ela que estas duas faces de uma mesma cidade podem conhecer-se e saber cada quais os seus pontos positivos e negativos de forma a agregar valores para a sociedade como um todo.

Mas o que é que a população percebe sobre o modo como a mídia jornalística promove a inclusão social? A mídia jornalística tem a possibilidade de aumentar a percepção da população com relação a determinados setores da sociedade que contribuem para o engajamento da sociedade, criando na população uma forma positiva de enxergar os benefícios gerados por aquele setor, fomentando a inclusão social.

Apenas o entrevistado E3, que não participa do carnaval, mas afirma ter trabalhado em eventos ligados ao turismo no carnaval, demonstra perceber a importância do festejo para a cidade.

Quando a mídia jornalística não enfatiza os benefícios que ocorrem com o carnaval presta um mau serviço de inclusão social, já que a população não tendo conhecimento sobre os fatos, passa a olhar para o festejo como algo prejudicial para a cidade.

Quando a imprensa se preocupa apenas em mostrar o que acontece na avenida, percebemos nas opiniões daqueles que não participam diretamente na festa o desconhecimento sobre a importância do carnaval, a indignação por contribuírem para algo que consideram irrelevante e conseqüentemente o distanciamento em relação aqueles que participam. Podemos observar pelas entrevistas que quem não simpatiza com a festa tem grande desconhecimento do seu impacto principalmente na economia do Rio de Janeiro .

A comunicação não violenta estabelece que a base para um bom relacionamento necessita de observação sem julgamentos, e para que a observação seja feita sem nenhum tipo de julgamento é necessário um bom entendimento do processo, o que no caso da população carioca em geral é possível somente com uma cobertura abrangente pela mídia jornalística, sem omissões.

A disposição dos entrevistados para avaliar os benefícios do carnaval do Rio de Janeiro enquadra-se na perspectiva de observação da CNV: “Primeiramente, observamos o que está de fato acontecendo numa situação: o que estamos vendo os outros dizerem ou fazerem que é enriquecedor ou não para a nossa vida?” (Rosenberg, 2015)

## **RESPONSABILIDADE SOCIAL DO JORNALISMO**

Todos os entrevistados veem parcialidade na mídia:

*“Eu fico chateado com a forma que é feito, às vezes o cara faz um trabalho legal mas ele não mostra o todo, apenas uma parte;” E2*

*“Mas tem algumas reportagens que o jornalista já concorda com o assunto “de cara” e dá o parecer dele. A mídia cria atritos com quem pensa diferente dela, por isso tem gente que não gosta da Globo e não vê a Record pois todas “jogam” desse jeito;” E3*

*“Podemos “contar nos dedos” quem é democrático e vemos que são engajados politicamente. Você vê uma notícia na Globo e na Record, tem grande diferença. Estão preocupados em atacar um nicho e esquecem a democracia;.” E5*

*“Hoje está difícil conseguir transparência das grandes mídia, porque existem interesses econômicos e políticos;” E4*

*“Eu enxergo a grande mídia do Rio de Janeiro com um direcionamento, ela é sempre a favor e estimula determinadas situações, não é imparcial;” E6*

*“O papel da Mídia jornalística é importantíssimo quando ela consegue ser neutra”; E1*

*“A mídia jornalística tende para o lado da maioria;” E7*

Numa cidade com tantas diferenças culturais, sociais e econômicas, aqueles que divulgam a informação precisam de estar cientes das suas responsabilidades no que diz respeito à criação de atritos sociais.

Sabemos que hoje existem meios alternativos que absorvem as informações da mídia jornalística de grande porte e difundem essa informação dentro da sua visão, contaminando a disseminação da notícia. Mas como propagadora primária a mídia televisiva tem maior responsabilidade.

Um fator que potencializa os atritos entre setores da sociedade e a mídia jornalística é a parcialidade. E dentro deste aspecto os entrevistados foram enfáticos. Para todos eles a mídia jornalística demonstra parcialidade, ou seja, é perceptível o seu posicionamento político e ideológico, o que gera descrédito perante a opinião pública, chegando a gerar revolta nos setores sociais que não se sentem representados.

## **JORNALISMO LIVRE**

Quando perguntamos aos entrevistados se veem problema em a mídia jornalística expressar a sua opinião, os entrevistados disseram não estar aí o problema.

*“Você tem o jornalismo opinativo, você pode opinar sobre os fatos, mas a informação tem que estar lá;” E1*

*“Sim, ela pode apresentar os fatos e ter opinião, desde que ela não chame para o engajamento;” E5*

*“A mídia pode dar a notícia e dar seu esclarecimento. Mas tem algumas reportagens que o repórter concorda com o assunto de “cara” e dá o parecer del;.” E3*

*“Eu acho que ela deve emitir suas opiniões para que as pessoas possam discernir o que vê e fazer uma seleção;” E6*

*“Eu acho que ela deve expor os fatos, mas também opinar não de modo que essa opinião seja verdade absoluta;” E2*

Para a maioria dos entrevistados, o descrédito com a mídia não se configura pela carga opinativa das emissoras. Ela somente não deve omitir os fatos.

Em nenhum momento os entrevistados propuseram qualquer tipo de cerceamento aos meios de comunicação. Desejam uma imprensa livre e apenas questionam maior cuidado com fatos sensíveis, que podem gerar atritos sociais e maior transparência na exposição das notícias.

## **O JORNALISMO E O CUIDADO COM OS SENTIMENTOS E NECESSIDADES.**

Quando interrogados sobre a observação dos sentimentos e necessidades, dois pilares da comunicação não violenta, por parte da mídia, obtivemos as seguintes respostas:

*“Eu acho que o interesse é de gerar atrito;” E7*

*“Vemos que polemizar faz parte. Tem setores da sociedade que sobrevivem da polêmica;” E3*

Três dos entrevistados, apesar de concordarem não haver observação dos sentimentos e necessidades, creem ser possível fazer essa observação:

*“Eu creio que tem como transmitir a informação para os grupos A, B e C de modo que os três entendam e não se sintam agredidos. Mas a gente sabe que não existe essa preocupação por parte da mídia. A maior preocupação deles é ter audiência;” E6*

*“Quando a meta está no ibope fica difícil analisar sentimentos. Mas dá para trabalhar os sentimentos e necessidades da população, a partir do tom de voz e da imagem que vai ser utilizada. Dependendo da forma como passo a notícia eu posso amenizar ou causar atrito. A imagem tem um poder muito forte de transformar e mexer com o sentimento das pessoas;” E1*

*“Respeitando o índice de aprovação e reprovação. E ela pode fazer isso. Ela entende que a maioria quer e o que não quer. Eles sabem o que estão fazendo.” E5*

Dois entrevistados acrescentam as dificuldades de fazer observações num país com as dimensões e diversidades do Brasil:

*“Hoje não vejo nenhuma mídia que tente contornar e trabalhar o sentimento e necessidades das pessoas. Elas até se favorecem com o radicalismo de algumas pessoas. As mídia não querem trabalhar com o social, pois para ser grande é preciso priorizar o lucro. Além do mais existe a dificuldade do tamanho do país e sua diversidade;” E4*

*“Será que ela pensa nisso em verificar a sensibilidade de cada um, ela está preocupada em vender. Ainda mais em um país grande como esse e com a abertura que nós temos onde cada um acha que pode fazer qualquer coisa e as culturas dentro do país são completamente diferentes, como você vai administrar isso?” E2*

Quando questionados sobre os seus sentimentos em relação às notícias veiculadas pelas mídia jornalísticas sobre o carnaval 2020, todos demonstraram sentimentos negativos:

*“Não me ofende (...) só fico indignado porque afeta outras pessoas;” E4*

*“Eu sinto tristeza profund;” E6*

*“Sentimento de repúdio, de impotência. Eu vejo com muita tristeza;” E1*

*“Para mim é indiferente;” E7*

*“Meu sentimento é de compaixão e de tristeza;” E3*

*“Que eu não vivo em um estado democrático, revoltoso;” E5*

*“Repudio, pois, eu fico chateado com a forma que é feito;” E2*

Os entrevistados creem que o esclarecimento sobre as notícias é a melhor forma de trabalhar os sentimentos do cidadão:

*“Eu acho que a polêmica vai sempre existir, mas ela (a mídia jornalística) tem que esclarecer o telespectador e dar um tempo para absorver a informação, para vir de forma mais amena;” E2*

*“Eu gostaria que as pessoas fossem mais informadas sobre os temas polêmicos quando fossem veiculados;” E5*

*“Que fosse feita uma análise de cada caso para esclarecer a população sobre o que está acontecendo;” E3*

*“Eu gostaria que fosse da forma mais imparcial possível e que a mídia buscasse especialistas para debater e não ficassem fazendo juízo de valor no ar;” E4*

*“Eu queria que fosse uma repercussão voltada para o crescimento da cidade. Que fossem assuntos debatidos de uma maneira que a sociedade pudesse refletir de modo a buscar melhorias e trabalhar cidadania. Não é só colocar o assunto pronto;” E1*

*“Eu acho que era para fazer uma reflexão, alguma coisa para o povo pensar e fazer uma autoanálise.” E7*

Para a CNV os sentimentos e as necessidades são dois pontos fundamentais na comunicação. Observá-los diminui a tensão entre o comunicador e o ouvinte. É preciso ver se a grande mídia tem o cuidado de avaliar se estes itens estão sendo considerados:

*“O sentimento funciona como um sinal luminoso num painel de instrumentos, informando sobre a necessidade: um sentimento prazeroso, indica que a necessidade está sendo satisfeita; um sentimento opressivo indica que ela não está sendo suprida.” (D’ansebourg, 2018 s.p)<sup>11</sup>*

Os entrevistados veem a mídia jornalística mais preocupada com as audiências do que com o caráter social da informação e como agravante está a diversidade do país.

É interessante perceber no que foi dito pelo entrevistado 1(um) que é jornalista, logo conhecedor do modo como a mídia veicula as notícias, que o cuidado estético da apresentação da notícia já poderia diminuir a contrariedade de parte dos espectadores.

De acordo com D’ansebourg se o sentimento da população é opressivo temos um indicativo de que as suas necessidades não estão sendo supridas. Podemos observar ainda quais os sentimentos que foram gerados nos entrevistados pela forma como as notícias do carnaval 2020 foram veiculadas.

Todos os entrevistados manifestaram sentimentos negativos em relação à forma como a mídia jornalística explorou os temas polêmicos do carnaval 2020. Nesse contexto fica clara a falta de cuidado da mídia com as necessidades da população.

Quando interrogados sobre como os entrevistados gostariam que ocorresse a repercussão das notícias sobre o carnaval 2020 pela mídia jornalística, a maioria dos entrevistados sinalizou que faltou à mídia jornalística maior esclarecimento do assunto.

Podemos perceber que na percepção dos entrevistados as mídias jornalísticas cariocas têm nenhum ou pouco interesse em trabalhar a responsabilidade social de unir a sociedade, pois têm como meta primária aumentar a sua audiência e defender os seus interesses.

---

<sup>11</sup> Posição: 294 de 3523 – 9%

## JORNALISMO E VIOLÊNCIA

Quando interrogados sobre como observaram a divulgação dos temas polemicos do carnaval 2020, os entrevistados responderam:

*“A grande mídia do Rio de Janeiro tem um direcionamento, ela é sempre a favor e estimula determinada situação, não é parcial. A pessoa que tem um pouco de senso (crítico) percebe. Cada uma segue o que acredita ser bom para ela, é um jogo de interesse;” E6*

*” Eu acho que a mídia não é imparcial, uma mídia dá a informação de uma forma e outra de outra forma. Hoje está difícil conseguir transparência das grandes mídia, porque existem interesses políticos e econômicos;” E4*

*“Isso depende do profissionalismo da reportagem e você vê diferença de um profissional para o outro. Mas a emissora tem muito interesse nisso;” E3*

*“A gente conta nos dedos quem é democrático e vemos que são engajados politicamente. Você vê a notícia na Globo e na Record, tem grande diferença. Estão preocupadas em atacar um nicho e esquecem a democracia. Todo mundo tem seus interesses, agora estão deixando óbvio o que é benéfico ao Brasil e o que é benéfico para elas;” E5*

*“A mídia tem que vender o espaço dela, então ela pegou um dado polêmico e a forma como ela falou deu uma ênfase maior, a mídia tem que fazer a coisa maior do que é para sobreviver. Ela tem que vender aquilo;” E2*

*“Aquilo que eles veem que vai dar ibope, eles ficam “martelando” o dia inteiro;” E6*

*“O papel da mídia é importantíssimo quando eles conseguem ser neutros. (...) Quando quem deveria mostrar a verdade não o faz, traz insegurança. Tem veículo que consegue fazer da maneira correta e outros nem tanto. “ E1*

Com a evolução tecnológica ocorrida nos últimos anos e o aumento da disponibilidade de internet, o cenário da disseminação de notícias alterou-se significativamente. Hoje as mídia jornalísticas televisivas perderam o seu protagonismo e dividem espaços com mídia alternativas que se reproduzem em plataformas digitais como youtube, facebook, instagram e etc. No Brasil a mídia

jornalística televisiva ainda mantém algum protagonismo na obtenção das informações e as mídias alternativas digitais absorvem esta informação e repassam-na gerando debates nas mídias sociais.

Logo, se a nossa intenção é avaliar a percepção do carioca em relação ao jornalismo e à violência, é necessário perceber como eles observam todo esse trajeto informativo.

## **INTERESSES QUE CONDUZEM À VIOLÊNCIA**

Cinco dos sete entrevistados, quando perguntados se o tema carnaval 2020 através das mídias gerou violência, dizem que o processo foi potencializado pelos interesses da grande mídia:

*“O carnaval por si só não é o gerador da violência e sim a mídia que tem um interesse empresarial e vai expor de uma forma que lhe traga benefícios, então a mídia social vai expor as mazelas até por conta da polarização, o que acaba alimentando o ódio das pessoas;” E4*

*“É uma coisa ligada a outra, não é um acaso, lá na ponta a mídia jornalística já tem um direcionamento, eles não sabem o que vai acontecer, mas o que ocorre no final é uma violência não controlada;” E3*

*“Está tudo interligado, o intuito é gerar polêmica, produzir divergência e separar o Brasil. Separar para conquistar. Desestabilizar para manipular;” E5*

*“O que a mídia passa vai refletir na sociedade e a sociedade vai refletir isso. Para mim está tudo ligado. Esse fluxo é coordenado para que haja atrito. O conflito gera alguma coisa boa, mas que não é para a população;” E7*

*“Elas (Mídia) têm a função de acender a pólvora, de jogar no ventilador. Não é a função dela, mas é o que ela está fazendo;” E6*

*“Eu queria que esse movimento fosse aleatório, mas eu sei que é coordenado para beneficiar alguém” (...) A grande mídia fomenta isso respaldada por um grupo de interesse maior.” E1*

Para dois dos entrevistados E4 e E2 a violência não interessa à grande mídia, mas passa a ser um efeito colateral da busca dos seus interesses:

*“A mídia quer que você consuma, então ela vai gerar esse movimento mesmo que gere violência;” E2*

*“O carnaval por si só não é o gerador da violência e sim a mídia que tem um interesse empresarial e vai expor de uma forma que lhe traga benefícios, então a mídia social vai expor as mazelas até por conta da polarização, o que acaba alimentando o ódio das pessoas;” E4*

Para os entrevistados os interesses da grande mídia seguem uma reação em cadeia que por fim irão desembocar em violência, passando pelas mídias sociais que funcionam como uma fábrica de divergências. Para a maioria dos entrevistados esse fluxo das notícias é deflagadora de violência. É um fluxo coordenado pela obtenção de benefícios, ou seja, os atritos sociais gerados por notícias polêmicas são intencionais por parte da mídia jornalística.

## **A RESPONSABILIDADE DO RECETOR**

Quando questionados sobre o despreparo da população em relação a assuntos veiculados pela mídia, eles responderam:

*“Eu acho que a população nunca foi preparada para a discussão, nunca fomos preparados para questionar;” E7*

*“A mídia põe o que ela quer, mas a população não está preparada. (...) É uma população que não tem esclarecimento, aí escuta “balela” e acha que aquilo está certo;” E2*

*“Acho que a população não está preparada. A gente deu um poderio muito grande para uma população que não busca informação. E a velocidade com que isso se dissemina até chegar ao cidadão que não tem capacidade de absorvê-la é muito grande. Fora a impunidade com relação ao que falamos;” E5*

*“No nosso país as pessoas não estão preocupadas em se informar corretamente;” E3*

*“É influência da mídia, mas também porque a população não busca informação em outros meios;” E6*

*“Eu acredito que nós não estamos preparados por conta da cultura, a gente ainda herda muitas coisas da colonização, nós não temos conhecimento político, é uma população que precisa cuidar da educação digital. A questão de pegar a informação e não saber filtrar;” E4*

*“O Brasil é um país muito desequilibrado intelectualmente.” E1*

Apesar de nas respostas anteriores todos os entrevistados mencionarem o despreparo intelectual da população, ao serem perguntados sobre as discussões nas redes sociais sobre os enredos das escolas de samba no carnaval de 2020, apenas os entrevistados E1 e E4 observam esse despreparo como a causa dos atritos:

*“Eu acho que está havendo um exagero, tem gente da mesma família que não se fala mais porque a pessoa tem um pensamento diferente do seu. Temos uma plataforma com grande potencial agregador, mas o que vemos são discussões sem conhecimento;” E1*

*“A questão da polarização sendo influenciada pelas mídias sociais, e as pessoas discutindo sem conhecimento. A internet virou terra de ninguém e as diferenças sociais são gritantes. O que deveria ocorrer seria o cidadão da zona sul buscar saber a visão do cidadão da periferia, mas de forma amistosa de modo a agregar valores e consciência.” E4*

Os outros entrevistados não fazem menção à falta de conhecimento da população:

*“Tudo na rede social tem uma disseminação maior, então estamos vivendo uma guerra virtual;” E5*

*“Na internet cada um põe seu ponto de vista, pois vivemos uma democracia. Mas dar opinião é sadio, só que existem pessoas radicais. A violência mostra como o povo está impaciente, o controle emocional já quase não existe, mas quando não há mais violência é muito proveitoso;” E7*

*“Cada um tem sua percepção de mundo, aí as pessoas falam o que percebem. Só está faltando respeito.” E2*

Dois dos entrevistados( E3 e E6), informaram que pararam de interagir nas redes sociais devido ao ambiente ser permeado por atritos, divergências e polarizações.:

*“Eu só participo em discussões da minha comunidade. Porque as discussões da internet são perecíveis;” E3*

*“Passo batido, não entro nesses espaços. Entrar nesses debates é perda de tempo.” E6*

Analisámos até agora a mídia que poderá estar a estimular os atritos sociais e a incentivar a violência no meio social, mas precisamos de lembrar que para existir a violência é necessário o estímulo e a resposta a ele. E nessa linha os entrevistados veem a população como despreparada para discutir assuntos polemicós.

Para os entrevistados os problemas educacionais do Brasil favorecem a divergência nas informações veiculadas pela mídia e a propagação de atritos sociais. É interessante observar a resposta dada pelo entrevistado E4 que chama a atenção para o fato de não darmos a devida importância à educação digital. Acrescenta ainda: “Hoje a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) inclui a cultura digital para o estudante ter conhecimento da Sociologia e Filosofia do ambiente digital.”

## **A NATUREZA DO CIDADÃO**

Um entrevistado manifestando o seu posicionamento em relação às violências sociais ocorridas no Rio de Janeiro disse o seguinte:

“Eu acho que quando o Presidente que tem o poder máximo de uma nação tem dificuldade de manter o equilíbrio fica difícil um debate equilibrado em qualquer situação abaixo dele hierarquicamente.” E1

Quando interrogados se a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou se determinados temas e formas de os expor serve de estopim, os entrevistados já veem no cidadão uma forma violenta de comunicar.

*“Acho que as pessoas que reagem de forma violenta a assuntos violentos, não o fazem por causa do assunto. O assunto só serve para mostrar que o sujeito é violento;” E6*

*“Está no cidadão com certeza, a gente chegou em um nível de impaciência terrível, como a gente não vê melhoria, a população vai desgastando, a população está cansada, então tanto faz se ela vai machucar o outro. Como a sociedade quer resolver algo que não sabe resolver, são gerados os atritos;” E7*

*“O problema está no brasileiro que não está preparado para discussões, até porque para ele estar preparado precisa de um país melhor;” E1*

*“A gente tem um problema cultural, não temos educação eficaz e isso cria cidadãos que não estão preparados para lidar com determinados assuntos. Mas o problema está no cidadão;”*  
E4

*“O Problema está no cidadão, ele não está preparado para receber tal notícia, ele não analisa e já reflete, tipo ping-pong. Você vê uma mulher apanhar na rua e o outro pegar um celular para filmar, não é normal, por isso vemos que o problema está no indivíduo. A agressividade se tornou normal;”* E3

*“Acho que o problema está no cidadão, o assunto é só um motivo, porque ele não é esclarecido, somamos a isso todos os nossos problemas sociais, então a mídia joga alguma coisa e ele abraça;”* E2

*“Sem temas polêmicos a comunicação do brasileiro é mais branda, mas nem tanto, pois somos latinos. Quanto mais polêmico o tema, mais violentos nos tornamos;”* E5

Quando questionados se a violência ocorrida nas mídias sociais pode ser geradora de violência urbana, foram unânimes em afirmar que sim:

*“As redes sociais têm a facilidade de conectar todo mundo ao mesmo tempo, por conta dessa facilidade esses encontros presenciais são marcados e a gente vê essa violência desenfreada que está acontecendo;”* E1

*“Tem até grupos que marcam encontros para promover badernas de cunho político e ideológico. Eu acho que a violência já está dentro da gente, só precisamos de um motivo;”* E7

*“A questão da violência se tornar física, está muito ligada à questão da impunidade. E está muito relacionada à cultura do brasileiro que prega a violência. E no meio de todos os que estão nas redes sociais vai ter sempre um que vai ter coragem de fazer;”* E4

*“A mídia mostra alguns casos de pessoas que têm pensamentos diferentes discutindo entre si e se agredem fora da internet. Isso ocorre por ausência de tolerância e racionalidade;”* E6

*“As pessoas não sabem separar o virtual do real;”* E3

*“A gente vê pessoas marcando encontro pela internet. Eu acho que a internet potencializa isso. As pessoas não respeitam o espaço do outro.”* E2

A expressão imortalizada por Sergio Buarque de Holanda no seu livro Raízes do Brasil quando diz: “Somos Homens Cordiais” contrasta com uma realidade onde cerca de 100.000 pessoas perdem a vida de forma violenta todos os anos no Brasil. Essa fama de homem alegre e hospitaleiro parece diluir-se com a convivência em território nacional.

Nenhum dos entrevistados considera os cidadãos brasileiros como indivíduos pacíficos, principalmente dentro das redes sociais onde, muitas vezes, a sua identidade não está a ser revelada. E ainda veem a violência digital traduzir-se em violência urbana.

Ao analisar a relação entre jornalismo e violência é possível observar como a população percebe o processo de consolidação da violência por meio das mídias. Para eles é um processo que se inicia com os interesses da grande mídia, a qual emite notícias com certo grau de parcialidade, as quais vão abastecer as mídias sociais e atingir um público que não está preparado para estas discussões e é dotado de certo grau de violência. Este processo desenrola-se de tal forma que vai contribuir para a violência urbana.

## **EMPATIA E VIOLÊNCIA.**

É possível perceber nas respostas daqueles que não simpatizam com as manifestações carnavalescas, uma visão de superioridade em relação aos participantes:

*“Quem consegue enxergar o todo, que tem a visão mais ampla consegue ver o que o carnaval traz de negativo. Aqueles que pulam o carnaval não veem dessa forma, mas a opinião deles não é válida;” E6*

*“Eu enxergo (a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos) como cegueira espiritual e intelectual;” E6*

*“Discutir sobre isso (manifestações do carnaval) é uma bobagem, porque não abre a mente dos que já estão contaminados;” E6*

*“Dentro da minha visão como servo de Deus, eu vejo isso como algo muito normal da parte deles, não seria normal se viesse de nós. Porque não são pessoas direcionadas por Deus, são direcionadas por outro espírito, o espírito da bagunça e da contradição.” E3*

Quando interrogados sobre a utilização do carnaval como forma de protesto os entrevistados E4, E5 e E6 não se posicionam em relação às reivindicações:

*“Eles podem protestar e reivindicar, mas eles têm que respeitar minha formação, é aí que entra a regra. Eu não aceito esse tipo de coisa, deixa de ser democrático porque se torna uma minoria incisiva;” E5*

*“Eu acho que essas manifestações são somente para atacar e que isso é feito como marketing;” E6*

*“Não tem um propósito bonito. A reivindicação das minorias no carnaval não é válida;” E6*

*“Mas não é objetivo deles fazer a reivindicação pelas causas é apenas para aparentar bondade;” E6*

*“Tem que haver respeito político. Acho até passível de processo;” E5*

*“Vivemos em um país democrático, não é possível um presidente ser criticado e quando ele critica vem uma avalanche;” E5*

*“Nesse último carnaval houve um ataque direcionado. Claro que sempre houve crítica, mas você vê por trás um engendramento para formar um governo paralelo e para unificar as religiões;” E5*

*“É uma forma de ganhar mídia, se for para ser observado não é uma boa estratégia. Porque gera polêmica, existem outras formas não tão polêmicas de buscar legitimidade. E4*

Pelo contrário, os entrevistados E1, E7 e E2, usam as reivindicações como base para as suas observações:

*“Não vejo como um ataque, apenas como uma crítica à nossa sociedade. Eu acho que ninguém faz o enredo pensando em atacar alguém. É apenas a tentativa de buscar um fortalecimento social das minorias que vivem nas comunidades e não são ouvidas;” E1*

*“Eu acho que eles não são observados. O grande manifesto é em favor das minorias que não são enxergadas. No caso da religião eles estão dizendo: Eu também sou humano e no caso da política é como se estivessem dizendo o povo está de olho. É pra fazer o povo refletir e se questionar;” E7*

*“Toda crítica tem alguma coisa por trás. Toda vez que a crítica vem, o que se busca é algo melhor;” E2*

*“A primeira grande polêmica foi da Beija-flor. Eu não sei se você vai lembrar a igreja proibiu Joãozinho 30 de desfilar com Cristo então ele colocou um pano preto no Cristo e escreveu o mesmo encoberto você vai olhar por nós.” E1*

Em 1989 o carnavalesco Joãozinho 30 da escola de samba Beija-flor de Nilópolis tentou levar para o carnaval a imagem do Cristo Redentor, mas foi impedido por uma ordem judicial movida pela igreja. Esta questão controversa do carnaval não teve a repercussão das polêmicas do carnaval 2020 devido ao fato de naquele ano ainda não existirem as mídias sociais. Dessa forma a discussão se mantinha mais restrita. Hoje a tecnologia rompeu as fronteiras da comunicação e vemos os debates ganharem proporções inimagináveis entre os recetores das informações.

A partir do que foi exposto anteriormente pela percepção dos entrevistados, os interesses da grande mídia, a sua falta de cuidado em tratar as informações, o despreparo da população para o debate público, fazem a violência manifestar-se verbalmente e até mesmo fisicamente no tecido social brasileiro.

As mídias permitiram a interação entre mundos completamente diferentes. Podemos perceber que os atritos ocorrem por choque de ideias e dois fatores são fundamentais para que isso ocorra. O primeiro está relacionado com a estrutura social do Rio de Janeiro, a diversidade cultural, social e econômica transforma a cidade, assim como todo o Brasil, numa “manta de retalhos” no que diz respeito à percepção de mundo, sendo que no ambiente digital cada um manifesta a sua opinião baseado exclusivamente na sua visão de sociedade. E em segundo lugar está o item mais importante da CNV, a empatia. Para que uma troca de ideias se estabeleça de forma satisfatória, independente das diferentes percepções, é necessário dispor de empatia para o entendimento da visão alheia, pôr-se no lugar do outro para perceber os seus medos, dificuldades e reivindicações.

Nas respostas dos entrevistados é possível perceber a dificuldade daqueles que não concordam com esse tipo de manifestação carnavalesca em perceber os sentimentos e as necessidades daqueles que participaram na festa, de forma a colocarem-se no lugar dos mesmos.

Nas respostas anteriores observa-se a pretensa superioridade dos entrevistados que não concordam com o carnaval, o que para a CNV é interpretado como um tipo de “comunicação alienante da vida” onde as diferenças são vistas como uma ameaça.

*A diferença do outro em geral é vista como um perigo, uma ameaça. “Se o outro é diferente, corro o risco de ter que mudar, me adaptar, me transformar no que ele espera de mim, deixar de ser quem eu acredito ser.” Essa insegurança interior pode chegar ao ponto de se exteriorizar em forma de racismo, fanatismo, antissemitismo ou homofobia, mas a manifestação mais comum é por meio do julgamento, da crítica, da recriminação, da suspeita. A diferença não desperta curiosidade sadia, e sim dúvida e desconfiança: “Ele não é igual a nós. (D’ansebourg, 2018 s.p)<sup>12</sup>.*

Este sentimento faz transparecer a ideia de um entendimento superior e consequentemente a divisão entre “nós e eles”, impossibilitando uma comunicação sadia.

As respostas dos entrevistados que não concordam com as manifestações carnavalescas (E4, E5 e E6), não mencionam as reivindicações minoritárias embutidas nos enredos. Isso na CNV está relacionado com o princípio da empatia, ou seja, existe uma certa dificuldade em observar a divergência pela perspectiva do outro.

*“Quanto mais escutamos os outros, mais eles nos escutarão” ; “Quando escutamos os sentimentos e as necessidades da outra pessoa, reconhecemos nossa humanidade em comum. (Rosenberg, 2006 pp 209-211)*

Percebemos que as respostas dos que concordam com as manifestações carnavalescas (E1, E7 e E2), observam as reivindicações ali expressas. A empatia é o único modo de unir os extremos e resolver os conflitos. Sem empatia o que vai sempre perpetuar são os atritos e a violência.

---

<sup>12</sup> Posição: 2290 de 3523

## CONCLUSÃO

O presente estudo inicia-se com uma reflexão sobre o que é a violência e questionando a natureza humana: será ela pacífica e compassiva ou existe na nossa gênese a tendência para comportamentos violentos? Esta questão divide opiniões no ramo da filosofia, mas tem nos seus estudos aspectos importantes sobre a agressividade natural (mas não violenta) que impulsiona o ser humano a se desenvolver, mas que quando não trabalhada de forma eficaz pode ser expressa de forma violenta.

As sociedades organizam-se em quatro esferas de poder, sendo eles o poder econômico, o poder político, o poder coercitivo e o poder simbólico, mas é possível observar no tecido social, núcleos de poder, que competem entre si, tendo como o menor deles e mais importante o núcleo familiar, que tem por finalidade transferir os valores sociais para os novos indivíduos da comunidade. E quando essa transferência não se estabelece de forma eficaz ocorre a disseminação de comportamentos violentos.

Nos últimos cinco séculos o poder simbólico foi potencializado com o desenvolvimento das mídias. A partir da invenção de Gutemberg, a imprensa começou um processo de democratização da informação, de forma que a opinião pública ganhou vários canais de obtenção da notícia, ou seja, a sociedade tornou-se muito mais voltada para o discurso do que para o diálogo, que é o que gera o equilíbrio na comunicação.

Na corrida pelo poder, as mídias passam a ceder em aspectos éticos, gerando diversidade de opinião e divergências ideológicas, que quando tratadas de forma ineficiente pelos cidadãos geram atritos e violência.

Numa cidade como o Rio de Janeiro onde a violência é comum, em cada batida de trânsito, em cada clássico do futebol e nas comunidades da periferia, saber como a violência se manifesta é muito importante, mas mais importante ainda é saber como criar mecanismos de a limitar.

A comunicação tem papel essencial nesse processo, pois é por meio dela que se desenvolvem relações, logo também é por meio dela que são fomentados atritos que irão gerar violência. Por isso, o método de Comunicação não violenta desenvolvido por Marshall Rosenberg (2006) torna-se uma arma eficaz no diagnóstico de precariedades na comunicação, e também auxilia no estabelecimento de relacionamentos saudáveis.

São quatro os pilares da comunicação não violenta que precisam ser avaliados individualmente para que se possa perceber a saúde da comunicação. São eles:

Observação – Saber observar o outro sem a utilização de juízos ou rótulos, torna os

indivíduos menos tendenciosos ao lidar com pessoas que não fazem parte do nosso meio social e coloca-os no único grupo social em que prioritariamente devem estar, no grupo dos seres humanos.

Sentimentos – Desconsiderando o corpo (Biológico) do homem o que sobra é uma teia de sentimentos, como a comunicação que é um processo subjetivo de troca de ideias, que está relacionado diretamente com a interioridade. Saber lidar com os sentimentos do outro é traduzir o que está encoberto na relação.

Necessidades - Todos tem necessidades a serem satisfeitas (e não caprichos), são elas que vão definir o grau de aproximação entre os indivíduos. Saber identifica-las será como derrubar barreiras de separação.

Pedidos – Saber ouvir, interpretar e fazer um pedido é a última fronteira para um relacionamento de qualidade, pois é a partir desta etapa que percebemos que todos os outros itens foram satisfeitos. Os conflitos sociais, normalmente, são gerados por pedidos negligenciados.

Para avaliar a manifestação da violência na sociedade brasileira, foi feita uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, sobre um evento de grande repercussão, que foram os enredos de protesto do carnaval 2020, no Rio de Janeiro.

E é dentro deste contexto que podemos analisar como a população carioca percebeu toda a violência gerada entre as Mídia Jornalísticas, setores da sociedade e os grupos carnavalescos.

Ao fazer este tipo de estudo é necessário perceber dentro dos pilares da comunicação não violenta quais estão apresentando deficiências: Se parcelas da sociedade carioca não estão sendo observadas, se sentimentos e necessidades estão sendo desprezados e se seus pedidos estão sendo silenciados. Pois para a CNV a manutenção destes pilares faz a comunicação tornar-se saudável e evitam a propagação da violência.-

A pesquisa tem como objetivo principal responder à pergunta de partida:

Qual a percepção dos brasileiros sobre o papel das mídia jornalísticas na violência desenvolvida no carnaval 2020?

Entrevistamos 7 pessoas com idades entre 34 e 65 anos, todos moradores da cidade do Rio de Janeiro, sendo três deles moradores de comunidades próximas da escola de samba da Mangueira, dois com envolvimento direto com as escolas de samba e dois pertencentes a grupos que não simpatizam com o evento.

Foi utilizado o modelo de entrevista semiestruturada. Por motivo da pandemia as sete

entrevistas foram feitas por meio do aplicativo zoom e duraram aproximadamente uma hora cada uma. Foram utilizados ainda, como dados secundários, matérias de jornais sobre o carnaval 2020 do Rio de Janeiro, de modo a agregar conhecimento sobre os fatos ocorridos durante a divulgação das notícias sobre o carnaval.

Os entrevistados na sua maioria, percebem um efeito “cascata” da violência, que nasce na divulgação da notícia e passa pelas mídias sociais, gerando atrito na comunicação dos brasileiros e violência social. Mas consideram que o brasileiro além de ter dificuldades no tratamento das informações são pré-dispostos a atitudes violentas.

Os entrevistados que não têm ou não tiveram contato direto com o evento carnavalesco, demonstram certo desconhecimento dos seus benefícios e insatisfação. Isso demonstra ineficiência da mídia jornalística em expor essas informações. Assim como percebem na mídia jornalística dificuldade em lidar com os sentimentos e necessidades da população, atribuindo a essa dificuldade à satisfação dos seus interesses.

É importante observar, ainda, que os entrevistados que não simpatizam com o evento carnavalesco, demonstraram dificuldade em observar as reivindicações feitas nos enredos do carnaval 2020, em favor das minorias. O que nos remete para a falta de capacidade empática. Logo, a percepção dos entrevistados sobre o papel da mídia jornalística na violência desenvolvida no carnaval 2020, é que o fazem para satisfazer os seus interesses, sem se preocuparem com a violência gerada numa sociedade que tem dificuldade em trabalhar as diferenças econômicas, sociais e culturais .

## **DIFICULDADES NA REALIZAÇÃO DESTE ESTUDO**

Precisamos lembrar as dificuldades geradas pela pandemia da Covid 19, porque determinadas regiões do Brasil têm limitações tecnológicas que nos impedem de fazer entrevistas remotas, que era o único meio possível neste período. Também as pessoas estavam muito preocupadas com os seus problemas e não foi fácil obter a sua disponibilidade para as entrevistas.

É provável que se o estudo fosse feito num período de tempo mais extenso teríamos mais entrevistados e mais informações pois a população consultada poderia ser maior e mais diversificada de modo a perceber outras especificidades (por exemplo de bairro). Vale lembrar ainda que o carnaval do Rio de Janeiro é uma festa de âmbito nacional, e poderíamos ter uma amostra com pessoas de outras regiões do Brasil

O presente estudo é apenas uma pequena amostra das dificuldades que o brasileiro tem em

se comunicar, abrindo espaços para outros estudos, no intuito de avaliar o relacionamento de grupos que se opõem de alguma forma na sociedade brasileira. Por exemplo estudar como a comunicação não violenta pode auxiliar professores de modo a evitar atritos na relação professor aluno, num país marcado pela violência nas escolas.

## BIBLIOGRAFIA

- Agência Brasil(21/02/2020) <https://economia.ig.com.br/2020-02-21/carnaval-deve-injetar-r-4-bilhoes-na-economia-do-rio-de-janeiro-neste-ano.html> (15/07/2020)
- Arendt, A (1970). *Da Violência*. Rio de Janeiro. (Digitalizado em 2004)
- Bardin, Laureance(1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70
- Bíblia. Português (2005). *Bíblia Sagrada*: Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas Editora. 1464 p.
- Brasil de Fato. Oliveira, Sheila (10/10/2020) Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia no Brasil. <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/uma-mulher-e-morta-a-cada-nove-horas-durante-a-pandemia-no-brasil> (20/10/2020)
- Carvalho, M, Jeronimo, L, Silva, E, C (2020). *Comunicação não violenta*: Diálogos e reflexos. Belo horizonte. Instituto Pazes.
- Cury, A. (2009). *O vendedor de sonhos*: o chamado. São Paulo: Ed. Planeta. (Ebook
- D'asebourg, Thomas (2018). *Como se lecionar bem usando comunicação não violenta*. Rio de Janeiro. Sextante.
- Dowkings, R. (1976), *O gene egoísta*. UK: Companhia das letras
- Durkheim, E. (2007) *As regras do método sociológico*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Ecenique, M. (s.d.). *Reflexões sobre a gênese da violência*. Porto alegre. Revista Psicodrama
- Fais, A., Assunção, P. (2019), *Comunicação violenta*: Uma visão Prática. Belo Horizonte. Literato.
- FENAJ (02/07/2020).*Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre*.<https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contr-o-jornalismo-no-primeiro-semester> (30/08/2020)
- Ferreira, G.(s.d.). *Uma viagem à história do rádio*. <https://pt.scribd.com/document/12874217/Uma-viagem-a-historia-do-radio> (12/04/2020)
- Folha de São Paulo(21/02/2020) <https://www1.folha.uol.com.br/noticia/2020/02/escolas-de-samba-amargam-baixo-interesse-de-patrocinadores-no-rio.shtml>. (26/09/2020)
- Folha dirigida (22/02/2020) <https://folhadirigida.com.br/mais/noticias/empregos/carnaval-2020-gerou-mais-vagas-de-emprego-que-os-cinco-anteriores>. (22/09/2020).
- G1(04/02/2014) [G1 - 'Memórias do carnaval' lembra Cristo proibido e centenário da abolição - notícias em Carnaval 2015 no Rio de Janeiro \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/15/g1-memorias-do-carnaval-lembra-cristo-proibido-e-centenario-da-abolicao-noticias-em-carnaval-2015-no-rio-de-janeiro-globo.com). (15/09/2020)
- G1 por Lis, Laís (11/03/2020) *Imprensa sofreu 11 mil ataques diários nas redes sociais em 2019, diz associação de rádio e TV*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/11/casos-de-violencia->

[contra-jornalistas-caem-pela-metade-em-2019-na-comparacao-com-2018-diz-abert.ghtml](#).

(22/09/2020)

G1 (14/02/2020) Número de assassinatos cai 19% no Brasil em 2019 e é o menor da série histórico.

<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/02/14/numero-de-assassinatos-cai-19percent-no-brasil-em-2019-e-e-o-menor-da-serie-historica.ghtml>

(20/10/2020)

Gil, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Hobbes, T. (2006). *O Leviatã*, São Paulo: Editora Martin Claret Ltda.

Holanda, Sérgio Buarque (1995). *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo Companhia das letras

Ig notícias(21/02/2020) <https://economia.ig.com.br/2020-02-21/carnaval-deve-injetar-r-4-bilhoes-na-economia-do-rio-de-janeiro-neste-ano.html>

(12/10/2020)

Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., Zwi, A. B., Lozano, R. (2002) *Word report on violence and health*, Organização Mundial de Saúde.

Legião Urbana (1986) *Índios*. Rio de Janeiro. EMI

Locke, J. (1999). *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo. Ed. Nova Cultura

Martino, L. M.(2014) *Teoria das mídias digitais: Linguagens, Ambientes e redes*.

Petropolis. Ed. Vozes.

Martino, L. M., Marque, A. (2018). *Ética, Mídia e comunicação: Relações sociais em um mundo conectado*. São Paulo: Ed. Summus.

Moderna, M. R. (2016), *Conceitos e formas de Violência*. Caxias do Sul: EDUCS.

Organização Mundial de Saúde (2002). *A OPAS/OMS Apoia os 16 dias de movimento pelo fim da violência contra a mulher*.

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4734:a-opas-oms-apoia-os-16-dias-de-movimento-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%Bade,psicol%C3%B3gico%20defici%C3%Aancia%20de%20desenvolvimento%20ou.](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=4734:a-opas-oms-apoia-os-16-dias-de-movimento-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%Bade,psicol%C3%B3gico%20defici%C3%Aancia%20de%20desenvolvimento%20ou.)

(04/02/2020)

Perine M.(2013). *Filosofia e Violência: Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. São Paulo. Edições Loyola.

Portal do Trânsito. Czewonka, Mariana (12/08/2020). Dados preliminares de 2019 mostram queda no número de mortes no trânsito brasileiro.

<https://www.portaldotransito.com.br/noticias/dados-preliminares-de-2019-mostram-queda-no-numero-de-mortes-no-transito-brasileiro/>

(30/09/2020)

Raine, A. (2015) *A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade*, Porto Alegre: Artmed.

Revista Galileu(03/04/2018) *Os experimentos psicológicos mais bizarros que já existiram*.  
<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/04/os-experimentos-psicologicos-mais-bizarros-que-ja-existiram.html>. (10/07/2020)

Rosenberg M. (2006), *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. São Paulo: Ágora.

Rosenberg M. (2018), *Vivendo a comunicação não violenta*. Rio de Janeiro: Sextante.

Rosenberg M.(2019) *Criar filhos compassivamente: maternagem e paternagem na perspectiva da comunicação não violenta*. São Paulo. Palas Atenas.

Rosenberg M. (2019) *O surpreendente propósito da raiva*. São Paulo. Palas Atenas.

Rousseau J. (2001). *Discurso sobre a origem da desigualdade*. Ed Ridendo Castigat Mores.  
<https://professordiegodelpasso.files.wordpress.com/2016/05/jean-jackes-russeal-a-origem-da-desigualdade.pdf>

Saint-Exupéry, Antoine (2013) *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro. Ed Agir.

Thompson, J.(1995). *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis. Ed. Vozes.

UOL Mils, Thomas(19/02/2020) [A polêmica em torno do Jesus negro da Mangueira - 19/02/2020 - UOL Notícias](#).

UOL Temóteo, Antonio (23/08/2020) *Bolsonaro diz a repórter: 'Minha vontade é encher tua boca com uma porrada'...* <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/23/bolsonaro-diz-a-reporter-vontade-que-tenho-e-encher-sua-boca-de-porrada.htm> Data de acesso 30/08/2020

Veja. Agência Brasil (2019) *Denúncias apontam escalada da violência contra mulheres no país*. <https://veja.abril.com.br/brasil/denuncias-apontam-escalada-da-violencia-contra-mulheres-no-pais/>. (30/09/2020)

## ANEXO 1 –

### GUIÃO DA ENTREVISTA

1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?
4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?
5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?
11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?
12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferente? Como você acha que isso poderia ter sido feito?
13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?
14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?
15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinado temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?
16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídia sociais e violência?
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?

## ANEXO II - ENTREVISTAS

ENTREVISTA	E1
SEXO	MASCULINO
IDADE	52
ESTADO CIVIL	CASADO
FORMAÇÃO	ENSINO SUPERIOR
ATUAÇÃO	JORNALISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
<p>Eu vejo o carnaval como lazer, entretenimento e vejo o carnaval também como uma grande fonte de renda para as classes menos favorecidas, porque a gente só fala no glamour do carnaval, a gente não fala do carnaval 12 meses por ano, o carnaval para a grande maioria é aquilo que acontece durante dois dias. A gente fala mais do carnaval do grupo especial que vai no domingo e na segunda Feira. Então vejo no carnaval esses três pilares, que é o carnaval do entretenimento, eu vejo o carnaval como uma inclusão social, o que é uma coisa que tá aberta para todo mundo. Você pode ser feliz, você pode se divertir dentro desses dias do carnaval. Eu vejo o carnaval como uma fonte de renda importante da nossa sociedade. Levando pra minha área que é a fotojornalismo, uma área onde a nossa atuação é grandiosa nesses momentos que envolvem o carnaval. A cobertura do carnaval é uma cobertura que acontece como uma cobertura de eleições ou a cobertura de um final de ano. É o momento de atuação do jornalismo, é uma atuação muito forte para registrar o que tá acontecendo porque nem todo mundo consegue chegar onde está acontecendo o carnaval, na Marquês de Sapucaí por exemplo a gente tem a imprensa, a gente tem as imagens em movimento que é a televisão e a gente tem mais estática a fotografia que mostrar por dentro o que está acontecendo lá. Eu acho carnaval, como falei pra você, importante para Sociedade ele pode trabalhar nesse aspecto tudo o que envolve profissionalismo. Onde você pode ter uma profissão a qual seu dinheiro está empregado, você tem a chance de se divertir como qualquer outro mortal, você não precisa ter dinheiro pra pular carnaval, eu não estou me referindo é claro, à compras grandiosas de fantasias, até porque você tem dentro das comunidades as fantasias que podem ser usadas de forma gratuita pra você desfilar. É o momento de alegria e lazer. E também momento das oportunidades das profissões. O carnaval é algo muito democrático. Muito popular eu tenho uma visão otimista e eu gosto muito do carnaval.</p> <p>Fotografia do carnaval é algo belíssimo, tenho amigos que fazem a cobertura do carnaval fotograficamente falando. Eu tenho amigos que sofreram, não sei se você lembra quando o carro do Tuíte sofreu acidente e matou alguns fotógrafos, eu tinha três amigos ali então... Foi um momento muito difícil, mas é isso, pra mim carnaval é alegria, é profissionalismo entretenimento.</p>	
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	
<p>A cultural eu acho muito importante. Eu acho carnaval culturalmente falando, importante pra sociedade, principalmente pra nossa sociedade aqui no Rio de Janeiro, onde a gente tem nas escolas de samba um canal para conhecer outras culturas diferentes. Porque o carnaval te proporciona isso. Na comunidade, as pessoas mais humildes têm acesso a uma cultura que o carnaval proporciona que se não fosse o carnaval eles não teriam como conhecer outras culturas, conhecer outras nações, conhecer coisas que o enredo proporciona. Então pra você poder desfilar, pra você poder participar daquilo ali, você tem que conhecer aquela cultura que está sendo</p>	

oferecida, você tem que dominar aquilo ali, a música tá envolvida com isso, então essa parte cultural é sensacional.

Os compositores, por exemplo, têm que ter um conhecimento muito grande pra fazer essas letras. Acrescenta muito pra comunidade, você conhece a cultura de um estado que você nem conhece ou de um país que você não conhece.

Escola de samba, você já deve ter visto, dentro delas tem um trabalho com a comunidade, um trabalho social. Então assim, dentro das escolas de samba e a quadra da escola que normalmente fica próximo da comunidade, onde tem o barracão. São duas situações diferentes, o barracão onde são produzidos os carros alegóricos está associada a parte econômica, ou seja, pessoas da comunidade são contratadas, trabalha ali, gera uma mão de obra especializada. Tem as costureiras, tem artista, tem um monte de pessoas que são contratadas pra poder trabalhar ali ao longo do ano. Termina o carnaval, logo que termina já começa tudo de novo, são pessoas contratadas pela escola de samba como nós somos contratados pra dar aula. Então gera renda, gera empregos dentro da comunidade. Vai desde a comunidade até o carnavalesco, que é o cabeça de tudo. A comunidade tem na quadra ensaio, tem tudo isso. E lá também funciona os projetos sociais. Então o patrono da escola de samba que há tempo atrás era os bicheiros, ali eles promoviam ou promovem ainda essa parte social, como cursos gratuitos. Na escola de samba tem atendimento dentário, tem como fazer um acompanhamento médico, tem curso de dança, fotografia, depende muito da escola.

Sei que o Salgueiro e a Vila Isabel têm uma parceria com a instituição de ensino superior que eu trabalho, no intuito de trazer a comunidade pra dentro da quadra. Porque é essa comunidade que vai levar o carnaval pra avenida. Então não adianta eu vender uma fantasia de R\$30.000,00 para quem vem de fora, porque o cara não tem o mesmo envolvimento como uma pessoa da comunidade. Os moradores torcem pra escola de samba como quem torce futebol.

#### Economia

Se você deseja um fortalecimento cultural, o fortalecimento comunitário, é necessário investir no carnaval, porque o carnaval gera emprego, gera renda pro ano todo. O carnaval não é só aquilo ali, ele é uma fonte de emprego o ano todo, as pessoas às vezes vem no réveillon, porque vieram no carnaval e gostaram da cidade. Então é como se fosse um grande negócio, você tá agindo na cidade, então quando você investe o dinheiro no carnaval, você vai ver que lá na frente você vai ter um retorno muito maior, o retorno de mão de obra, o retorno emprego, retorno em dinheiro. É que se bem administrado dá certo, agora se você vai discutir se o carnaval é viável ou não economicamente claro que é viável, se bem administrado, aí o problema, a discussão, já não é mais o carnaval, o problema agora é administração pública.

#### 3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?

É impossível imaginar o Rio de Janeiro sem o carnaval. Quando você pensa na questão das escolas de samba, as pessoas vêm pro Rio de Janeiro para ver a escola de samba, se fossem só os blocos, não teria tanta proeminência quanto a questão das escolas de samba. E a gente observa que o formato das escolas é cada vez mais empresarial, ou seja, o patrono da escola de samba é meramente uma figura, mas o formato é empresarial. Porque gera renda, gera lucro, aqueles camarotes são caríssimos, então isso é algo que é vantajoso pro Rio de Janeiro e está vinculado culturalmente. Então o Rio de Janeiro sem carnaval é inviável.

#### 4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos

religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?
A Primeira Grande polêmica foi da Beija-flor. A igreja proibiu Joãozinho 30 de desfilarmos com Cristo. Joãozinho colocou o pano preto no Cristo e escreveu, mesmo encoberto você vai olhar por nós. A gente vive num país livre às manifestações culturais. A sátira do carnaval está refletindo o que nossa sociedade oferece. Quanto à religião, tem que se ter cuidado e respeito. Eu acho que tem que ter o bom senso e o respeito, mas tem que continuar a sátira, sim, mostrando o que tem que mostrar porque o carnaval é alegria. Não pode fazer algo só pra provocar. Deve ser trabalhado dentro do contexto histórico da religião.
5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
Eu acho que está tendo um exagero, tem gente que não se fala mais, da mesma família. Porque a pessoa tem um pensamento diferente do seu. Eu vejo isso como pessoas que discutem sem embasamento. Você tem uma plataforma com grande potencial agregador, mas o que vemos é discussões sem conhecimento, eu posso dar a minha opinião sobre um assunto que eu não domino, mas não posso afirmar tecnicamente. O que falta para que as pessoas se ouçam é amor, humildade e respeito. O fato de você ser evangélico, ir aos cultos e ler a bíblia, não te dá o direito de criticar quem pensa diferente de você. Existe um falso moralismo, você pode falar do negro de qualquer outra religião, mas do cristianismo gera o que estamos vendo.
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
Quem não deve, não teme, quem deu de ombros é por que entende que aquilo não diz respeito a ele. Tem aqueles que para ganhar seguidores, ele joga pra galera. Tem aqueles que a carapuça serviu. E tem aqueles que querem ganhar notoriedade.
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?
Não vejo como ataque, vejo apenas como uma crítica. À nossa sociedade mesmo. Eu acho que ninguém faz o enredo pensando em atacar alguém. Toda crítica sempre vai ter alguém que vai se sentir perseguido, e vai ficar magoada é normal. Os temas de samba enredo normalmente são uma crítica. Na tentativa de buscar um fortalecimento social das minorias que vivem nas comunidades, é um grito daquelas minorias que muitas vezes estão dentro dessas comunidades, não são ouvidas pelo Estado que não entra ali. O carnaval é o momento de trazer pra comunidade aquilo que o Estado não traz. Se as pessoas que ficam chateadas fizessem algo para melhorar a crítica não seria tão contundente. Quando o poder público instala um teleférico nas comunidades e deixa se acabar ele está dizendo eu posso, mas não quero.
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
Eu acho que eles geram atritos porque cada um só olha pra dentro de si, pro seu umbigo e quando você não enxerga o próximo como a si mesmo você gera atrito. Falta maturidade intelectual pra você enxergar o próximo como a si mesmo para conseguir enxergar a desigualdade. Interpreto as coisas dentro do meu mundo. O menino de 15 anos de Magé enxerga o mundo de maneira completamente diferente do menino da região oceânica. Na mídia esses jovens vão discutir a partir de parâmetros completamente diferentes. Ai a gente consegue perceber de onde surgem os atritos.

9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
Se você for analisar pelo que tem acontecido, as redes sociais têm a facilidade de conectar todo mundo, você consegue falar com todo mundo ao mesmo tempo, por conta dessa facilidade, esses encontros presenciais são marcados, e a gente vê essa violência toda que tá acontecendo aí porque grupos se encontram para promover baderna. Para promover essa anarquia desenfreada. Quando você não tem argumentação teórica pra manter uma discussão em alto nível, o risco de partida pro enfrentamento é muito grande. Acho que a questão cultural, a falta de educação e as desigualdades geram dificuldades intelectuais pra manter um debate em um ambiente onde todo mundo se encontra. Se você não tem condições de manter um debate de alto nível, vai gerar violência. Eu acho que, quando o presidente que tem o poder máximo de uma nação, tem dificuldade de manter o equilíbrio, fica difícil manter o equilíbrio em qualquer situação abaixo dele hierarquicamente.
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?
Eu acho que o papel da mídia na divulgação do carnaval é muito importante. Eu acho que a grande mídia tem que mostrar tudo, tem que mostrar a grandiosidade das escolas de samba, a união dos povos. o lado bonito, mas tem que mostrar também os problemas de um evento que gera recurso pro estado, esse é o papel da mídia, mas a gente vê só o lado bom. O papel da mídia é importantíssimo quando eles conseguem ser neutros. No curso de jornalismo aprendemos que temos que ser éticos e vemos que nosso jornalismo nem sempre é imparcial como deveria ser. E isso traz insegurança, quando quem deveria mostrar a verdade não o faz. Tem veículo que consegue fazer da maneira correta e outros nem tanto. Mas é claro que tem setores da grande mídia que o faz sem interesse, principalmente os profissionais, pois quando existe algo diferente vem do poder superior da emissora.
11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?
Você tem o jornalismo opinativo, você pode opinar sobre os fatos, o que não pode é opinar sem conhecer. Você pode opinar discordando que um candidato está ganhando nas eleições, mas a informação tem que estar lá. Com certeza vai causar atritos, a minha opinião nunca vai ser igual a sua.
12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?
Não tem como, o tema existe e o papel da imprensa é mostrar, a única forma de atenuar o impacto da notícia é promovendo programas de debate. Só que esses debates também podem gerar desdobramentos. Quando você coloca um assunto e não explica, você dá margem pra várias interpretações. Esse tem que vir embasado de um conhecimento e de uma pesquisa mais aprofundada, um especialista.
13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?
É muito complexo, a mídia quer audiência e o que da audiência? Quando a meta está no ibope fica difícil analisar sentimento. Mas dá pra trabalhar os sentimentos e necessidades da população, o tom de voz, a imagem que vai ser utilizada. Dependendo da forma que passo a notícia eu posso amenizar ou causar atrito.

A imagem tem um poder muito forte de transformar e mexer com o sentimento das pessoas.
14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?
Os dois. O jornalismo não tem mais a clareza que tinha antigamente. O problema é quando você tem um interesse que não é o da sociedade, não pode dar certo. O Brasil é um país muito desequilibrado intelectualmente.
15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinados temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?
O problema está no brasileiro, ele não está preparado para uma discussão intelectual, mas pra ele estar preparado precisa de um país melhor, não podemos ter sete famílias mandando na comunicação brasileira, tantas crianças fora da escola, um salário-mínimo de 1000 reais, tudo gera desigualdade, aí vem a violência. Se você mostrar aos jovens que eles podem pensar diferente, eles vão, o problema é que o entorno não permite pensar diferente.
16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?
Sentimento de repúdio, de impotência. Eu vejo com muita tristeza a discussão de assuntos que não leva uma melhora ao país. O problema é que todos discutem, mas o programa de maior Ibope no Brasil é o BBB, um monte de gente brigando, mas se você colocar no mesmo horário uma mesa redonda sobre a política do país você não tem 1% da audiência, a questão é cultural.
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Eu queria que fosse uma repercussão voltada para crescimento da cidade. Que fossem assuntos debatidos de uma maneira que a sociedade pudesse refletir de modo a buscar melhorias e trabalhar cidadania. Não é só colocar o assunto e pronto. Porque assim você está dizendo que o que importa é o que você quer.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?
Eu queria que fosse aleatório, mas eu sei que esse fluxo é coordenado para beneficiar alguém.
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?
A grande mídia fomenta isso respaldada por um grupo de interesse maior. Você não tem prova, mas parece que algumas situações são feitas de forma proposital e alguém vai ser beneficiado.

ENTREVISTADO	E2
SEXO	MASCULINO
IDADE	65
ESTADO CIVIL	CASADO
FORMAÇÃO	ENSINO SUPERIOR
ATUAÇÃO	HOTELEIRO E PERCURSIONISTA DE BATERIA
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
O carnaval é símbolo de mostrar o prazer de fazer algo pra alguém, só que não é na hora, é um trabalho de um ano inteiro. Antes era um pouquinho antes, mas agora o carnaval acaba, a gente já está dentro da quadra desmontando os carros alegóricos, desmontando as fantasias pra ter um reaproveitamento. A bateria um mês ou dois	

depois já começa a treinar. Você tem um ano de trabalho pra apresentar ao mundo. Não só a sociedade brasileira, mas ao mundo, é um teatro, porque aquilo é um teatro vivo. O carnaval como uma cultura viva aos olhos de todos. Aquilo ali vai trazer alegria profunda, um encantamento profundo. O carnaval veio pra trazer alegria pro mundo inteiro, pra quem gosta, pra quem tá ali, acho que todo mundo. Não é só quem tá ali dentro que, faz parte desse conjunto de teatro vivo . Mostrar ao mundo algo que eu tenho certeza que será um encanto, o valor é inestimável.

2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?

Socialmente nem todas as escolas fazem mais, mas a estrutura da escola tem como fazer levar educação pra dentro da comunidade. Hoje o que todas fazem é trazer os jovens da comunidade pra aprender a tocar instrumentos para que sejam os futuros instrumentistas da própria escola de samba amanhã. Então nesse mesmo pensamento você tem os aprendizes de costureiras que lá na frente vão trabalhar dentro da escola de samba fazendo as fantasias, você tem aula de dança, então isso tudo agrega socialmente dentro da comunidade apesar de ficar restrito, muitas vezes, a própria comunidade.

Culturalmente as escolas de samba acabam agregando conhecimento à comunidade, porque os sambas enredos, eles são gerados a partir de temas e muitas vezes são temas históricos e sociais, onde aqueles que vão fazer as letras do samba enredo vão buscar a partir daquele tema, então eles vão aprender a partir daquele tema. A gente tem escola passando na avenida como se fosse uma linha do tempo, cada ala representa uma parte dessa história que está sendo apresentada. E a música é justamente a narração daquele tema. Mesmo que seja passado de forma rápida, isso vai gerar a curiosidade às pessoas que vivem naquela comunidade para que eles possam aprender mais um pouco, então isso agrega culturalmente e intelectualmente.

Economicamente o ganho no carnaval do Rio de Janeiro é extraordinário, eu que sou do ramo da hotelaria vi isso de perto, o carnaval gera um ganho econômico formal e informal, várias vezes maior do que o ganho que é investido no carnaval. Claro é o maior evento do Brasil. É um evento monstruoso, o evento que mais traz pessoas ao Brasil. Agora é claro que administração pública precisa ser bem feita pra que isso ande da melhor forma possível.

3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?

Eu não consigo pensar no Rio de Janeiro sem carnaval, porque o carnaval é o Rio de Janeiro, tanto que está se expandindo pro mundo inteiro, hoje você já tem carnaval em outros países como China, Rússia, Portugal. Eu trabalho na venda de Agogô e já mandei seis para Portugal, porque tem escola de samba lá, então o carnaval é um patrimônio do Rio de Janeiro e sem carnaval no Rio de Janeiro seria muito triste. É um período que quando acaba parece que está faltando alguma coisa.

4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?

Eu vou falar do Tadeu, eu sou uma pessoa que não sou político, eu não tenho religião, então pra mim não afeta em nada isso aí. Mas eu enxergo que atinge algumas pessoas. Eu canto amo e adoro. Isso me lembra alguns anos atrás a Império com um enredo polêmico na época da ditadura. Eu pensei que seria preso. Mas entrou. Agora com relação à religião pra mim foi muito indiferente, pra mim não foi nada. Eu sei que tem pessoas que ficaram indignadas E essas pessoas fazem parte da sociedade. A escola de samba é um grande teatro, então ela pode expor tudo. Até porque eu não posso fazer um salgadinho sem sal. E aquilo ali como teatro muitas vezes mostra o ilusório.

5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
Cada um tem sua percepção de mundo, aí as as pessoas falam: Aquilo é exemplo para seu filho? Mas aí eu falo, aquilo ali é um teatro. Quantos anos você viu as mulheres seminuas em época no carnaval, vale tudo. Eu estou na rua, está acontecendo de tudo, mas eles têm a liberdade com tanto que me respeite. Posso ter amizade com todo mundo, mas tem que respeitar meu espaço, a partir do momento que o respeito ao outro, tudo caminha. É difícil, é difícil. Se você tiver do meu lado a gente caminha, mas se você anda na minha frente eu vou atropela você.
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
Cada pessoa enxerga o mundo de seu jeito, é o que eu já havia falado. As pessoas do carnaval falam o que percebem. O que falta é respeito.
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma critica de quem não se vê observado?
Toda critica tem alguma coisa por trás. Toda vez que você critica, você está buscando algo. Mas falando a verdade, as direções das escolas na sua maioria estão pouco se lixando pra isso. Tão nem aí não vivem lá. É que dentro da comunidade você enxerga.
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
O carnaval dá um peso maior e não dá mais porque eles esquecem no dia seguinte, se o povo fosse mais politizado não estaria assim. Estaríamos utilizando outro tipo de tema. Porque as pessoas não tem força, ambição. Num primeiro momento sim, o assunto ganha, força depois esquece. Na eleição quem vai ser eleito bandido um ou bandido dois. Ninguém tinha que ir lá.
9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
Eu acredito que sim, a gente vê os malucos marcando encontro pela internet. Eu acho que a internet potencializa isso. As pessoas hoje não respeitam o espaço do outro, o cara sabe que você não vai fazer nada.
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?
A mídia tem que vender o espaço dela, então ela pegou um dado polêmico e a forma como ela falou deu uma ênfase maior, a mídia tem que fazer a coisa maior do que é para sobreviver. Ela tem que vender aquilo. Agora você como pai, se não quer que ele veja aquilo, muda o programa, desliga a televisão. Eu não concordo com muita coisa que a mídia mostra em horário diurno, aí o jovem vê aquilo e fala é assim mesmo e vemos o que está acontecendo. Com a questão das novelas, as questões de gênero de uma hora para outra foram descortinadas.
11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?
Eu acho que ela deve expor os fatos, mas também opinar não de modo que essa opinião seja verdade absoluta . Agora profissionalmente deve haver o espaço para isso. Quando ela dá o espaço para impor sua opinião ela causa repulsa da população, quando você não deixa o outro dar sua opinião você está dizendo que a sua é que vale. Por isso o carnaval deveria explicado para ter o debate.
12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?
Eu acho que sim, porque você vê uma maneira que você teria de não agredir. Deveria ser explicado para a população que o que passa na avenida é uma fantasia, hoje a

<p>população enxerga aquilo como uma imposição da verdade. Que aquilo é um teatro. A mídia toda fez esse estardalhaço desnecessário. Acho até que poderia ser feito diferente, mas não sei se eles querem por conta do Ibope. A própria mídia não explica exatamente o significado de tudo o que está acontecendo no carnaval, sobre o grande teatro isso causa atrito.</p>
<p>13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?</p>
<p>Será que ela pensa nisso em verificar a sensibilidade de cada um, ela está preocupada em vender. Ainda mais um país grande como esse e com a abertura que nós temos, onde cada um acha que pode fazer qualquer coisa. As culturas dentro do país são completamente diferentes, como você vai administrar isso?</p>
<p>14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?</p>
<p>A mídia põe o que ela quer, mas a população não está preparada. A população esclarecida, não a que vê as coisas em benefício próprio, o justo não vê assim. É uma população que não tem esclarecimento aí ouve “balela” e acha que aquilo está certo. Agora as pessoas falam que os caras perdem o tempo pulando carnaval, esse é meu hobby, mas eu tenho minhas responsabilidades, uma coisa não tem a ver com a outra.</p>
<p>15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinada temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?</p>
<p>Acho que tá no cidadão, o assunto é o motivo porque ele não é esclarecido. Você vai em uma comunidade o menino vê as atrocidades familiares e o que o filho faz, quando a mídia joga alguma coisa lá ele abraça aquilo. Eu tenho amigos que tinham essa condição e conseguiram sair de lá, mas quantos conseguem fazer isso? Não existe trabalho social para educar.</p>
<p>16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?</p>
<p>Repúdio, pois, eu fico chateado com a forma que é feita. As vezes o cara faz um trabalho legal, mas ele não mostra o todo, apenas uma parte, eu consigo enxergar, mas a maioria não consegue. A mídia faz um alarde desnecessário, eu acabo selecionando o que é menos agressivo. Via jornalismo no café da manhã e no almoço, já não vejo mais.</p>
<p>17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.</p>
<p>Eu acho que a polêmica vai existir sempre, mas ela tem que esclarecer o telespectador e dar um tempo para absorver, para vir de uma forma mais amena. Eu acho que a tecnologia era para auxiliar, para amenizar. Mas é utópico a mídia não quer.</p>
<p>18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?</p>
<p>A mídia quer que você consuma, então ela faz esse movimento até chegar na violência.</p>
<p>19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?</p>
<p>Tem o dedo da mídia o tempo todo porque ela quer vender. Até porque a grande mídia tem outras empresas agregadas a ela, o interesse é grande.</p>

ENTREVISTADO	E3
SEXO	MASCULINO
IDADE	59
ESTADO CIVIL	CASADO
FORMAÇÃO	ENSINO SUPERIOR
ATUAÇÃO	PASTOR EVANGÉLICO
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
<p>No passado já tive uma visão, hoje eu já tenho outra visão. Vejo como uma festa popular que na maioria das vezes o povo não entende muito bem, não conhece muito bem os interesses por trás de tudo isso. Por exemplo, tem um governo que ia tirar verba do carnaval, aí muita gente ficou assustado com isso e você não entende as coisas que estão ocultas por trás do carnaval, não sabem que a maioria das escolas de samba têm um patrono que é o bicheiro e quando acaba o carnaval eles já começam a arrumar meios de arrecadação. E a maioria deles têm envolvimento com caça níquéis, jogo de bicho e muitas outras coisas. O que não precisava na realidade dessa verba nossa. Mas quando o governo tentou tirar a verba, acho que foi o Crivella, se eu não me engano, eu ouvi um barulho. As pessoas dizendo: “como é que pode tiram verba da nossa alegria”. Mas ele não sabe na realidade que está por trás de tudo isso, então essa situação das escolas de samba tem muitas coisas por trás que não estão às claras. As pessoas não sabem disso. Antes de ser evangélico eu ia muito pra esses lugares, não saía de dentro da Mangueira. Então conhecia muita gente ali dentro, eu participava dos pagodes, das feijoadas que existiam dentro das comunidades, da escola de samba e eu via cada coisa terrível, coisas que a mídia não mostra, Tráfico de drogas no meio da escola de samba, todo mundo armado, então há uma camuflagem muito grande. Então tudo aquilo que aparece lá no sambódromo hoje em dia é apenas pros olhos das pessoas. É tudo fachada, às vezes vem uns camaradas tendenciosos e colocam os temas polêmicos. E começam as discussões, nas áreas sociais, igreja, religião e família. Acho que foi o Joãozinho trinta que pela primeira vez colocou um homem pelado na Sapucaí, aquilo foi um escândalo, mas logo depois ficou tudo normal. Tem muita coisa por trás daquilo tudo.</p>	
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	
<p>Economicamente o que a gente vê pela mídia é que o impacto gerado é muito grande mais a quantidade de empregos e de arrecadação é enorme, eu já trabalhei no ramo da hotelaria e os hotéis ficam 100% lotado, então na questão econômica é um ganho benéfico né pro Rio de Janeiro.</p> <p>Culturalmente não agrega muita coisa, porque o que eles mostram ali, a história, não é o que realmente aconteceu eles montam uma história fictícia, ou seja, uma narrativa, todo mundo aplaude no final todo mundo acha que realmente aconteceu, mas eles sabem que não. A gente pega, por exemplo, a questão do Zumbi dos Palmares que virou tema de samba enredo e conta uma narrativa que não condiz com a verdade realmente, então culturalmente se você não conta a história do modo como ela realmente aconteceu não agrega.</p> <p>Então a cultura é camuflada nesse sentido, ela não expressa a realidade é um conto de fadas pra alguns que querem acreditar.</p> <p>Creio que no meio deles o carnaval acaba gerando engajamento social, até porque eles conseguem os objetivos que eles querem.</p> <p>Eles são muito engraçados, você vê os grupos, então quando você pega, por exemplo, eu tomei cerveja com João sem braço, que era vocalista do Império Serrano, ele andava com um monte de gente, até segurança, então tem o engajamento. Tem Costureira. Tem artistas e eles trabalham ali e muitos deles até fazem trabalhos voluntários, o cara fala</p>	

assim, eu vou tirar 3h do meu dia e vou ficar aqui, ou seja, o cara acredita na escola dele
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?
Rio de Janeiro sem carnaval ia fazer muita gente chorar e muita gente decepcionada. Pra mim que sou pastor não fazia diferença nenhuma, porque normalmente nessa época a gente tá no retiro, mas para o Rio de Janeiro mesmo seria muito frustrante, porque as pessoas acabam carnaval de um ano já idealizando o carnaval do outro ano. Sua próxima fantasia, no próximo lugar que ele quer desfilar, começa a junta o dinheirinho. Cada Estado aprende a viver daquela cultura, daquilo que ele começou, começou dessa forma, qualquer coisa que chega diferente é novidade. Se você chegar na Central do Brasil e fizer uma pergunta dessas as pessoas vão dizer: “Está maluco Rio de Janeiro sem carnaval não existe.
4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?
Dentro da minha visão como servo de Deus, eu vejo isso como algo muito normal da parte deles. Não seria normal se viesse de nós. Porque são pessoas que não são direcionadas por Deus, são pessoas que são direcionadas por outro espírito. Esse outro espírito, espírito da bagunça, da contradição. Porque a palavra diabo tem vários significados como enganador. Então esse tipo de pessoa nunca vai ter uma mente de exaltação ao Cristo verdadeiro. Mas a gente que fica tentando defender Jesus, mas Jesus não precisa de defesa. A pessoa vem conversar comigo sobre esse assunto, eu tento trazer pra ele a verdade. Eu acho que até mesmo aquelas pessoas que estão lá pulando carnaval fala: “caramba! Com Jesus não dá pra fazer isso não. Até eles vão defender Jesus, mas eu acho que eles tão lá é pra isso mesmo é o que eles têm de visão de mundo, meu sentimento não é de revolta, mas sim de compaixão.
5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
Eu só participo em discussões da minha comunidade, das minhas ovelhas. Porque as discussões na internet são perecíveis, o que a pessoa fala ali não serve pra mim. Eu falo para os meus, quando saírem pra rua não fica defendendo sua igreja não.
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
Eu creio que os políticos não se sentem ofendidos. No fundo ele sabe que são aquilo mesmo. Eu acho que ele só se sente ofendido publicamente. Quando o cara é criticado e se exalta na realidade ele é aquilo mesmo, mas quando ele chega no seu quarto, no seu canto, ele percebe que é aquilo ali mesmo. Eles têm resposta pra mídia, mas pra eles mesmo não tem. No caso dos evangélicos tudo que vem de encontro ao que você professa te ofende. Todo mundo que é evangélico se ofende lá no fundo.
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?
Toda vez que eu critico eu estou buscando um benefício de alguma forma. Chamando pra mim a atenção a respeito de alguma coisa. E os protagonistas da cena religiosa tem responsabilidade nisso, porque a gente vê todos os dias os líderes se corrompendo, dando maus exemplos. Quando eles fazem o que fazem com Jesus, estão na realidade fazendo aquilo com os cristãos, que é o exemplo de Cristo que eles têm. Nós temos dado ferramenta pra eles trabalhar contra nós.
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
Não tem como fazer uma proporção, esses assuntos já são o evento, o diálogo na

esquina com esses assuntos já geram um evento.
9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
Pode sim., porque a raça humana está morta em seus delitos e pecados. Quando você fala na rede social, quando ele te encontra na rua acontece a violência. As pessoas não sabem separar o virtual do real. Por isso que Jesus diz que temos que ser pacificadores.
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?
Isso depende do profissionalismo da reportagem e você vê diferença de um profissional pra outro. E se ele vai ser tendencioso. Mas as emissoras têm muito interesse nisso, elas exaltam um presidente aqui e amanhã elas querem tirar o cara. Algumas coisas elas fazem com qualidade e outras elas são tendenciosas.
11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?
Creio que sim você pode dar a notícia e dar o seu esclarecimento. Mas tem algumas reportagens que o cara já concorda com o assunto de cara e dá o parecer dele. A mídia cria atritos com quem pensa diferente dela, por isso tem gente que não gosta da globo e não vê que a Record também faz isso, mas todas elas jogam desse jeito.
12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferente? Como você acha que isso poderia ter sido feito?
Até poderia, mas dentro do que eles programaram tá correto. Eu creio que eles têm um objetivo, não existe outro modo, eles já estudam a repercussão. Eles poderiam amenizar, mas seria utópico. O desejo é chamar atenção.
13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público, pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?
Eu creio que um repórter que vai fazer a reportagem sobre um ponto polêmico, poderia esclarecer o assunto antes, mas vemos que polemizar faz parte. Tem setores da sociedade que sobrevivem da polêmica.
14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?
Eu creio que as duas coisas, até porque no nosso país as pessoas não estão preocupadas em se informar corretamente, aqui é samba, carnaval e futebol. A população brasileira não está preocupada com nada, apenas querem mais uma copa do mundo.
15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinada temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?
É o cidadão porque o camarada não está preparado para receber tal notícia, ele não analisa e reflete é tipo ping-pong. Você ver uma mulher apanhando e pegar um celular para filmar não é normal, daí já vemos que o problema está no indivíduo. A agressividade se torna normal.
16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?
Não. O que eu acredito já afirma, que onde o amor se esfria a iniquidade aumenta. Um abismo vai chamando outro abismo. Meu sentimento é de compaixão e tristeza. É o meu país.

17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Que fosse feita uma análise de cada caso para esclarecer a população sobre o que está acontecendo. Dentro da mídia jornalística deveria ser aberto espaço para a população que quer esclarecimento.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?
É uma coisa ligada a outra, não são um acaso, lá na ponta na mídia jornalística já tem um direcionamento, eles não sabem o que vai acontecer, mas determinadas coisas levam a uma violência não controlada.
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?
Sim, diretamente eles são tendenciosos quando querem denegrir políticos, eles mandam fazer arrastão e botar fogo em ônibus. Tudo direcionado.

ENTREVISTADO	E4
SEXO	MASCULINO
IDADE	36
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO
FORMAÇÃO	SUPERIOR COMPLETO
ATUAÇÃO	PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
A minha percepção em relação ao carnaval é de uma cultura muito mais difundida aqui no Brasil e no Rio de Janeiro e no Nordeste mais ainda. O Rio de Janeiro tem uma pegada mais pra escola de samba e no Nordeste aquela pegada de trios elétricos, mas é uma cultura que já tá estabelecida, mas que tem seus pontos positivos e negativos. Pontos positivos aqui no Rio de Janeiro tem os sambas enredos que trabalham diversos assuntos que tem uma comunicação rápida para as pessoas conhecerem sobre determinado assunto. O ponto negativo é a percepção de achar que no carnaval se pode fazer tudo as pessoas perdem a noção, do que pode e o que não pode fazer, ou seja, o ponto negativo é a banalização dos aspectos morais por parte de algumas pessoas.	
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	
É o que está inserido na nossa cultura. Ela comunica a cultura desde que ela seja bem passada sem ofensa. É o momento de descanso e lazer. Dentro da nossa economia agrega muito, porque o carnaval no Brasil é muito difundido, então traz muitos investimentos no país. Eu creio que seja uma das maiores rendas do Rio de Janeiro, mas também tem a questão política das fraudes. Se fosse organizado por pessoas sérias. Eu morei muito tempo próximo da Mangueira e bem antes do o carnaval acontecer você já vê a comunidade começar o trabalho, o processo de confecção do carnaval. Então creio que isso agrega. Vejo muitas vezes os moradores da comunidade sendo representado pela escola e torcem como se fosse um time de futebol.	
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?	
Então, o Rio de Janeiro sem carnaval, eu creio que perderia sua identidade, lá fora o Brasil é visto como o país do futebol e do carnaval, então se ele não tivesse carnaval nós teríamos que nos reinventar no aspecto cultural. De modo a chamar atenção do mundo.	
4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?	
Eu acompanhei bastante a repercussão do enredo da mangueira e houve uma repercussão negativa por conta da cultura que a gente tem evangélica e católica. A	

<p>gente tem uma ideologia de liberdade de expressão, mas eu creio que a gente deve ter que tomar os devidos cuidados quando entra na ideia de choque de culturas. Eu acho que deveria ter uma restrição com relação às escolas de samba pra não tocar em temas polêmicos, deveria ser algo muito mais informativo. Eu acho que a escola tem muita questão partidária, então ela deveria manter a isenção, como era antigamente, falar de culturas antigas.</p>
<p>5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?</p>
<p>A questão da polarização sendo influenciada pelas mídias sociais, e as pessoas discutindo sem conhecimento. A internet é terra de ninguém e as diferenças sociais são gritantes. O que deveria ocorrer seria o cara da zona sul buscar saber a visão do cara da periferia, mas de forma amistosa de modo a agregar valores e consciência.</p>
<p>6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?</p>
<p>Eu acho que o que amplifica essa contrariedade é a dimensão que a mídia dá ao que ocorre dentro do carnaval. Se o meu vizinho fala algo de mim é uma coisa, agora quando uma escola de samba fala, já tem outra relevância. O grande incomodo está na magnitude da festa.</p>
<p>7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?</p>
<p>É uma forma de ganhar a mídia. Se for para ser observado não seria uma boa estratégia. Porque gera polêmica existem outras formas não tão polêmicas de buscar legitimidade. Não é pelo fato de você colocar esses temas polêmicos que você vai fazer que aquelas pessoas sejam mais observadas, mas por trás tem muita gente querendo ganhar mídia. E mais a questão do marketing. Com Interesse empresarial e de marketing perdeu-se a essência do carnaval. O marketing está investindo em tecnologia artificial e sabe o que vai gerar maior alcance. A mídia jornalística não é mais o foco, é apenas o ponto de partida, aí o fluxo corre pelas redes sociais.</p>
<p>8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?</p>
<p>O carnaval apenas potencializa, mas há algum tempo vemos as discussões dentro desses temas e com as redes sociais e a polarização, os assuntos acabam se tornando amplificados. Eu até evito falar nesses assuntos. Esse problema vem antes das redes sociais, elas serviram de amplificadoras.</p>
<p>9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?</p>
<p>Com certeza, a gente pode usar o ataque ao presidente, e não só teve ataque à pessoas ligadas à esquerda. E até na religiosidade podemos ver isso, e violência no futebol, contra a mulher. A questão da violência se tornar física está muito ligado à questão da impunidade. E está muito relacionado a cultura do brasileiro que prega a violência. E no meio de todos os que estão nas redes sociais vai ter sempre um que vai ter coragem de fazer.</p>
<p>10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?</p>
<p>Eu acho que a mídia não é imparcial, uma mídia dá informação de uma forma e a outra de outra forma. Hoje tá difícil conseguir transparência da grande mídia porque existem interesses políticos e econômicos. Eles colocam a informação como eles querem. E até pra ficar bem com a maioria ou o público-alvo.</p>

<p>11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?</p>
<p>Ela deveria apenas apresentar os fatos, e as opiniões seriam para as pessoas qualificadas para isso, como cientistas, mas a gente vê que não acontece dessa forma, o apresentador emite sua opinião. Sim, ela causa atrito, mas ela pensa na maioria. Ela não importa se vai ofender alguém, ela vai ver para onde vai o termômetro. A gente vê a grande mídia utilizando o termômetro das redes sociais para emitir opinião. Tem o interesse também de converter a minoria em maioria.</p>
<p>12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?</p>
<p>Sim, com certeza. Apenas informando e colocando pessoas preparadas para opinar e tentar contornar para que as pessoas não se sintam ofendidas. As grandes mídias não têm interesse social e sim comercial seria até utópico, pois são empresas.</p>
<p>13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?</p>
<p>A mídia não está muito ligada ao social, então a questão sentimento não é observado, talvez mídias pequenas, mais regionalizadas. Talvez ela ganhe lucro em cima do sentimento, ou seja, o contrário. Hoje não vejo nenhuma mídia assim, que tente contornar e trabalhar os sentimentos das pessoas. Elas se favorecem com o radicalismo de algumas pessoas, até fazem campanhas, mas não ligam pro fato de muitas vezes criar o tumulto. É difícil também por conta do tamanho do país e sua diversidade. Qualquer ação midiática ou política tem que ser muito bem estudada porque não dá para atingir todos da mesma forma. A gente não está no Japão onde o controle social pode ser muito maior. O interesse social da mídia não é prioridade. As mídias que querem trabalhar com o social são mídias pequenas, pois pra chegar a ser grande mídia deve priorizar o lucro, por isso ela vai tender para um lado só, mas não vai deixar isso explícito.</p>
<p>14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?</p>
<p>Eu acredito que nós não estamos preparados por conta da cultura, a gente ainda herda muita coisa da colonização nós não temos conhecimento político é uma população que precisa estudar mais, que precisa cuidar da educação digital. A questão de pegar a informação e não saber filtrar. Então, hoje a abncc já incluiu a questão da cultura digital pra estudar toda sociologia e toda a filosofia do ambiente digital. E tem a questão dos formadores de opinião que as vezes a pessoa tem uma admiração e acaba replicando suas informações sem verificação.</p>
<p>15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinada temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?</p>
<p>A gente tem um problema cultural, a gente não tem educação eficaz e isso cria cidadãos que não estão preparados para lidar com determinados assuntos. Mas o problema está no cidadão.</p>
<p>16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?</p>
<p>Eu vejo a repercussão de determinados assuntos midiáticos e tento olhar todos os lados. Isso não me ofende, pois sei que sempre tem uma intenção e eu vejo que minhas</p>

atitudes dependem de mim e não da mídia. Tem mídia que eu nem assisto mais. Só fico indignado porque afeta outras pessoas.
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Eu gostaria que fosse da forma mais imparcial possível, que a mídia apenas notificasse e buscasse especialistas para debater e não ficasse fazendo juízo de valor no ar. Se as mídias tratassem a informação de forma científica seria mais proveitoso.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?
O carnaval por si só não é o gerador da violência e sim a mídia que tem um interesse empresarial e vai expor de uma forma que lhe traga benefícios. A mídia social vai expor as mazelas até por conta da polarização, as redes sociais acabam alimentando o ódio das pessoas. Seria uma hierarquia. Acho que essa não é a intenção do carnaval, mas uma consequência pela exposição da mídia sem ter preocupação na forma de passar a informação. Mas esse fluxo no fundo é coordenado.
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?
Hoje em dia, ainda sim, mas não é a principal, existem outras mídias que estão ganhando protagonismo. A atitude da mídia jornalística é determinada pelas redes sociais. Antes das redes sociais a gente sabia o que acontecia pelo plantão do globo e hoje as redes sociais dão a informação muito rapidamente.

ENTREVISTADO	E5
SEXO	MASCULINO
IDADE	42
ESTADO CIVIL	CASADO
FORMAÇÃO	ENSINO MÉDIO
ATUAÇÃO	CAMINHONEIRO
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
O carnaval em si eu acho supérfluo. Eu acho, assim, três dias desnecessários. Essa é minha opinião. Serve pra mim mais para descanso. Culturalmente eu acho uma coisa meio que supérflua. E ainda mais que hoje em dia estão banalizando todo tipo de tema.	
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	
Eu acho que não agrega culturalmente. Você tem ali as escolas de samba que normalmente escolhem um tema histórico africano da Guiné ou outro país, e muitas vezes é quase a mesma coisa pra todas as escolas e ultimamente você tem alguns temas mais politizados que tratam novamente de um lado só. Você vê que tá se tornando cada vez menos cultural e mais partidário, mas sempre criticando um lado só. Eu acho que economicamente para montar toda essa estrutura, não fica muito bem nivelado e existem dados que podem ser até omitidos para esconder um prejuízo. O carnaval cria engajamento, sim, mas essa parcela pequena da sociedade. Quando a escola de samba usa temas polêmicos ela engaja, é uma pequena parcela da sociedade que se identifica com esses temas. Então existe o marketing ruim por trás do carnaval, onde as pessoas lá fora veem aqui compras da facilidade onde as pessoas entram aqui e veem prostituição e baderna.	
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?	
Se não houvesse o carnaval não nos prejudicaria em nada, porque temos outros eventos como october fest, temos romarias. Se não houvesse carnaval seria indiferente. Eu me sinto lesado com relação ao financiamento público do carnaval. Não sentiríamos falta até porque me sinto lesado por injetarem dinheiro público no carnaval. Nosso país tem vários fatores que chamam atenção, então o carnaval não vai se fazer necessário.	

4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?
Isso não me representa, antes se trazia uma cultura, um enredo com as origens de uma forma que você tivesse um aprendizado, o que vou aprender com esse choque cultural? Tem que haver o respeito político. Acho até passível de processo. Nós temos que tomar cuidados em falar determinadas coisas, mas a minoria que está ali fala o que quiser no campo da religião. No campo da política deve haver a crítica mesmo, mas não de forma tão incisiva, pois quem critica deve estar preparado para receber crítica. Com relação à política você vê que é uma coisa tendenciosa, apenas um lado é atacado. O pensamento ideológico está mais forte que o pensamento político e isso é mau.
5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
Massacrante. Existe uma esquerda com pensamentos muito liberais e nós não estamos preparados para isso e é o que a mídia enalteceu. A rede globo foi obrigada a reformular toda a grade. Existe o carnaval, mas isso reflete o ano todo. Tudo na rede social tem uma disseminação maior, então estamos vivendo uma guerra virtual.
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
Vivemos em um país democrático, não é possível um presidente ser criticado e quando ele critica vem uma avalanche. Não é possível as pessoas serem demitidas por sua opinião. Acho que quando isso vira engajamento é perigoso. Você não pode usar um tema contraditório à minoria. O nosso problema em se comunicar está na questão de a educação entender que uma comunidade é feita de regras, o que vai gerar violência se não for cumprida.
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?
Nesse último carnaval houve ataque direcionado. Claro que sempre houve crítica, mas você vê por trás um engendramento para formar um governo paralelo para unificar religiões. Nós não estamos preparados para esse sincretismo religioso. E o carnaval tem um papel fundamental nisso por que o ano inteiro reflete esses três dias. As reivindicações seriam ressoáveis se fossem democráticas, se respeitassem a opinião dos outros. Eles podem protestar e reivindicar, mas eles têm que respeitar a minha formação é aí que entre a regra. Eu não aceito esse tipo de coisa, pois deixa de ser democrático, porque se torna uma minoria incisiva.
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
São três dias festivos, mas reflete o ano inteiro, por conta do carnaval estes assuntos geram violência o ano todo. É um barril de pólvora o tema é proposto e geram o “fuzuê”.
9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
Pode, pode sim, com certeza. Qualquer tema polêmico gera violência social. Os extremos se confrontam e a mídia digital tem um papel fundamental nisso. A educação vem primeiramente e depois todo esse reflexo que a gente vê nas mídias sociais é falta de educação, coisa que está em deficit no Brasil.
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?
A gente conta nos dedos quem é democrático e vemos que são engajados politicamente.

<p>Você vê uma notícia na Globo e na Record tem grande diferença. Está preocupada em atacar um nicho e esquece a democracia. Todo mundo tem seus interesses, agora está deixando obvio o que é benéfico ao Brasil e o que é benéfico para ela. As verbas de governo para emissoras devem ser democráticas e não dois pra mim um pra você. E isso influenciou nessas tomadas de decisão que elas estão aí. Você vê que a grade está mudando para se adequar aos seus interesses. Tá voltando mais ao público família. As emissoras estão perdendo telespectador e as plataformas de streaming estão crescendo.</p>
<p>11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?</p>
<p>Sim. Ela pode apresentar o fato e ter opinião dela desde que ela se responsabilize em não chamar para o engajamento. Você vê repórteres sendo mandado embora por conta da sua opinião. Caso do Rodrigo Constantino. Cara quando você tem informação, não é isso que acontece, quando você busca em todos os meios a informação correta e busca apenas entender a informação, não existem atritos. A população tem que começar do zero, fazer um projeto à nível de Brasil para bater de frente com interesses pra que a população esteja consciente. Tem que começar do zero pela educação. Os formadores de opinião geram extremismos com interesses próprios, que é gerar visualização. Você tem que ser responsabilizado pelo que você fala senão vira anarquia. Vai formando opinião que gera extremismo tanto com a direita quanto com a esquerda, quanto com a religião.</p>
<p>12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?</p>
<p>Atualmente não, mas na minha opinião sim, o problema é a lacração, mas você tem outros temas que são muito mais educativos. A mídia trabalhou os temas do carnaval dentro de seus interesses, antigamente os enredos eram sobre o passado e a mídia explicava o que estava acontecendo, hoje o que a mídia faz é usar o carnaval pra colocar um contra os outros e a discórdia.</p>
<p>13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?</p>
<p>Respeitando primeiro o índice de aprovação e reprovação. E ela pode fazer isso. Ela entende o que a maioria quer e o que a maioria não quer. Eles sabem muito bem o que estão fazendo. A gente não tem uma unanimidade entre emissoras, mas temos duas ou três que respeitam o que o povo quer ouvir</p>
<p>14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?</p>
<p>A segunda, pois acho que não está preparada, a gente deu um poderio muito grande para uma população que não busca a informação e a velocidade com que isso se dissemina e chega ao cidadão que não tem capacidade de absorver a informação. E a impunidade com relação ao que falamos.</p>
<p>15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinada temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?</p>
<p>Com certeza servem de estopim, você joga um tema polêmico e vê o que acontecem, tem pessoas que foram punidas e chegaram a morte por conta de levantes virtuais sem a devida averiguação. Sem temas polêmicos a comunicação é mais branda, mas nem tanto, pois somos latinos. Quanto mais polêmico o tema mais violento nos tornamos.</p>

16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?
Que eu não vivo em um estado democrático, revoltoso.
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Eu gostaria que as pessoas se informassem sobre os temas polêmicos quando fossem veiculados.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?
Está tudo interligado, o intuito é gerar polêmica, produzir divergência separar o Brasil, separar e conquistar. Desestabilizar para poder manipular. Não é acaso isso já vem de muito tempo, o que está dificultando esse processo é a mídia digital. Se você tem uma base educacional você sai disso.
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?
Ela ganha com isso. Só que eu acho que o Brasil está caminhando em passos lentos, mesmo ainda estando dividido em dois lados e com deficit educacional, mas eles estão explorando isso ai.

ENTREVISTADO	E6
SEXO	FEMININO
IDADE	36
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO
FORMAÇÃO	ENSINO SUPERIOR
ATUAÇÃO	TEÓLOGA
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	A minha percepção hoje sobre o carnaval é bem diferente de quando eu era mais nova e curtia o carnaval. Hoje em dia eu vejo o carnaval como uma poluição cultural, como algo que destrói, como algo que é prejudicial. Hoje em dia eu vejo a realidade, que o carnaval é 100% prejudicial. Dentro da proposta que ele tem hoje que não é apenas entretenimento diversão. Mas também de passar uma mensagem de forma a manipular o comportamento e a mentalidade da população, o que é um grupo muito grande, que no caso é levada por conta do carnaval. São pessoas assim que acabam sofrendo a lavagem cerebral por conta dos enredos e das histórias contadas no carnaval. Como aconteceu esse ano, por exemplo. é que muitas pessoas não refletem sobre isso simplesmente vão no oba-oba e não percebem o quão ruim tem sido o carnaval. No início do ano a gente teve esperança de que não aconteceria o carnaval.
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	Cultura não tem nenhuma, aquilo ali pra mim não é cultura. De forma cultural o Brasil é visto fora do país como o país do carnaval. E essa imagem é péssima. A ideia do carnaval lá fora é que as mulheres são fáceis, a ideia é do oba-oba, bagunça pornografia. É uma péssima imagem que o Brasil passa ao mundo inteiro. Eu vejo que há engajamento, mas não é algo que faça diferença positiva. Faria diferença positiva se não existisse carnaval. Quem consegue enxergar o todo, quem tem a visão mais ampla consegue ver a negatividade do carnaval. Aqueles que pulam carnaval não veem dessa forma, mas a opinião deles não é válida. Por mais que tenha uma grande arrecadação, por outro lado você tem uma agressão à cultura brasileira, então vejo que isso não compensa.
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?	Se não existisse seria muito bom, seria muito positivo. Maravilhoso. Deixando de existir agora seria um grande alívio pra muitas pessoas. E se nunca tivesse existido não

faria diferença, pois existiria outra coisa no lugar. Tudo é substituível, o brasileiro é criativo. E nesse caso que fosse uma substituição favorável.
4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?
Não é nem como eu me sinto, mas como vejo diretamente, não me afeta em nada. Eu vi passando na mídia muitos evangélicos discutindo, mas tudo perda de tempo uma bobagem gigantesca, a um tempo atrás também ficava revoltada. Porque não abre a mente daqueles que já estão contaminados. E dos que não estão contaminados que estão apenas conversando, tão só em um diálogo. E nós que temos essa percepção estamos fazendo o que? A gente quer ver a mudança, mas sozinhos a gente não faz muita coisa. Mesmo vendo que a massa está dessa forma.
5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?
Vi alguma coisa e alguns comentários, mas passo batida porque não entro nesse debate. Por que as pessoas que estão ali tem suas opiniões formadas e entrar nesse tipo de debate é perda de tempo.
É pelo fato de muitas pessoas quererem ver uma mudança e querer ser parte da mudança. As pessoas acabam discutindo e como tudo é tecnologia, as pessoas estão acessando a internet e sendo levadas por tudo isso. E acham que isso é fazer alguma coisa.
6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?
Eu enxergo como cegueira, espiritual e intelectual. Estas pessoas acreditam que são conhecedores e que estão alterando algo. Só que não estão elas estão apenas se indispondo entre elas mesmas.
7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma critica de quem não se vê observado?
Eu acho que é somente para atacar. O que eu tenho observado é que o ser humano tem feito isso como marketing, como artistas que fazem coisa apenas para causar. Não tem um propósito bonito. A reivindicação das minorias no carnaval não são validas. Porque eu acho que essa reivindicação no carnaval passa despercebida pelas circunstâncias do momento do carnaval. Mas o objetivo deles não é fazer reivindicação pelas causas, é apenas para aparentar bondade.
8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?
Não vejo motivos para esse atrito devido a esses temas, mas creio que não seja o assunto que gere atrito, mas sim o estado de espírito do ser humano. Independente do assunto e do motivo vai haver discussão. O atrito está no ser humano. A pessoa que tem conhecimento intelectual, espiritual, tem visão do todo não discute.
9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?
Tem gerado. É o que a mídia mostra, alguns casos de pessoas que tem pensamentos diferentes discutindo entre si, se agridem fora da internet. Isso ocorre por ausência da tolerância e racionalidade. O ser humano está estranho.
10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?

<p>Cada uma quer lacrar mais que a outra, quer mais audiência que a outra. É simplesmente informação de pior qualidade, aquilo que eles veem que vai dar mais ibope, eles ficam martelando o dia inteiro.</p>
<p>11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões, esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?</p>
<p>Eu acho que ela deve emitir suas opiniões para que as pessoas possam discernir o que ver e o que não ver, para fazer uma seleção. E muita gente pensa dessa forma e por isso muitos jornalistas o fazem e são demitidos.</p> <p>É por isso que a mídia tem como regra não colocar sua opinião para não correr esse risco. A gente precisa conhecer o que estamos absorvendo.</p>
<p>12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?</p>
<p>Poderiam ter sido divulgados de forma diferente e poderiam nem ter sido divulgados. Para população não é uma informação relevante. Eu não tenho que estar informada dos acontecimentos, eu acho que isso é fútil, só para estar a par dos acontecimentos. Informado só o que é importante. Se a mídia não tivesse televisionado, não teria todo o atrito. Teria como divulgar da melhor forma, mas a mídia não faz, porque se ela não fizer isso a audiência não é alta. A imagem é o mais agressivo, informava o tema sem mostrar as imagens mais polêmicas. O problema não é o que a gente diz, mas como a gente diz.</p>
<p>13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?</p>
<p>Eu acho que deveria ter essa preocupação de que eu vou transmitir a informação, quem é o nosso público? temos o Grupo A, B e C como passar essa informação de modo que os três grupos entendam e não se sintam agredidos e tem como fazer isso. Porque cada pessoa tem sua opinião, mas tem como você alcançar todas elas de forma branda, sem causar tumulto e de forma imparcial. Mas a gente sabe que não existe essa preocupação por parte da mídia. Sem generalizar. A maior preocupação deles hoje é ter audiência. A mídia televisiva tem a sua forma de manipulação e os canais do youtube fazem o mesmo de uma outra forma, mas a internet causa mais estragos. Porque são poucas pessoas que assistem tv.</p>
<p>14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?</p>
<p>As duas coisas, eu não sei se uma levou a outra, se a tempos atrás a mídia fazendo isso, levou a população a ser não preparada. Acho que é isso também, mas não podemos generalizar, é influência da mídia, mas também porque a população não busca informação em outros meios. Creio que a população não está preparada para certos assuntos.</p>
<p>15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinados temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?</p>
<p>Acho que as pessoas que reagem de forma violenta a assuntos violentos não o fazem por causa do assunto. O assunto serve só para mostrar que o sujeito é violento.</p>
<p>16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?</p>

Nojo só isso. Preguiça.
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Eu gostaria que a mídia tivesse ficado desapontada pela sociedade não ter reagido a nada disso. Que elas tivessem ignorado.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídias sociais e violência?
Eu vejo uma ligação muito grande com temas de carnaval e violência, pra mim é violência. Foi o ano que causou mais revolta na população. E uma agressão para quem está vivenciando aquela porcaria. Que as transformam nas pessoas que elas são. Elas têm a função de acender a pólvora, de jogar no ventilador. Não é a função dela, mas é o que ela está fazendo.
19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?
Sim. É o que a gente vê, eles utilizam pensando muito em si. O intuito é trazer mais telespectadores para eles. Tem emissora que visa a informação de qualidade, a população tem opção boa, só não são escolhidas. Elas tem a função de acender a pólvora, de jogar no ventilador. Obs.: Os grupos atacados têm culpa nesse ataque, pois é uma acusação de irrelevância, é um dedo na cara.

ENTREVISTADO	E7
SEXO	FEMININO
IDADE	34
ESTADO CIVIL	CASADA
FORMAÇÃO	SUPERIOR COMPLETO
ATUAÇÃO	DO LAR
1) Qual a sua percepção sobre o carnaval?	
É algo cultural do nosso país. É algo cultural e hoje principalmente é uma forma de se expressar, do não contentamento com a política. Hoje a gente vê muito a questão da religião. É uma forma de se expressar na verdade, principalmente o último carnaval que teve muitos protestos, na verdade, sobre as mazelas que a gente vive na cidade. Eu acho que é basicamente isso.	
2) Como você enxerga a importância cultural, social e econômica desse festejo?	
Pra mim o carnaval não agrega culturalmente em nada, pode até ser que faça ter uma reflexão, mas eu acho que existe muita rivalidade, não é buscando o bem comum da sociedade, é um protesto, mas não é um protesto muito respeitoso. Antes a escola falava mais da própria comunidade, hoje está muito politizado, religioso e ideológico. Eu não vejo melhoria comunitária em nada, em absolutamente nada. Acho que a escola vencedora devia ter algum incentivo para uma melhoria na comunidade. Muitas vezes o carnaval passa e os problemas ficam.	
3) Como você acredita que seria se não houvesse o carnaval?	
É uma coisa que não dá nem pra pensar. Eu acho que tendo ou não tendo, não teria diferença, somente para o turismo. Tinha que deixar um legado, a partir disso causar um impacto na sociedade. A participação das escolas é insuficiente. Mas a pequena participação informal é importante naquele período.	
4) As escolas de Samba levaram para a Avenida temas polêmicos que mexem com religião e política. Por exemplo, a Mangueira e seu enredo com aspectos religiosos e a São Clemente satirizando o atual governo. Como você se sentiu em relação a repercussão desses enredos?	

<p>Hoje principalmente depois das votações não tem como a gente não ser irônico com a política. É como se fosse uma revolta do povo. Infelizmente ganharam nas eleições pessoas com ficha suja é uma piada. Não pode ser uma crítica desrespeitosa, mas leva a gente a pensar e o carnaval leva as pessoas a ter acesso à informação a pensar. E a questão religiosa foi mal interpretada, pois o que vejo que eles quiseram dizer é que as minorias são esquecidas. E que Deus é pra todos. E o cristão exclui principalmente as pessoas de gênero. Mas é a realidade. É o cristão egoísta e é assim que eles veem. É uma verdade. Nesse protesto o povo cristão deveria parar e pensar.</p>
<p>5) Como você enxergou as discussões em redes sociais a respeito dos enredos do carnaval 2020?</p>
<p>Na internet cada um põe seu ponto de vista e a gente vive uma democracia, mas as opiniões são sadias só que existem pessoas muito radicais. A violência mostra como o povo tá impaciente umas com as outras, o cunho emocional está perdendo controle, mas quando não há violência é tudo muito proveitoso.</p>
<p>6) Como você enxerga a contrariedade dos grupos sociais que se identificam com esses temas polêmicos do carnaval 2020?</p>
<p>Eu acho que o político tá num cargo onde vai ser massacrado de forma positiva ou negativa, ele tem que fazer uma autoanálise. E a igreja tem que fazer uma autoanálise dos seus posicionamentos. É a forma que eles têm de protestar.</p>
<p>7) Você vê a utilização desses temas nos enredos como um ataque aos criticados ou apenas uma crítica de quem não se vê observado?</p>
<p>Eu acho que eles não são observados, sem dúvida que é pra aparecer. O grande manifesto é em favor de uma minoria que não é enxergada pela igreja, eles tão me dizendo também sou humano. E no caso da política é como se estivessem dizendo: “o povo tá de olho”. É pra fazer o povo refletir e questionar. Talvez o egoísmo e o fato de ter sempre a minoria, a gente se acomoda e não lhes dá muita importância. Acho que a grande parte diz, se eu estou bem não preciso me preocupar como resto. A gente vive um tempo de egoísmo.</p>
<p>8) Em que medida você crê que esses assuntos, por si só, podem gerar atritos sociais?</p>
<p>É como diz, religião e política não se discute, a esquerda não concorda com a direita e vice versa e no caso da religião cada um tem seu ponto de vista. Sempre esses assuntos vão gerar atrito porque cada um quer impor sua opinião. Onde cada um deveria respeitar a opinião do outro, sentar conversar e viver bem com as diferenças.</p>
<p>9) Você acha que estas discussões nos meios virtuais podem gerar violência urbana?</p>
<p>Eu acho que sim. Tem até grupos que marcam encontro pra promover baderna de cunho políticos e ideológicos. Eu acho que a violência já está dentro da gente, só precisamos de um motivo, poderia ser por qualquer outra coisa. Depende da pessoa.</p>
<p>10) Como você observou a divulgação sobre os temas polêmicos do carnaval 2020?</p>
<p>A grande mídia do Rio de Janeiro, eu a enxergo com um direcionamento, ela é sempre a favor e estimula determinadas situações, não é imparcial. A pessoa que tem um pouco de senso percebe. Cada uma segue o que acredita ser bom pra ela. Jogo de interesse. Eu creio que tem um lado que é menos destruidor. Se a gente não tomar cuidado a mídia pode instalar o caos no país. E com a ajuda dos formadores de opinião, eles criam suas próprias verdades.</p>

11) Você acha que a mídia jornalística deve apenas apresentar os fatos ou ela pode emitir opiniões? Ao emitir opiniões esta mesma mídia não pode estar criando atritos com a parte da população que pensa diferente?
O jornal informa, mas acho que a partir dali as pessoas deveriam investigar mais. Tem outras formas de procurar mais. Com certeza todos, sem exceção, passam o seu posicionamento. A mídia cria atritos com quem pensa diferente, não sei se é proposital. Eles poderiam fazer de forma diferente, mas não vão. Não é o objetivo.
12) Você acha que a forma como estes temas foram comentados ou divulgados poderiam ter sido diferentes? Como você acha que isso poderia ter sido feito?
Muito pelo contrário, eles querem mesmo fazer o circo pegar fogo, para que se fale bastante sobre isso. Quando eles falam de religião, eles falam de forma bem irônica, debochada. Eles não têm interesse de apaziguar porque tem o público que consome. Eu acho que não tem como expor de forma que não gere atrito, sempre vai ter incomodo. Parece que o povo de comunidade vive em uma cidade diferente, depois que atravessa o túnel parece que estamos em outro Estado.
13) A mídia jornalística tem um papel fundamental no debate público pois é por meio dela que o cidadão fica sabendo sobre determinados assuntos. Em um assunto delicado como esse de que modo você acha que ela deve observar os sentimentos e necessidades da população?
Eu acho que de alguma forma a informação vai ser passada e ela vai desagradar. Acho que não existe interesse de não gerar atrito. Mas teria como fazer se ela fosse imparcial, por que a informação é sempre passada pela visão da emissora.
14) Você acha que a violência na comunicação social se dá pela falta de sensibilidade dos meios de comunicação tratar o assunto ou por que a população não está preparada para esta discussão?
Eu acho que a população nunca foi preparada para a discussão, a gente nunca foi preparado para questionar, só é possível preparar a população a partir da nova geração, com uma educação que desenvolva o senso crítico, a busca por informação.
15) Você crê que a violência na comunicação do cidadão brasileiro é comum ou determinada temas e formas de expô-los servem de estopim para a violência?
Está no cidadão com certeza, a gente chegou em um nível de impaciência terrível, como a gente não vê melhoria, a população vai se desgastando. A população está cansada, então pra ela tanto faz se vai machucar o outro. Como a sociedade quer resolver algo que não sabe resolver, são gerados atritos. A gente não tem quem nos represente.
16) As notícias veiculadas pela mídia jornalística sobre o assunto lhe causam qual tipo de sentimento?
Pra mim é indiferente, eu não me importo. A questão da política mostra que a gente não sabe votar. Eu tenho sentimento de tristeza porque eu tenho a consciência que eles não estão errados, pois o lado da religião está egoísta. Mas eles não tão errados não.
17) Explique como você desejaria que ocorresse a repercussão desses assuntos.
Eu acho que seria pra reflexão, tem que servir pra alguma coisa, pro povo pensar e fazer uma autoanálise. Eles estão no direito deles de se manifestar. A questão da ofensa é particular. Não tem o que mudar é isso mesmo. O carnaval é o complemento daquilo que a mídia já vem passando há muito tempo. Eles pegam essa informação põe na avenida e isso vai pro mundo. As mídia dão combustível para que a escola utilize esses assuntos.
18) Qual sua observação sobre o conjunto temas polêmicos do carnaval 2020, mídia jornalística, mídia sociais e violência?
O que a mídia passa vai refletir na sociedade e a sociedade vai refletir isso. Pra mim está tudo ligado. Eu acho que fora o carnaval que já pegou a informação da mídia, o

resto é o combustível que vai gerar violência, é um fluxo. Esse fluxo é coordenado para que haja atrito. (não sei porque) o conflito gera alguma coisa boa, mas que não é para a população.

19) Você enxerga a mídia jornalística como fomentadora deste tipo de discussão?

Ela tem interesse sim, além deles passarem a informação eles se posicionam, quando você se posiciona você quer alguma coisa. Então acho que eles têm interesses.